

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, ARTE E HISTÓRIA DA
CULTURA

DOUGLAS NEGRISOLLI

OS SALÕES DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ: de 1968 a 1985

SÃO PAULO

2011

DOUGLAS NEGRISOLLI

OS SALÕES DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ: de 1968 a 1985

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie, como Requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação, Arte e História da Cultura

Orientador: Prof. Dr. Norberto Stori

SÃO PAULO

2011

N392s

Negrisolli, Douglas

Os Salões de Arte Contemporânea de Santo André : de
1968 a 1985 / Douglas Negrisolli – São Paulo, 2011
185 f. : il. , 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da
Cultura) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.
Referências bibliográficas: f. 176-185.

1. Arte contemporânea. 2. Arte brasileira. 3. Santo André.
4. Salões de arte. 5. Micro história. I. Título.

CDD 709.04

DOUGLAS NEGRISOLLI

OS SALÕES DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ: de 1968 a 1985

Dissertação apresentada à Universidade
Presbiteriana Mackenzie, como Requisito
parcial para a obtenção do título de Mestre
em Educação, Arte e História da Cultura

Aprovado em

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr Norberto Stori – Orientador
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr Marcos Rizolli
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof. Dr Percival Tirapelli
UNESP- Universidade Estadual Paulista

A minha querida família por ter
me apoiado; a Deus por
permitir viver mais este sonho.

AGRADECIMENTOS

A todos que me apoiaram nessa difícil missão de trazer à tona algo que estava quase esquecido.

Agradeço a minha família em especial meus pais que custearam o curso e acreditam em meus sonhos.

Agradeço a todos professores e colegas do Mackenzie que me apoiaram e me deram forças para prosseguir. Em especial o orientador desta pesquisa, Prof Dr Norberto Stori que além de seu trabalho de orientar a pesquisa, me incentivou a pensar no ofício de Curador. Ao prof. Dr Marcos Rizolli e a prof. Dra Maria Aparecida Aquino, pelas orientações e ajuda. A Pritt Amaral por estar presente sempre.

Agradeço de forma muito especial o professor Percival Tirapeli que durante todo este tempo apoiou e colaborou com a pesquisa.

Agradeço a todos da Prefeitura Municipal de Santo André e da Casa do Olhar pela ajuda e a abertura da reserva técnica para que esta pesquisa se tornasse realidade.

Agradeço a Prof Marli Charbel por todos os anos dedicados a me ensinar inglês e francês para que eu pudesse seguir os meus estudos, e por sua grande generosidade em nunca ter cobrado nenhum centavo para isso.

Agradeço aos artistas que colaboraram com a pesquisa em especial os que abriram seus ateliês e me receberam para também iniciar este ofício de curador. Agradeço ao Enock Sacramento por responder todas as consultas e dúvidas tão prontamente e por ajudar com a pesquisa.

Agradeço a Prof. Dra Marcia Tiburi por toda a inspiração, ao Prof. Dr Paulo Roberto Araújo pela ajuda com teorias, todos os funcionários do Mackenzie pelo carinho.

Este trabalho de pesquisa foi financiado em parte pela bolsa Fundo Mackenzie de Pesquisa e CAPES/cnpq

*Uma multidão de crianças
Que só queria brincar portando espadas de
papel
Perdeu-se no tempo*

(João Suzuki, 1966)

RESUMO

Esta pesquisa trata sobre o início dos Salões de Arte Contemporânea de Santo André, na região do Grande ABC em São Paulo quando foi concebido e no momento que o evento é inserido no calendário das Artes nacionalmente. Os Salões de Arte de Santo André colaboram com a construção da cena artística relevando a produção nacional e tornando-se um importante difusor da arte frente os processos de redemocratização no período do regime militar. O trabalho consiste na construção de uma historiografia dos Salões de Arte incluindo os artistas ganhadores dos “Prêmios Aquisição” a partir de 1968 quando ocorreu sua criação, até 1985 quando os Salões continuam em meio as discussões político-sociais no epicentro da construção de uma nova democracia. Os movimentos sociais na região do ABC paulista culminam e colaboram para os processos de redemocratização e atingem seu ápice quando o Congresso Nacional aprova o voto universal e garante as eleições diretas para prefeito e presidente.

Palavras- Chave: Arte Contemporânea – Arte Brasileira – Santo André – Salões de Arte – Micro-História

ABSTRACT

This research deals with the beginning of the Halls of Contemporary Art in Santo André, in the Greater ABC region in São Paulo when he was conceived at the time and that the event is inserted in the calendar of Arts nationally. The Halls of Contemporary Art in Santo André collaborate with the construction of the art scene noting the national production and becoming an important disseminator of the art forward processes of democratization in the period of military rule. The work consists the construction of a historiography of art fairs including artists winners of the "Purchase Awards" from its inception in 1968 when it occurred, until 1985 when the Halls are still in the midst of discussions on political and social epicenter of the construction of a new democracy. Social movements in the region ABC Paulista and collaborate to culminate the process of democratization and reach its peak when the National Congress approves and guarantees universal suffrage direct elections for mayor and president.

Key Words: Contemporary Art - Brazilian Art – Santo André - Art Salons -
Micro- History

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - O PREFEITO FIORAVANTE ZAMPOL DANDO INÍCIO SIMBÓLICO DAS OBRAS NO CENTRO CÍVICO (GAIARSA, 1991, P. 157)	34
FIGURA 2 - TAPEÇARIA BURLE MARX – NA REAPRESENTAÇÃO AO PÚBLICO APÓS O RESTAURO PELA PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ. 5 DE NOV DE 2007	38
FIGURA 3 - CATÁLOGO DO I SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	41
FIGURA 4 – ARNALDO FERRARI.....	43
FIGURA 5 – HUMBERTO ESPÍNDOLA.....	44
FIGURA 6 – O HOMEM CHEGA À LUA 1969	47
FIGURA 7 – “HANS É HOMENAGEADO EM SALA ESPECIAL”	48
FIGURA 8 – ANTÔNIO HENRIQUE AMARAL.....	50
FIGURA 9 – HERMELINDO FIAMINGHI	52
FIGURA 10 – LOTHAR CHAROUX	53
FIGURA 11 – MARIA AUXILIADORA DA SILVA	55
FIGURA 12 – ARMANDO MORAL SENDIN	58
FIGURA 13 – REPRODUÇÃO DO CATÁLOGO DO II SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ.....	57
FIGURA 14 – ALEX VALLAURI	61
FIGURA 15 – ERNESTINA KARMAN.....	63
FIGURA 16 – THOMAZ IANELLI	64
FIGURA 17 – PEDRO TORT	65
FIGURA 18 - REPRODUÇÃO DO CATÁLOGO DO IV SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ.....	67
FIGURA 19 – ERMELINDO NARDIM	68
FIGURA 20 –JONATHAN CELESTINO SANTOS	69
FIGURA 21 – JOÃO SUZUKI.....	70
FIGURA 22 – JORNAL O REPÓRTER.....	73

FIGURA 23 - REPRODUÇÃO DA CAPA DO CATÁLOGO DO V SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ.....	74
FIGURA 24 - SINVAL CORREIA SOARES.....	75
FIGURA 25 - REPRODUÇÃO DA CAPA DO CATÁLOGO DO VI SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ.....	81
FIGURA 26 - RUBENS VAZ IANELLI	82
FIGURA 27 - RECORTE DO JORNAL <i>O CORREIO METROPOLITANO</i> . 8 DE ABRIL DE 1973.....	84
FIGURA 28 - REPRODUÇÃO DO CATÁLOGO DO VII SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ.....	86
FIGURA 29 - LOTHAR CHAROUX	87
FIGURA 30 - FERNANDO DUVAL.....	88
FIGURA 31- ILSA LEAL FERREIRA.....	90
FIGURA 32 - EMÍLIO MIGUEL ABELLÁ	91
FIGURA 33 - REPRODUÇÃO DA CAPA DO CATÁLOGO DO VIII SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ.....	94
FIGURA 34 - JAIME YESQUENLURITA.....	95
FIGURA 35 - NIOBE NOGUEIRA XANDÓ.....	96
FIGURA 36 - REPRODUÇÃO DA CAPA DO CATÁLOGO DO IX SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ.....	98
FIGURA 37 - CLÓVIS IRIGARAY	99
FIGURA 38 - CLÓVIS IRIGARAY	100
FIGURA 39 - <i>SANTO ANDRÉ SUBSTITUI SALÃO DE ARTE</i>	101
FIGURA 40 - REPRODUÇÃO DA CAPA DO CATÁLOGO DO I SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA	105
FIGURA 41 - SERGIO NICULITCHEFF.....	106
FIGURA 42 – PICHAÇÃO VIRA ARTE NO SALÃO DE SANTO ANDRÉ.....	110
FIGURA 43 - REPRODUÇÃO DA CAPA DO CATÁLOGO DO II SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA	111
FIGURA 44 - REPRODUÇÃO DO TEXTO DO CATÁLOGO DO II SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA	111
FIGURA 45 - HUDNILSON URBANO JUNIOR.....	112
FIGURA 46 - LUCIO KUME	113

FIGURA 47 - REPRODUÇÃO DO TEXTO DO CATÁLOGO DO III SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA	115
FIGURA 48 - REPRODUÇÃO DO CATÁLOGO DO III SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA.....	116
FIGURA 49 - DÉCIO SONCINI	117
FIGURA 50 - FRANCISCO GONZALEZ	118
FIGURA 51 - FLÁVIO DE CAMPOS BASSANI.....	119
FIGURA 52 - HIRO KAI	120
FIGURA 53 - REPRODUÇÃO DO CATÁLOGO DO IV SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA.....	122
FIGURA 54 - SERGIO ROMAGNOLO	123
FIGURA 55 - RENATO BRANCATELLI	124
FIGURA 56 - LUCIO MARIA MORRA.....	128
FIGURA 57 - GASTÃO DE MAGALHÃES	127
FIGURA 58 - REPRODUÇÃO DO CATÁLOGO DO V SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA.....	128
FIGURA 59 - REPRODUÇÃO DO TEXTO DO V SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA.....	129
FIGURA 60 - GASTÃO DE MAGALHÃES	130
FIGURA 61 - REPRODUÇÃO DO CATÁLOGO DO X SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ.....	133
FIGURA 62 - CHARBEL HANNA EL OTRA.....	134
FIGURA 63 - GRACIELA RODRIGUES DAVOLLI.....	135
FIGURA 64 - HANS SULLIMAN GRUDZINSKI.....	136
FIGURA 65 - HIRO KAI	137
FIGURA 66 - ORLANDO GUERREIRO	137
FIGURA 67 - VALDO RECHELO	138
FIGURA 68 - VERA CERQUEIRA.....	139
FIGURA 69 - REPRODUÇÃO DO CATÁLOGO DO XI SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ.....	141
FIGURA 70 - DIANA MÁRTIRE.....	142
FIGURA 71 - DIANA MÁRTIRE.....	143

FIGURA 72 - MARTINS DE PORANGABA.....	144
FIGURA 73 - MARTINS DE PORANGABA.....	144
FIGURA 74 - ODAIR MAGALHÃES.....	145
FIGURA 75 - ODAIR MAGALHÃES.....	145
FIGURA 76 - RÉGIS MACHADO.....	146
FIGURA 77 - RÉGIS MACHADO.....	146
FIGURA 78 - WALTER MIRANDA.....	147
FIGURA 79 - WALTER MIRANDA.....	147
FIGURA 80 - WALTER MIRANDA.....	147
FIGURA 81 - <i>HAPPENING</i> DE WALTER MIRANDA.....	150
FIGURA 82 - REPRODUÇÃO DO CATÁLOGO DO XII SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ.....	151
FIGURA 83 - ADERBAL MOURA.....	152
FIGURA 84 - ALLAN KARDEC CARDOSO TEIXEIRA (DEK).....	152
FIGURA 85 - DINA OLIVEIRA.....	153
FIGURA 86 - HANS SULLIMAN GRUDZINSKI.....	154
FIGURA 87 - HANS SULLIMAN GRUDZINSKI.....	154
FIGURA 88 - HANS SULLIMAN GRUDZINSKI.....	154
FIGURA 89 - JOÃO SUZUKI.....	155
FIGURA 90 - MARIA BERALDA ASTENFELDER SANTOS.....	155
FIGURA 91 - MÁRIO FIORE MOREIRA JUNIOR.....	156
FIGURA 92 - MARTINS DE PORANGABA.....	156
FIGURA 93 - PERCIVAL TIRAPELI.....	157
FIGURA 94 - VALDIR SARUBI.....	159
FIGURA 95 - VICTOR REIF.....	159
FIGURA 96 - WALTER MIRANDA.....	160
FIGURA 97 - REPRODUÇÃO DO CATÁLOGO DO XIII SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ.....	162
FIGURA 98 - GERALDO DE BARROS.....	164
FIGURA 99 - HANS SULLIMAN GRUDZINSKI.....	165
FIGURA 100 - HANS SULLIMAN GRUDZINSKI.....	165

FIGURA 101 - HANS SULLIMAN GRUDZINSKI.....	165
FIGURA 102 - JADIR FREIRE	166
FIGURA 103 - NORBERTO STORI	167
FIGURA 104- ODAIR MAGALHÃES	168
FIGURA 105 - ODAIR MAGALHÃES	168
FIGURA 106 - ODAIR MAGALHÃES	168

SUMÁRIO

GLOSSÁRIO	18
APRESENTAÇÃO	19
INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 1: OS SALÕES DE SANTO ANDRÉ DE 1968 a 1972	31
1.1 I SALÃO DE ARTE DE SANTO ANDRÉ	37
1.2 II SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	47
1.3 III SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	59
1.4 IV SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	66
1.5 V SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	72
CAPÍTULO 2: OS SALÕES DE SANTO ANDRÉ, DE 1973 A 1977	79
2.1 IV SALÃO DE ARTE DE SANTO ANDRÉ	79
2.2 VII SALÃO DE ARTE DE SANTO ANDRÉ	85
2.3 VIII SALÃO DE ARTE DE SANTO ANDRÉ	93
2.4 IX SALÃO DE ARTE DE SANTO ANDRÉ	97
CAPÍTULO 3: OS SALÕES DE SANTO ANDRÉ DE 1978 A 1985	103
3.1 I SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	103
3.2 II SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	108
3.3 III SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	115
	16

3.4	IV SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	121
3.5	V SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	128
3.6	X SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	132
3.7	XI SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	140
3.8	XII SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	149
3.9	XIII SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	161
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
	BIBLIOGRAFIA	175

GLOSSÁRIO

PMSA – Prefeitura Municipal de Santo André

UNE – União Nacional dos Estudantes

UBES – União Brasileira dos Estudantes Secundaristas

DEOPS - Departamento de Ordem Política e Social

APRESENTAÇÃO

O interesse em estudar Artes veio desde a graduação de História, quando me formei em 2007. Seguindo uma proposta que desenvolvi ao longo do curso de História, relacionando Arte Pop e sua origem com o Pop no Brasil, pude descobrir as várias vertentes na História da Arte.

O despertar para estudar algo da região do ABC Paulista, mais especificamente da cidade de Santo André, veio desde o tempo da graduação. O regionalismo e as questões sociais acerca do ABC, que sempre estiveram muito presentes no Centro Universitário Fundação Santo André – onde me formei –, colaboraram para o meu interesse em questões da região, como também o fato de eu ter nascido e sido criado na mesma cidade.

Entretanto, faltava uma ideia e esta foi sugerida pelo professor Percival Tirapeli, enquanto assistia a uma de suas aulas sobre Arte Brasileira. Em uma conversa, contei a ele que gostaria de fazer um projeto de relevância para minha cidade, para a região como um todo e também para os artistas do País, podendo colaborar com a História da Arte nacional. O professor, então, sugeriu que eu investigasse os *Salões de Arte Contemporânea de Santo André* – o qual eu já havia visitado, mas não conhecia sua importância histórica na região.

Iniciei a pesquisa em 2009 e fiquei empolgado pela possibilidade de estudar o acervo rico, mas, paradoxalmente, mal conservado por quase quarenta anos.

Fiquei entusiasmado, quando fui aprovado no programa de Pós-Graduação em Educação, Artes e História da Cultura no Mackenzie, para realizar esta pesquisa

sob a orientação do Prof. Norberto Stori, que também participou desse Salão, e ganhou um prêmio no ano de 1985.

Continuei com a pesquisa e, desde então, as possibilidades foram aumentando cada vez mais, com a Prefeitura concedendo autorização para entrar no espaço (que é restrito a funcionários), a fim de pesquisar as obras e o conjunto de documentos e atas dos Salões de Arte.

Iniciei o trabalho organizando alguns documentos e fazendo a digitalização das imagens de todos os catálogos do Salão, não só para que a pesquisa acontecesse de forma mais rápida, mas também para que os arquivos pudessem ser guardados de maneira a perpetuar as informações em papel, visto que muitos já apresentam sinais de decomposição.

O desejo de aprender mais sobre os artistas que passaram por Santo André é também o desejo de contribuir para a memória da região, como um importante centro difusor na contemporaneidade da nossa democracia, sobretudo, com as aspirações da redemocratização do País, com as grandes greves trabalhistas e movimentos sociais, levando em consideração a Arte jovem e os movimentos dos artistas.

Colaborar com o acesso à informação, trazendo à tona a riqueza de um acervo como o da Prefeitura da Cidade de Santo André, é imprescindível para que o patrimônio histórico que a minha cidade possui, seja sempre mostrado, lembrado e, principalmente, conservado para as gerações futuras.

INTRODUÇÃO

Os Salões de Arte Contemporânea de Santo André fazem parte do período de modernização que a cidade de Santo André passou, a partir da década de 60, bem como a região industrial do ABC. E os eventos de Artes visuais culminam com o final da construção do novo Centro Cívico, pois havia a necessidade de se mostrar o que era feito na cidade, tanto na produção artística quanto em proporcionar novas opções de lazer e cultura aos habitantes da cidade.

Os eventos de Arte nacional já ocorriam em São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, cidades vizinhas de Santo André, porém, nestas cidades, os eventos de Salão de Arte não ocorreram ininterruptamente, tiveram intervalos de mais de vinte anos para retornar com a programação. Mas o Salão de Arte Contemporânea de Santo André, que apenas sofreu mudanças nos nomes, em algumas gestões administrativas, aconteceu sequencialmente, durante quase quarenta anos, e por isso, exibe relevante acontecimento linear dentro do cenário artístico nacional, constando do calendário de Artes Visuais do País.

A pesquisa dos Salões de Arte será conduzida por conceitos que Silvio Zamboni (2006) explica no livro *A Pesquisa em Arte: um paralelo entre Arte e Ciência*, como a necessidade de um método que parte de três conceitos: evidência, divisão, ordem e enumeração.

O acontecimento do evento é o objeto do estudo desta pesquisa, juntamente com a ação da descoberta de um acervo, advindo das aquisições de objetos que fazem parte da história dos Salões de Arte.

Na perspectiva de Foucault (2005), para que o objeto histórico tenha valor é necessário que possa estabelecer vínculo com a própria história, estabelecer diálogo, discussão e interlocução; Zamboni (2006, p. 40) comenta sobre o objeto artístico, que pode ser lido numa realidade inteirada no período histórico na qual ela foi produzida e na qual o artista viveu: “a obra de Arte tem significado e sentido dentro de sua época e está condicionada aos paradigmas vigentes nesse momento histórico”.

O local onde o artista produziu a obra é importante, mas não foi o objeto principal do estudo deste trabalho, devido à limitação de dados de uma grande maioria dos participantes e a extensão dos eventos, o que dificulta o processo de pesquisa. Neste quesito, conforme sugere Foucault, a pesquisa foi desenvolvida com a noção de *descontinuidade*, ou seja, a escolha do historiador das análises sistemáticas, dos métodos e períodos mais convenientes, como explica o autor:

[...] a noção de descontinuidade toma um lugar importante nas disciplinas históricas. Para a história, em sua forma clássica, o descontínuo era, ao mesmo tempo, o dado e o impensável; o que se apresentava sob a natureza dos acontecimentos dispersos - decisões, acidentes, iniciativas, descobertas - e o que devia ser, pela análise, contornado, reduzido, apagado, para que aparecesse a continuidade dos acontecimentos. A descontinuidade era o estigma da dispersão temporal que o historiador se encarregava de suprimir da história. Ela se tornou, agora, um dos elementos fundamentais da análise histórica, onde aparece com um triplo papel. Constitui, de início, uma operação deliberada do historiador (e não mais o que recebe involuntariamente do material que deve tratar), pois ele deve, pelo menos a título de hipótese sistemática, distinguir os níveis possíveis da análise, os métodos que são adequados a cada um, e as periodizações que lhes convêm. É também o resultado de sua descrição (e não mais o que se deve eliminar sob o efeito de uma análise), pois o historiador se dispõe a descobrir os limites de um processo, o ponto de inflexão de uma curva, a inversão de um movimento regulador, os limites de uma oscilação, o limiar de um funcionamento, o instante de funcionamento irregular de uma causalidade circular. (FOUCAULT, A arqueologia do Saber, 2005, p. 9)

A necessidade de se minimizar o conteúdo histórico do local da criação da obra, e em alguns casos do autor, para dar lugar à evidência da pesquisa que são

os Salões de Arte Contemporânea de Santo André, deveu-se, por exemplo, para revelar informações que os “Prêmios Aquisição” nos dão sobre o foco do evento e quais as informações que os objetos de arte carregam com eles.

O objetivo relevante, portanto, é de criar uma historiografia do Salão, de maneira que sejam reveladas algumas ênfases em sua trajetória, levando em consideração o momento político que o País atravessava, dentro do período escolhido da ruptura, de 1968 a 1985.

Enquanto analisa as unidades do discurso, Foucault (2005) rejeita o uso de uma história globalizante e aceita o nível da descontinuidade na história, para que ela possa ser estudada, mas ao mesmo tempo, não vê o tempo histórico como caixas separadas, sem relações. O autor as vê como totalmente relacionáveis entre as instâncias do poder e seu jogo.

Sobre o caráter globalizante da história, Argan (2005) também rejeita sua definição e afirma que, mesmo que fosse possível encontrar dados precisos sobre o local e concepção de uma obra artística, haveria ainda problemas sobre o significado e sobre seu alcance. O caráter de uma história não globalizante na modernidade, mas ao mesmo tempo conectada com os movimentos e relações externas e internas, traz ao estudo (inclusive na História da Arte) a tarefa de vincular os eventos que possam ser ligados e quebrar velhos paradigmas europeizantes e americanizados que existem, sobre a criação de um movimento artístico de vanguarda, sempre associados a algum movimento externo.

Como no exemplo da Arte contemporânea, Giulio C. Argan (1992, p. 507) comenta que “não há mais um centro e uma periferia, pois faz-se Arte Moderna no

Japão e na América Latina”, portanto, cabe ao historiador investigar as ligações pertinentes a alguns movimentos.

No livro *História da Arte como História da cidade*, Argan (2005, p. 15) cita a escolha do historiador de Artes: “... e o próprio historiador não pode eximir-se da pesquisa direta, pois se o propósito é original, não pode deixar de exigir a inclusão de novos documentos, ou uma interpretação diferente das já conhecidas”.

As obras dos Salões serão analisadas correspondendo a alguns autores de apoio, para melhor interpretar cada período. Por exemplo, quando for estudado o conceito do Neoconcretismo¹, serão feitos à luz do autor Ronaldo Brito (1985); quando estudados conceitos da Arte Conceitual, será através da sugestão de Godfrey, onde:

[a Arte Conceitual] não pode ser definida em termos de instrumentação ou estilo, mas antes pela questão de o que é Arte. Em particular, Arte Conceitual desafia o status da Arte tradicional como objeto único, colecionável ou vendável. Porque o trabalho [artístico] não tem uma forma tradicional e isto demanda uma resposta mais ativa do observado [...]. (GODFREY, 1998, p. 4)

Na relação temporal, surgem diversos paradigmas quanto ao conceito de modernidade e contemporaneidade. O conceito de Arte Moderna pode ser compreendido segundo o autor Eduardo Subirats, onde ele afirma:

[...] o surgimento de um ‘estilo moderno’ não pode ser compreendido num sentido estético estrito, sem levar em consideração essa perspectiva sobre uma crise social e cultural... A nova função da Arte, elaborada ao longo dos agitados anos que mediaram entre o primeiro quadro expressionista e os primeiros objetos de desenho da Bauhaus, compreendia, no aspecto

¹ “A ruptura Neoconcreta na arte brasileira data de março de 1959, com a publicação do Manifesto Neoconcreto pelo grupo de mesmo nome, e deve ser compreendida a partir do movimento concreto no país, que remonta ao início da década de 1950 e aos artistas do Grupo Frente, no Rio de Janeiro, e do Grupo Ruptura, em São Paulo. Tributária das correntes abstracionistas modernas das primeiras décadas do século XX - com raízes em experiências como as da Bauhaus, dos grupo De Stijl [O Estilo] e Cercle et Carré, além do suprematismo e construtivismo soviéticos -, a arte concreta ganha terreno no país em consonância com as formulações de Max Bill, principal responsável pela entrada desse ideário plástico na América Latina, logo após a Segunda Guerra Mundial (1939-1945).” (ITAÚ CULTURAL, 2008)

formal, uma radicalizada liberdade de experimentação e busca, porque seu conteúdo estético definia-se como a utopia de uma nova ordem social, precisamente aquela que continha uma esperança na emancipação humana. (SUBIRATS, 1991, p. 112)

O conceito de Arte Moderna diverge entre vários estudiosos das Artes. A autora Amy Dempsey (2003) utiliza, a rigor, o conceito de moderno, após o surgimento das vanguardas posteriores ao Fauvismo, em meados de 1900. Para esta pesquisa, que envolve diversos estilos entre os anos 1968 a 1985, o conceito de modernismo não se aplica, pois está intimamente ligado ao tempo que ocorreu e à metáfora da ruptura com a Arte produzida anteriormente.

Segundo Giulio C. Argan (1992, p. 185), o conceito de modernismo aplica-se às “correntes artísticas que, na última década do século XIX e na primeira do século XX, propõem-se a interpretar, apoiar e acompanhar o esforço progressista e econômico-tecnológico da civilização industrial”.

A tentativa de ruptura nas Artes inicia-se na década de 50, com movimentos como o da Pop Arte², que começam a tomar forma na nova metrópole das Artes: Nova Iorque. O termo *contemporâneo* está mais perto de definir o que é produzido após os anos de 1950, nas Artes Visuais. Sobre a questão da contemporaneidade nas Artes, a crítica de arte Kátia Canton comenta:

Diferentemente da tradição do novo, que engendrou experiências que tomaram corpo a partir do século XX, com as vanguardas, a Arte contemporânea que surge na continuidade da era moderna se materializa a partir de uma negociação constante entre Arte e vida, vida e Arte. Nesse campo de forças, artistas contemporâneos buscam sentido, mas o que finca seus valores e potencializa a Arte contemporânea são as inter-relações entre as diferentes áreas do conhecimento humano. (CANTON, 2009, p. 49)

² **Pop Arte** foi um movimento artístico “originário na Inglaterra em meados dos anos 1950, a Pop Art desenvolveu todo o seu potencial nos Estados Unidos nos anos 60 do século XX. Substitui o dia-a-dia pelo esplêndido; artigos de produção em massa tem a mesma importância do que peças únicas; a diferença entre cultura elevada e cultura popular desaparece. Os media e a publicidade são temas preferidos da Pop Art, que celebra a sociedade de consumo com a sua moda espirituosa” (HONNEF, 1992)

A Arte Contemporânea e, por sua vez, o artista contemporâneo, tentam estabelecer um diálogo entre sua própria experiência e a experiência coletiva, cativando o olhar do espectador, que volta a participar das Artes Visuais como um importante instrumento, até mesmo de participação, em uma relação pragmática entre artista x público.

A possibilidade de produção autônoma no Brasil dá a chance aos artistas locais de entenderem o mundo de uma forma cada vez mais específica e pessoal, mas que incluem o momento político que se apresentava após o início do Regime Militar, em 1964.

A característica de denúncia está presente em parte dos movimentos que ocorreram no Brasil, muitas vezes ligados a movimentos de esquerda, os artistas propuseram as mais diversas formas de expressar o que sentiam e com as mais variadas referências da Arte Internacional, com a nítida noção de que estavam participando ao mesmo tempo naquela sociedade.

O papel do artista no Brasil difere um pouco do papel entendido no restante do mundo. Sobre os artistas inseridos no movimento Concreto³ e Neoconcreto, a autora Daisy Alvarado explica que:

³ A **Arte Concreta** deve ser compreendida como parte do movimento Abstracionista moderno, com raízes em experiências como a do grupo De Stijl [O Estilo], criado em 1917, na Holanda por Piet Mondrian (1872-1944), Theo van Doesburg (1883-1931), Gerrit Thomas Rietveld (1888-1964), entre outros. A abstração geométrica testada pelo grupo holandês ecoa, com novos matizes, no manifesto Arte Concreta, redigido por Van Doesburg, em 1930, em oposição a outras tendências abstratas, por exemplo, as professadas pelo grupo Cercle et Carré, fundado em 1929 pelo crítico Michel Seuphor (1901-1999) e o pintor Joaquín Torres-García (1874-1949), em Paris. O termo arte concreta é retomado por outros artistas, como Wassily Kandinsky (1866-1944) por exemplo, popularizando-se com Max Bill (1908-1994), ex-aluno da Bauhaus. (ITAÚ CULTURAL, 2010)

[...] o papel do artista é outro, o de revolucionário e conseqüente, e sua Arte definida como instrumento a serviço da revolução social, buscando travar contatos com bases universitárias, operárias e camponesas. Essa dinâmica cultural foi bastante afetada pela instauração do regime militar, cabendo às elites intelectuais desempenhar um papel de resistência, até que ela fosse impossibilitada pelo AI-5, em 1968. Portanto, deve-se refletir que os processos artísticos [analisados, foram] influenciados de alguma forma por estes, emitindo sinais de protesto e prosseguindo na militância política na produção cultural - seqüência do cinema novo, teatro Opinião, teatro Oficina, a música dos jovens baianos.

Dois conceitos aparecem na pesquisa: o de entender que o artista faz a obra de Arte dentro de um tempo específico e que a produção pode ser direcionada para uma ou outra necessidade política. Segundo Rancière (2005, p. 16), há uma perspectiva na relação entre Arte e política, mas sem entender essa relação como “uma captura perversa da política por uma vontade da Arte”.

Movimentos artísticos como o Neoconcretismo, segundo Ronaldo Brito, possuem relação com os movimentos de esquerda e, através da teoria de Rancière, podemos melhor entender essa relação:

É na superfície plana da página, na mudança de função das “imagens” da literatura, ou na mudança do discurso sobre o quadro, mas também nos entrelaces da tipografia, do cartaz e das artes decorativas, que se prepara uma boa parte da “revolução anti-representativa” da pintura. (...) é parte integrante de uma visão de conjunto de um novo homem, habitante de novos edifícios, cercado de objetos diferentes... E a sua “pureza” anti-representativa inscreve-se num contexto de entrelaçamento da Arte pura e da Arte aplicada, que lhe confere, de saída, uma nova significação política. (RANCIÈRE, 2005, p. 22)

Sobre a linearidade da pesquisa, podemos abordar, de semelhante modo, a pesquisa do historiador de Arte Ernest Gombrich (2000). O autor trata da História da Arte e das Imagens, de forma linear, conectando os eventos necessários da vida social, às particularidades para se entender uma obra artística.

O posicionamento de Argan remete à estruturalização de eventos na Arte, que podem ser lidos de maneira singular e linear. Sobre esse conceito, Rodrigo Naves comenta, no prefácio do livro Arte Moderna:

Ao interpretar [o objeto artístico], Argan parte daquilo que ele mostra, dessa aparência *feita*, e busca estabelecer os tipos de relações que ele traz em seu “interior”. Nessa tarefa, todos os elementos têm, em princípio, a mesma importância – da fatura ao material empregado, das formas às imagens, da cor ao gesto. Por ser ele mesmo, objeto de Arte, essa rede de nexos correções que o vincula às demais esferas sociais, o esforço do crítico estará em compreender quais os que sobressaem em um determinado trabalho e em buscar suas significações. O caráter das relações estabelecidas numa obra de arte – sua forma – traz ao mesmo tempo o vínculo e a diferença com os demais aspectos da sociabilidade. (ARGAN, Arte Moderna, 1992, p. 11)

Nesta pesquisa, foi dada ênfase aos artistas que ganharam os “Prêmios Aquisição” e que deram continuidade à carreira artística, em sua trajetória no campo das Artes Visuais.

Há dificuldade para se encontrar os artistas, principalmente, os que estiveram ativos nas décadas de 70 e 80. Muitos deles estiveram relacionados com outras formas do saber, enquanto produziam Arte e construía suas carreiras, mas eventualmente, deixaram de produzir artisticamente para poderem se dedicar a outros ofícios.

Foi feito contato através de e-mail ou telefone com alguns artistas que foram encontrados, dentro do período desta pesquisa, para que enviassem seus currículos e pudessem fazer parte desta historiografia. Muitos, porém, não entregaram o material necessário, que é de extrema importância, pois quando queremos analisar uma obra é necessário conhecer a trajetória do artista. Em alguns momentos, não foi possível dissertar ou analisar a obra do artista, pois mesmo havendo o currículo, não foram encontrados dados suficientes para levantar os símbolos ou significados que o artista queria transmitir.

Pensando nas análises dadas e no suporte recebido, por ocasião da qualificação, foram feitas mudanças no modo em que estava construída a historiografia, para assim, abranger menos Salões e tornar o estudo mais enxuto e

menos exaustivo. Também foi aceito que as experiências críticas entre o movimento artístico e político pudessem se inter-relacionar melhor e com maior ênfase, para transmitir o conceito da interdisciplinaridade do curso de Mestrado.

A qualidade das fotos não é profissional, pois foram tiradas para fins de catalogação inicial, que até então era inexistente. Essa tarefa foi realizada, sobretudo, após meus incessantes pedidos à Prefeitura Municipal de Santo André, para que cedesse uma planilha com os nomes e informações técnicas relevantes sobre o acervo da cidade, a fim de que este trabalho de pesquisa pudesse ser executado. Inicialmente, comecei a trabalhar com a funcionária designada para fazer a catalogação, mas depois, fui proibido de cooperar, por questões trabalhistas.

A catalogação foi iniciada em meados de novembro de 2009 e recebi da Prefeitura Municipal o catálogo numa planilha eletrônica, bem como as fotos das obras de Arte, no dia 10 de agosto de 2011. Durante esse tempo, a pesquisa foi feita com os catálogos e fotos que já dispunha inicialmente, quando colaborei com a funcionária da Prefeitura, levantando os dados dos artistas, entrando em contato com famílias e procurando subsídios para que a pesquisa pudesse ser feita dentro do prazo.

Os capítulos da pesquisa são propostos a partir de uma divisão linear com a ruptura de eventos, no âmbito nacional, especialmente na esfera política.

O primeiro capítulo aborda de 1968 até 1972: do início dos Salões de Arte de Santo André, até 1972, quando a sociedade brasileira encontrou o momento mais duro da repressão policial do Regime Militar.

O segundo capítulo, de 1973 até 1977: os Salões de Arte passaram por modificações e trocou-se o nome para Salão de Arte Jovem. O período de repressão intensifica os movimentos sociais.

O terceiro capítulo, de 1978 até 1985: os Salões passaram por diversas mudanças e retaliações, viram o auge e o declínio, retomando o conceito inicial a partir de 1982, quando voltaram à contagem com o 10º Salão. Em paralelo, a flexibilização do Regime Militar, terminando com a eleição do Presidente Civil Tancredo Neves.

Os Salões continuaram em meio às discussões político-sociais, no epicentro da construção de uma nova democracia. Os movimentos sociais na região do ABC Paulista culminaram e colaboraram para os processos de redemocratização e atingiram seu ápice, quando o Congresso Nacional aprovou o voto universal e garantiu as eleições diretas para prefeito e presidente.

CAPÍTULO 1: OS SALÕES DE SANTO ANDRÉ DE 1968 a 1972

O conceito de Arte contemporânea é muito discutido entre vários historiadores de Arte e críticos, mas quase todos concordam que a produção chamada “contemporânea” aconteceu depois da Segunda Guerra Mundial, que exerceu profundas mudanças no comportamento e mentalidade vigentes.

Antes de 1968, já havia a tentativa de se realizar uma premiação de artistas plásticos dentro da região do ABC, mais especificamente, em Santo André.

No ano de 1964, o Prefeito recém-empossado, Fioravante Zampol⁴, promulgou a Lei 2.234 (ANEXO 3) de julho daquele ano, que discorria sobre a premiação anual de “Cr\$ 50.000,00 (cinquenta mil cruzeiros) e de Cr\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil cruzeiros), respectivamente, para os primeiros e segundos classificados nos diversos setores” (CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ, 1964).

Na ocasião, somente os artistas amadores, e que fossem residentes nas cidades de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Mauá e Ribeirão Pires, poderiam ganhar os prêmios.

Alguns fatores nos chamaram a atenção nessa lei que, oficialmente, iniciou a abertura da cidade, pelo poder público, às Artes Plásticas: só eram aceitos trabalhos que estivessem dentro da pintura, escultura e desenho.

⁴ No livro de Otaviano Gaiarsa, ele escreve que Fioravante Zampol assume o cargo por motivo de falecimento do Prefeito Lauro Gomes de Almeida, mas não esclarece como o Prefeito Lauro Gomes chegou ao poder. (GAIARSA, 1991)

Em 1964, o Brasil já estava inserido no grande cenário mundial de Artes, com a Bienal Internacional de Artes de São Paulo. O MASP e o MAM-SP eram incentivados pelo grande mecenato europeu, consolidado no Brasil, sobretudo, na São Paulo pós era cafeeira e então crescente era industrial.

Ao pensar que a cidade colocava esses padrões rígidos, aceitando apenas a pintura, a escultura e o desenho, ficou evidente que deixaram para trás as várias formas e linguagens artísticas que já aconteciam em grandes capitais, como Nova Iorque, a exemplo das *assemblages* de Jasper Johns⁵.

Outro fato importante observado é que a nomeação dos componentes da Comissão Julgadora era feita pela Secretaria de Cultura da Cidade, inclusive dando poderes a essa comissão de “reservar-se o direito de não conferir todos ou alguns dos prêmios, se concluísse que os trabalhos apresentados não possuísem suficiente valor artístico” (CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ, 1964).

Os registros que existem desse momento são insuficientes e, mesmo nos documentos oficiais existentes, há pouca referência sobre esses prêmios. Entretanto, eram datados pela Lei 2.234, para ocorrerem em setembro, em local previamente determinado.

⁵ O termo *assemblage* é anterior ao movimento da Pop Arte; este termo iniciou com Jean Dubuffet (1901- 1985), desde 1953, “para descrever alguns de seus trabalhos”. O conceito se refere a obras de Arte que possuem objetos que não foram concebidos especificamente para serem objetos de Arte, mas que são incorporados pelo artista, trazendo características físicas, segundo o curador do MoMa de Nova Iorque, William C Seitz. Ele descreve: “1- Mais do que pintadas, desenhadas, modeladas ou esculpidas, elas são predominantemente reunidas [*assembled*]. 2- Em parte ou inteiramente, seus elementos constitutivos são materiais, objetos ou fragmentos naturais pré-formados ou manufaturados, não pensados, a priori, como materiais de Arte” (DEMPSEY, 2003, p 216). Utilizo o exemplo de Jasper Johns, por entender que o movimento da Pop Arte, bem como o uso de novos materiais eram tendências globais e que futuramente seriam incorporadas no cenário das Artes Visuais no Brasil.

Ainda não havia sido construído o Paço Municipal de Santo André, que foi uma grande inovação plástica, colaborando para levar o pensamento modernista aos habitantes da cidade.

Historicamente, a formação de Santo André, como cidade consolidada, ocorreu muito lentamente e, devido à grande influência política na região, os movimentos emancipatórios começaram por São Bernardo do Campo (1949), São Caetano do Sul (1953), Ribeirão Pires e Mauá (1953).

Ao estudar a formação de Santo André, nos deparamos com duas cidades distintas: a primeira é a Vila de Santo André da Borda do Campo, fundada em 8 de abril de 1553, em algum lugar entre a Serra do Mar e o planalto de Piratininga, na “borda do campo”, e que viveu por apenas sete anos, quando, em 1560, teve sua Câmara transferida para o Pátio do Colégio de São Paulo. Dessa cidade, restam referências históricas em documentos da Câmara, cartas de jesuítas do Colégio de São Paulo, relatos de poucos viajantes e muitos estudos, desenvolvidos por todo o século XX, buscando identificar a localização exata de seu sítio histórico.

A segunda Santo André nasceu e se desenvolveu ao redor da antiga estação ferroviária de São Bernardo (hoje, [Estação Prefeito Celso Daniel]-Santo André) da Estrada de Ferro de São Paulo (São Paulo Railway), que depois veio a chamar-se Santos-Jundiaí. A primeira ferrovia a cortar o solo paulista, rompendo o isolamento que o planalto viveu durante todo o processo colonial. (PASSARELLI, 2005, p. 4)

Passando da fundação da cidade, até mais recentemente, o conceito de tempo certamente foi alterado pela vida moderna. Com a chegada dos imigrantes europeus, tendo o Estado concedido terrenos para os beneditinos, estes os vendiam a preços baixos aos imigrantes, para aqui se fixarem e abrirem negócios:

[...] foram eles os primeiros moradores estrangeiros nas terras havidas pelo governo, dos padres beneditinos, sediados na região ocupada por São Bernardo antigo e atual. Os mais idosos permaneceram junto às terras que lhes foram concedidas, enquanto que os mais jovens, por volta de 1905-10 tomaram diferentes rumos, aderindo à incipiente fase manufatureira que se instalara em Santo André, ou trabalhando nas fábricas de móveis em São Bernardo. (GAIARSA, 1991, p. 45)



Figura 1: O Prefeito Fioravante Zampol dando o início simbólico das obras no Centro Cívico (GAIARSA, 1991, p. 157)

O crescimento de Santo André e da região do ABC possui uma construção muito parecida, no que diz respeito à ocupação do território: foi através da ferrovia que encontrou-se uma dinâmica de escoamento dos produtos para São Paulo e para o Porto de Santos, entre tecidos e produtos metalúrgicos que eram produzidos na região.

A cidade de Santo André, em 1961, contava com 254 mil habitantes, e comparando com nove anos depois, o crescimento da cidade foi rápido e já contava com 420.828 habitantes, segundo registros oficiais da cidade (PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ, 1972, p. 5).

Com uma cidade em efervescência, mesmo que ainda dependente culturalmente de São Paulo, havia o interesse por parte dos políticos de modernizar a cidade, impulsionados pela construção de Brasília e o novo pensamento modernista, dentro da arquitetura e outras Artes.

Com várias tentativas de prefeitos anteriores e vários projetos faraônicos para a época, o Prefeito Fioravante Zampol iniciou a construção do Centro Cívico (FIGURA 1), em 1962. Sobre o local em que foi construído, o autor Octaviano Gaiarsa comenta:

O local, onde se elevam os edifícios do Centro Cívico, havia sido desapropriado em 1944, pelo decreto-lei nº 60, [...] Nesse local, antes do Centro Cívico, a prefeitura construiu vários pavilhões provisórios para a celebração do IV Centenário de Santo André, em 1953. Os “barracões”- como eram denominados, foram usados para a instalação das repartições, até a construção da grande obra.

O Centro Cívico era o marco da consolidação da sua situação financeira e, em certo sentido, demonstra também quanto evoluíram os homens que governaram a cidade. O conjunto teria custado a importância aproximada de dezessete milhões de cruzeiros, quando a arrecadação atingia a cifra de Cr\$170.000.000,00... O Centro Cívico foi denominado de “mini Brasília” pelo repórter do Jornal O Estado de São Paulo. (GAIARSA, 1991, p. 156).

As empresas da região já dispunham de notoriedade e, com isso, desejavam ser patrocinadoras dos muitos eventos, como o carnaval da cidade, os espetáculos musicais e o Salão de Arte Contemporânea. Assim, grande parte dos prêmios em dinheiro provinham das empresas e empresários da cidade e região.

O Salão de Arte Contemporânea de Santo André iniciou sua nova fase com a sugestão do então Conselheiro de Cultura de Artes Visuais, Enock Sacramento⁶, que tem como formação o jornalismo e escreveu durante quase vinte anos para um importante jornal da região, o Diário do Grande ABC, atuante até os dias de hoje.

Nesse primeiro Salão de Arte Contemporânea, houve várias novidades. A primeira e sem dúvida maior mudança foi que o evento deixava de ser regional apenas, para se tornar nacional.

O local onde aconteceu o Salão foi especialmente projetado para a realização de grandes eventos de Artes Plásticas. Até hoje, conta com uma grande parede de vidro que transmite ao visitante um convite para ver o que está acontecendo dentro

⁶ **Enock Sacramento** exerce a crítica de Arte há mais de 40 anos em São Paulo. Participou de 150 júris de salões de Arte, curou 100 exposições no Brasil, América Latina, Estados Unidos e Europa, prefaciou cerca de 250 catálogos de exposições, publicou 300 artigos na imprensa e 26 livros sobre Arte, entre eles “Ismael Nery – Desenhos” (1996); “Sacilotto” (2001); “Zélio – 50 Anos de uma Aventura Visual” (2010); e “30 Contemporâneos Brasileiros” (2011). (APCA)

do ambiente. O vidro e este tipo de visão, onde o espectador participa do interior do acontecimento, advinham da arquitetura do período modernista, com célebres participantes, como Oscar Niemeyer (1907), Rino Levi⁷ (1901-1965), Lúcio Costa (1902-1998) e o francês Le Corbusier (1887-1965), o primeiro a difundir conceitos modernistas na arquitetura.

Havia o interesse, nas cidades do ABC, de iniciar práticas mais abrangentes na área da Cultura e Artes. O desenvolvimento econômico despertou a necessidade de atividades culturais não só na cidade de São Paulo, mas também nas cidades ao redor, para que as pessoas não precisassem se deslocar.

Foi criado o Centro Cultural com um teatro e um dos mais modernos sistemas de trocas de cenários da época: “além das instalações para espetáculos tradicionais, foram previstas 3 bocas de cena, funcionando por sistema de cenários móveis, por carros, permitindo cenas simultâneas” (DIÁRIO DO GRANDE ABC, 1968), espaço de arte, espaço de música e locais para cursos.

Havia então a necessidade de se mostrar, até mesmo para a própria região, o que era produzido artisticamente na cidade de Santo André, bem como as novas instalações.

⁷ **Rino Levi** nasceu em São Paulo em 31 de dezembro de 1901. Filho de pais italianos, estudou arquitetura em Milão e Roma. Foi um dos responsáveis pela transformação da arquitetura da cidade de São Paulo e é um dos expoentes da arquitetura moderna no Brasil. Seu último trabalho foi o Centro Cívico em Santo André - SP, em 1965. Faleceu em 29 de setembro de 1965. (WIKIPÉDIA, 2010)

1.1 I SALÃO DE ARTE DE SANTO ANDRÉ

Os preparativos para o I Salão de Arte de Santo André iniciaram-se em 26 de agosto de 1968, quando a Secretária de Educação e Cultura, Nair Veiga Lacerda, enviou o comunicado que fazia a divulgação das inscrições, para que os artistas participassem com suas obras de arte e objetos (ANEXO 1).

Como o Centro Cívico não ficou pronto no mês de agosto, os artistas tiveram que procurar o antigo Cine Santo André, na Rua Oliveira Lima nº 37, localizada no centro da cidade e importante local de comércio popular, principalmente, por ser caminho quase obrigatório para quem vinha da via férrea para os bairros da cidade.

O Salão que recebeu as obras expostas era um complexo que, para os padrões da época era grandioso, contando com um amplo corredor findando no teatro, uma vidraça que dava visão ao espectador do que estava ocorrendo dentro do espaço, tornando-o convidativo. Sobre o espaço, onde foi organizado o evento, o Jornal Diário do Grande ABC comentou:

Para estas realizações, Santo André já conta com local apropriado, cujas características arquitetônicas enquadram-se dentro das mais avançadas da atualidade. Esse local, anexo ao conjunto arquitetônico do Centro Cívico, é a Casa da Cultura, cuja inauguração oficial está prevista para os próximos 60 dias. Seus amplos salões permitem a realização de exposições permanentes, bem como de grandes mostras industriais de caráter cultural. (DIÁRIO DO GRANDE ABC, 1968)

A comissão organizadora ficou a cargo de alguns profissionais, como o crítico de Arte Enock Fernandes Sacramento, Carlos Garcia Árias, Giuliana Pedrazza, José Armando Pereira da Silva e Rodolpho Mansueto Dini.

A Lei 2.990, de 04 de junho de 1968 (ANEXO 2), tratava de todos os procedimentos legais para o acontecimento do Salão de Arte Contemporânea de Santo André. Logo no primeiro parágrafo dessa lei, denominou-se o evento que poderia ser realizado pela Prefeitura de Santo André: *Salão de Arte Contemporânea de Santo André*.

Vale ressaltar que essa lei municipal já previa que o Salão de Arte “poderia promover, estimular e aprovar quaisquer outras manifestações artísticas” (CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ,



FIGURA 2 - Tapeçaria Burle Marx – na representação ao público, após o restauro pela Prefeitura Municipal de Santo André. 5 de nov de 2007.

Foto: Douglas Negrisolli

1968), mesmo no tempo que a ditadura militar já estava em vigência.

Quase um semestre após essa lei ser aprovada, ocorreu um dos mais duros golpes do Regime Militar contra a democracia: o fechamento do Congresso Nacional, o aumento da repressão policial e a censura prévia aos meios de comunicação, no que dizia respeito às Artes, Teatro, Música e Cinema.

Assim, essa Lei municipal de 1968 foi de grande importância, pois foi a partir dela que o evento seguiria, quase que sem interrupções, nos anos seguintes, somente com algumas adequações com respeito à alteração de valores dos prêmios, pois nesse momento, no Brasil, aconteceram diversas trocas de moedas.

A Lei 2.990 seguiu com o detalhamento dos prêmios da cidade, que se dividiam entre: “Prêmio de Artes Plásticas *Cidade Santo André*”; “Grande Medalha *Cidade Santo André*”; “Duas medalhas *Salão Municipal de Arte Contemporânea de Santo André*”; e “*Quatro medalhas*”, também como a anterior, levando o nome do evento.

Havia uma preocupação em relevar as diversas linguagens que poderiam estar presentes no Salão de Artes e que poderiam ganhar um dos prêmios citados. Foi uma diferença que notou-se entre os Salões anteriores, onde só poderiam estar presentes pinturas, esculturas e desenhos.

Outro item a ser notado na Lei 2.990 é que já se provisionava a aquisição dos objetos de Arte, para que fossem incorporados ao “patrimônio artístico da Prefeitura Municipal de Santo André” (CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ, 1968, Artº5 §1), mas não mencionava as verbas para manter esse acervo, nem dava mais detalhes sobre o assunto.

Outro importante fator na execução desse evento de Artes foi a estrutura do júri que iria selecionar as obras, composto de:

[...] um membro da Associação de Crítica de Artes Plásticas do Estado de São Paulo; um diretor de Museu de Arte da Capital do Estado; de um nome indicado pela Comissão Municipal de Cultura; de dois nomes escolhidos por votação, dentre os artistas expositores que já tenham figurado em outras mostras oficiais de Arte e orientados por um funcionário do Departamento de Cultura que irá secretariar o júri, lavrando as atas. (CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ, 1968, Artº6)

Durante os eventos que estavam ocorrendo em Santo André, aconteceram fatos importantes na cidade de São Paulo, como em setembro de 1968, quando o acervo do MASP foi tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

As inscrições para o Salão de Artes se encerraram no dia 1 de outubro de 1968, com um total de 377 obras inscritas, de cerca de 130 artistas de todo o Brasil. Foram aceitas 179 obras para serem expostas.

Nesse primeiro Salão de Arte Contemporânea, participaram três grandes artistas, com os quadros selecionados e em salas separadas. Eram chamadas de “Salas especiais” e ficavam no grande corredor à entrada do Salão, o chamado *foyer*. Os artistas eram João Suzuki, Luiz Sacilotto e Paulo Chaves.

Também foram apresentados dois grandes tapetes (FIGURA 2) feitos pelo arquiteto artista e paisagista Roberto Burle Marx (1909 – 1994); um deles é propriedade da Prefeitura de Santo André e até os dias de hoje é considerado a maior tapeçaria do País. Na mesma ocasião, estava exposta uma coleção de joias que ele mesmo desenhou e apresentou pela primeira vez ao público, no evento em Santo André.

Na construção do Centro Cívico, foram incorporados dois grandes painéis desenhados por Burle Marx, feitos em concreto armado, mas atualmente

necessitando ser restaurados, pois sofrem constantes ataques de vândalos que passam no local diariamente, deixando marcas de chicletes e pés. Os jardins também foram projetados por Burle Marx. Sobre o projeto do Centro Cívico, a historiadora Maria Buesa comenta:

O projeto para o Paço Municipal de Santo André procurou realizar o conceito de uma cidade unicelular, e com isto, uma nova estrutura urbana que reproduzisse um tipo de sociabilidade com sua própria característica. O Centro Cívico foi edificado com sua especificidade própria, um conjunto de edifícios como centro de convergência da população andreense. Santo André adquiria uma nova característica urbana, que a diferenciava da metrópole de São Paulo. No final do projeto arquitetônico, formou-se um espaço de três praças com caráter e uso diferenciado. O espaço determinado no projeto do Centro Cívico foi elaborado com um acervo paisagístico. Roberto Burle Marx foi convidado por Rino Levi a humanizar o espaço ao redor dos edifícios que compunham o Centro Cívico. Em contraste com a verticalidade do conjunto arquitetônico e nos diferentes níveis na área, Burle Marx projetou três tipos de jardins; um jardim de flora nativa, com plantas rasteiras, bromélias, arbustos e palmeiras imperiais. (BRUESA, 2006, p. 43)



FIGURA 3 - Catálogo do I Salão de Arte Contemporânea de Santo André
Henry Vitor
1968

Uma curiosidade é que as obras e joias de Burle Marx não aparecem no catálogo oficial do Salão de Arte, pois, segundo Enock Sacramento, foram emprestadas para serem exibidas, após o fechamento do catálogo e encaminhamento para a gráfica.

O catálogo da exposição (reprodução completa no ANEXO 6, FIGURA 3) é uma

obra de Arte à parte. Ele tem frente e verso feitos por um escritório de Arte (HJR Propaganda), que ganhou a licitação também por escolha do júri do I Salão. O artista que produziu a capa foi Henry Vitor⁸ e fez uma grande referência ao movimento concretista dos anos 50-60. Segundo o Jornal do Brasil “... trata-se de um cartaz de grande impacto visual e de concepção muito significativa das diversas tendências da Arte contemporânea” (1968).

O catálogo homenageava os três artistas que estavam expondo no Salão de Arte nas Salas Especiais e o único deles que não teria nenhuma obra como “Prêmio Aquisição” do Salão de Arte Contemporânea foi Luiz Sacilotto⁹, que já tinha prestígio no cenário das Artes nacionalmente. Quem escreveu o memorial que está nesse catálogo foi Waldemar Cordeiro, e o crítico de arte Enock Sacramento comenta:

Nesse texto, Cordeiro, depois de fazer considerações gerais sobre o concretismo, afirma que Luiz Sacilotto, desde o início, é a viga mestra da Arte concreta.

A frase, bem construída do ponto de vista linguístico, utiliza a expressão “viga mestra” como metáfora de peça principal de sustentação utilizada em edificações e como antecedente de “Arte concreta”, que remete a “concreto”, a massa utilizada em construções, resultante da mistura de um aglutinante com água e um agregado de areia e pedra.

Mais adiante, analisa o período concreto de Sacilotto: “A fase geométrica é caracterizada pela descoberta de uma estrutura topológica e pelo desenvolvimento ético de suas variáveis possíveis. O plano é desdobrado no espaço tridimensional ocasionando no fruidor a apreensão de uma quarta dimensão. Com essa fase, Sacilotto se torna precursor da escultura brasileira de vanguarda, posteriormente desenvolvida em termos pragmáticos, por Lygia Clark e outros. O caráter binário de cheios e vazios, numa intermitência rigorosa e extremamente precisa, quantifica a percepção em termos concretos...”

Cordeiro, que sabia estar Sacilotto num período de recesso de sua produção, desde 1965, incita sua volta ao trabalho criativo no final do texto: “Em equilíbrio com o passado, o futuro espera da radicalidade profundamente criativa e combativa de Sacilotto novos vetores para o desenvolvimento da Arte objetiva brasileira. (SACRAMENTO, 2001, p. 53)

8 Segundo consulta ao crítico Enock Sacramento.

9 Outras obras de Luiz Sacilotto seriam incorporadas ao acervo da cidade, mas sendo adquiridas e doadas em outras ocasiões, inclusive após seu falecimento.

O Concretismo é bastante marcante na cidade de Santo André, mas isso foi um movimento bem posterior ao acontecimento dos anos 50-60. O grupo Concretista encontrava-se em São Paulo, mais precisamente na “Galeria Domus, numa cantina na Seção de Arte da Biblioteca Mário de Andrade, ou no *Clubinho* do Museu de Arte Moderna” (Ibidem p. 56). Iniciou com o próprio Sacilotto, Waldemar Cordeiro, Lothar Charoux e Geraldo de Barros. Além dos artistas mostrarem seus trabalhos, os três artistas das Salas especiais, poderiam vender suas obras.

Outro fato relevante desse primeiro Salão foi o modelo de premiação que veio do “Salão de Arte Religiosa de Londrina, dando dois prêmios maiores a cada seção

(Gravura, Pintura, Desenho e Escultura) e várias aquisições ao preço dos trabalhos premiados” (AYALA, 1968).

O I Salão de Arte de Santo André teve a grande abertura para o público, no dia 22 de novembro de 1968, e foi



FIGURA 4 – Arnaldo Ferrari
Construção I
Acrílico sobre tela
62 x 78
1968

noticiado em vários jornais, tanto de Santo André quanto de São Paulo, trazendo notoriedade e importância ao evento que ocorria numa cidade tipicamente industrial do Grande ABC Paulista.

Os prêmios mais importantes da noite foram atribuídos aos artistas: Arnaldo Ferrari e Humberto Augusto M. Espíndola.

O quadro adquirido de Arnaldo Ferrari (biografia resumida no ANEXO 8, FIGURA 4) foi feito com técnica acrílico sobre tela e nele podemos notar as aspirações concretistas que o pintor teve em sua carreira. Segundo nota biográfica, Arnaldo Ferrari teve contato com o Grupo Santa Helena e pintou juntamente com Alfredo Volpi.

Esse quadro apresenta um momento artístico nacional e da região; o Concretismo estava saindo de cena no final dos anos 60, mas já configurado como um importante evento nacional das Artes no País.



FIGURA 5 – Humberto Espíndola
Dialética da Macumba – Ogum
Caixa com telas de arame pintadas em óleo sobre tela
89,5 X 151cm
1968
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

O outro quadro adquirido nesse primeiro Salão foi do artista mato-grossense Humberto Espíndola (biografia resumida no ANEXO 9, FIGURA 5). Trata-se de um quadro com técnica mista, pintado com tinta óleo ao fundo e com uma tela na frente, que dá a impressão de algo preso. As temáticas do artista estão geralmente relacionadas à bovinocultura, ou seja, à criação de bois, pois o artista mora no centro-oeste do País, onde essa atividade predomina. Ele comenta:

[...] observei que a imagem do boi — entenda-se nesta expressão o touro e a vaca também, em muitas culturas é absorvida com maior receptividade que entre nós. Seja como produto de consumo, propaganda, Arte ou mesmo símbolo religioso. A diferença para uma maior ou menor receptividade está certamente na história iconográfica dessas culturas. Nas culturas orientais, a imagem do boi é totalmente absorvida, pois ele está ali presente há milênios, nos campos, ritos e cultos, e conseqüentemente, na Arte. (ESPÍNDOLA)

Foi adquirido o quadro intitulado *Dialética da Macumba II*, segundo os registros oficiais da Prefeitura, mas o artista chamava a obra de *Dialética da Macumba-Ogum*. O outro quadro que compôs esse díptico foi exposto na ocasião do evento, mas somente este mencionado é que foi adquirido e continua no acervo de Santo André. Nele podemos observar vários símbolos do candomblé, como o central, que se refere a Ogum, a divindade da caça, agricultura e guerra.

Nos quadros que Humberto produzia havia também uma conotação política; em outras séries, como a *Bovinocultura (1969)*, as cores da bandeira brasileira contrastam o desejo de liberdade com o desenho de bois. Sobre a trajetória de Humberto Espíndola, a historiadora de Arte Aracy Amaral comenta:

Humberto Espíndola desempenha, sem qualquer dúvida, papel centralizador em todo o processo, por sua personalidade de caráter galvanizador. Misto de visionário em sua pintura da fase da 'bovinocultura', faz nos lembrar, um William Blake carismático. Foi o tempo da irradiação nacional de seu trabalho, pleno de simbologia, a partir da imagem do boi

projetada com toda a 'terribilita', como o Olho 'que vê', poderoso e vindicativo, 'Pantocrator', a dominar a especialidade em que se desloca com grandeza. (AMARAL, 1980)

O reconhecimento do artista também ocorreu no ano seguinte, em 1969, quando participou da X Bienal de Arte Internacional em São Paulo e expôs a obra *Bovinocultura* do mesmo ano, que atualmente pertence ao acervo do MAC – Museu de Arte Contemporânea de São Paulo.

Alguns pontos podem ser observados desde o primeiro Salão de Arte de Santo André, como por exemplo, a escolha por objetos que possuíam uma intensa marca política, mesmo que no segundo plano. A estética do objeto que se queria premiar era um fator relevante na escolha do júri, juntamente com o contexto em que esse objeto de arte fora produzido e o que ele representava nessa ocasião, por isso era atribuído valor a ele.

O I Salão de Arte Contemporânea de Santo André fechou suas portas após grande sucesso de público, segundo a imprensa local, no dia 22 de dezembro de 1968.

1.2 II SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ

No ano de 1969, houve momentos históricos na política nacional que influenciaram os dez anos seguintes. Em dezembro de 1968, foi instituído o Ato Constitucional nº5, uma das sanções feitas pelos militares que já estavam no poder, desde 1964, e que lhes deu autonomia para reprimir os movimentos sociais e políticos, determinando o aumento da censura nas Artes e comunicação.

A censura, a partir desse momento, era feita previamente, com um funcionário recortando notícias, proibindo filmes e veiculação de manifestações contrárias ao poder político central de direita.

Em São Paulo, ocorreu a X Bienal de Artes e os artistas nacionais, alguns que viviam e produziam fora do país, boicotaram-na e se recusaram a participar do evento, por causa da censura instaurada no País.

A tripulação da missão *Apollo 11* chegou à Lua no dia 20 de julho de 1969,

comandada pelo primeiro ser humano a pisar naquela superfície: Neil Armstrong. “Sob o

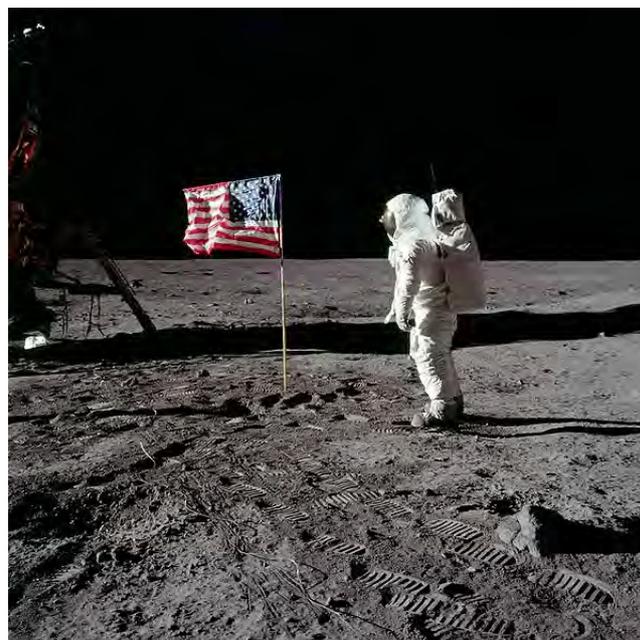


FIGURA 6 – O homem chega à Lua em 1969. Aldrin em continência à bandeira dos Estados Unidos. 20 de julho de 1969. Fonte: Wikipédia

olhar de centenas de milhares de espectadores que enchiam estradas, praias e campos em redor do Centro Espacial Kennedy e de milhões de espectadores pela televisão, em todo o mundo, a histórica missão de oito dias de duração culminou com as duas horas de caminhada de Armstrong e Aldrin na Lua.” (WIKIPEDIA).

A chegada do homem à Lua causou uma mudança de pensamento sobre o homem e sua existência no universo, apesar da crença [e a descrença] de que o homem tivesse feito essa conquista. Isso colaborou com o pensamento dos artistas em todo o mundo, de diferentes maneiras estéticas.

No cenário do ABC Paulista, as movimentações pela Prefeitura de Santo André, com o intuito de organizar o segundo Salão de Arte, já iniciaram no começo do ano de 1969, para que o evento ocorresse no mês de setembro do mesmo ano.

A comissão julgadora não foi grandemente modificada, alguns críticos como Enock Sacramento e Mário Shemberg continuaram a cargo do júri, mas com algumas novidades, como o artista plástico Paulo Chaves, os também críticos de arte: Lisetta Levi e José Armando Pereira da Silva¹⁰.

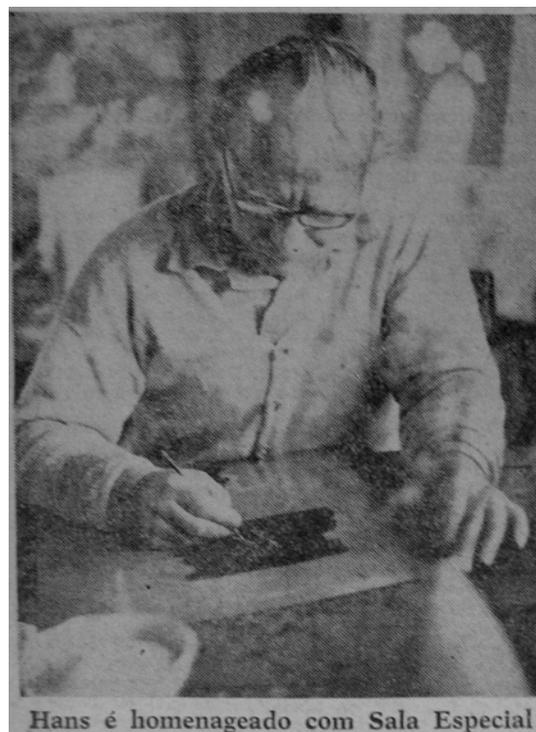


FIGURA 7 – “Hans é homenageado em Sala Especial”. Recorte do Jornal Diário do Grande ABC - 5 setembro 1969

¹⁰ **José Armando Pereira da Silva**, Mestre em História do Teatro, pela Universidade do Rio de Janeiro e em Estética e História da Arte, pela Universidade de São Paulo, foi colaborador dos jornais *Correio Popular* e *Diário do Povo* de Campinas, e redator do *Diário do Grande ABC* em Santo André. Organizou o Núcleo de Estudos Cinematográficos de Santo André e dirigiu, com Heitor Capuzzo, o documentário *Estranho Sorriso* (Premiado no Festival de Gramado, 1981). Coordenador e professor da Escola de Teatro da Fundação das Artes de São Caetano do Sul, participou do Grupo Teatro da Cidade e da Proa – Produções Artísticas do ABC. Atuou na organização dos primeiros salões de Arte contemporânea de Santo André e de São Caetano do Sul. Publicou: *O Teatro em Santo André, Província e Vanguarda*, *A Cena Brasileira em Santo André*, *Guido Poianas – Retratos da Cidade* (organização), *Vertentes do Cinema Moderno*, de José Lino Grünewald (organização com Rolf de Luna Fonseca), *Thomaz Perina – Pintura e Poética* (com Days Peixoto Fonseca), *João Suzuki – Travessia do Sonho*, *Luís Martins, um cronista de Arte em São Paulo nos anos 1940* (organização com Ana Luisa Martins) e *Paulo Chaves - andamentos da cor.* (ABCA)

No dia 13 de agosto de 1969, o júri selecionou 16 obras premiadas e as 242 que foram aceitas para serem expostas no Centro Cívico em Santo André. O Salão teve sua grande abertura no dia 5 de setembro de 1969.

Nota-se uma dificuldade muito maior de encontrar os documentos e a reação do público nos jornais da região, para o período a partir do ano de 1969. As fontes oficiais é que facilitaram a interpretação de dados desse tempo.

A Sala especial do II Salão foi ocupada pelo artista Hans Suliman Grudzinski (biografia resumida no ANEXO 11, FIGURA 7), nascido na Iugoslávia (região atual da Sérvia). Ele foi um gravador, que morou durante quase toda sua vida em Mauá, cidade emancipada de Santo André em 1954, um importante polo industrial que ficou conhecido por sua especificidade em produção de cerâmicas e louças. Atualmente, a cidade de Mauá incorpora um grande polo petroquímico e uma enorme variedade de indústrias.

Grudzinski tem um trabalho reconhecido em todo o país por sua destreza em desenhar e produzir gravuras em metal, processo de extremo cuidado e alto nível de dificuldade, para se encontrar uma produção exemplar. Aprendeu também com um dos mestres em gravura, Lívio Abramo, e pôde difundir sua Arte em vários locais. Sobre sua obra, o crítico Ivo Zanini comenta:

Hans Grudzinski trabalha muito e produz pouco. Pouco porque é demais exigente. Suas gravuras em metal são resultados de esforço mental e físico. Ele esgota-se na elaboração das matrizes. Nada surge por acaso. E, nas peças que finalmente dá como elaboradas, o registro de um artesão no mais amplo sentido da palavra. Figuras e objetos aglomerados ou isolados mostram o mundo fantástico de Grudzinski. (1983)

Nesse II Salão de Arte Contemporânea, foram feitas algumas das aquisições mais importantes da história do evento.

Alguns artistas que teriam suas produções projetadas nacionalmente, dentro dos anos 70 e posterior, tiveram obras adquiridas pela Prefeitura de Santo André. Foram contemplados: Antonio Henrique Amaral, Antonio Vitor da Silva, Armando M. Sedin, Clélia Cotrin, Edíria Carneiro, Estela



FIGURA 8 – Antônio Henrique Amaral
Brasiliana
Óleo sobre Duratex
122x170
1968
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

Alícia Rossi, Hermelindo Fiaminghi, Lothar Charoux, Luiz Figuerero, Maria Auxiliadora da Silva, Mariana Reif, Odila Mestriner, Regis Machado Silva e Yukio Suzuki.

A obra adquirida do artista plástico Antonio Henrique Amaral foi a *Brasiliانا* (biografia resumida no ANEXO 12, FIGURA 8), que faz parte de uma série de pinturas em óleo sobre tela, que estão em vários importantes museus, coleções brasileiras e no exterior.

O artista produziu essas pinturas de bananas, com uma técnica aguçada no uso das cores. Além da temática ser recorrente, a volta às origens, o sensualismo que sempre está presente na obra do artista e a citação de Tarsila do Amaral no tema, a série das bananas tem um caráter muito politizado, como confirma Bélgica Rodriguez e, na sequência, Edward J. Sullivan:

[...] o fruto tropical foi prontamente convertido pelo artista em um modelo não só de país, mas do estado de espírito brasileiro. O artista procurou expressar seu pessimismo, sua crítica à sociedade brasileira, uma terrível angústia existencial e um ânimo dividido pelo conflito que via em torno de si." (RODRIGUEZ apud SULLIVAN, 1996, p. 14)

"Cada autor que fala da famosa série das bananas sempre se refere ao seu conteúdo altamente politizado. Isso é certo, na medida em que foram pintados (tanto no Brasil, como no período que residiu em Nova York, aonde chegou em 1973) durante uma era em que o País passou por grandes convulsões sociais, morais e psicológicas. Eles certamente representam um sentimento de angústia, de dor, de repressão imbecilizante. É importante, porém, ver esses quadros por outro ângulo. Inevitavelmente, devem ser vistos como estudos de forma pura, intensamente palpável, com a "realidade" de um objeto do dia-a-dia – um objeto tão comum e simples de nossas vidas, que chega a passar despercebido.

Embora esse fato tenha sido pouco comentado, Antonio Henrique Amaral tem uma aguda percepção do passado. (...) Como Roberto Pontual e Aracy Amaral demonstraram, os artistas brasileiros ainda costumam respeitar os conceitos expressos no Manifesto Antropofágico (1928) de Oswald de Andrade, que entende a Arte como um processo constante de apropriação e digestão do que se vê no trabalho alheio. (SULLIVAN, MORAIS, & MILLIET, 1996, p. 14)

No trabalho de Antonio Henrique Amaral, além do retorno à antropofagia do Movimento Modernista de 1922, é notório que a interpretação é ambígua, mas de difícil entendimento, o que poderia dificultar a ação da censura, por exemplo.

A obra adquirida de Hermelindo Fiaminghi (biografia resumida no ANEXO 13, FIGURA 9) tem o título *Retícula Cor-Luz*, e a técnica empregada é de colagem. Impressiona pelo tamanho e a colagem que foi feita, provavelmente, semelhante à banda desenhada que Roy Lichtenstein (1923 - 1997) utilizava quase uma década antes. Fiaminghi, porém,

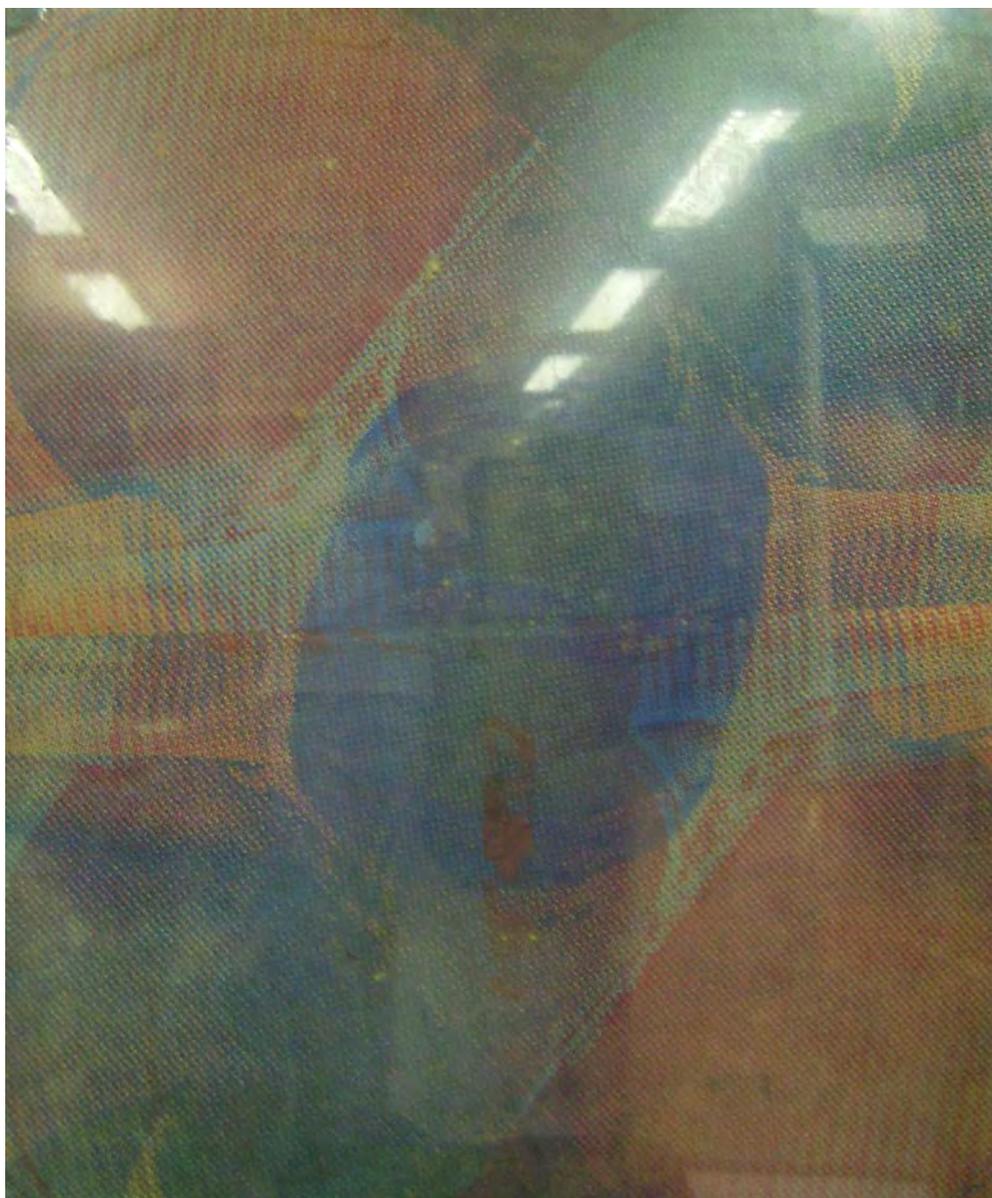


FIGURA 9 – Hermelindo Fiaminghi
Retícula Cor-Luz
Colagem
133x105
1969
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

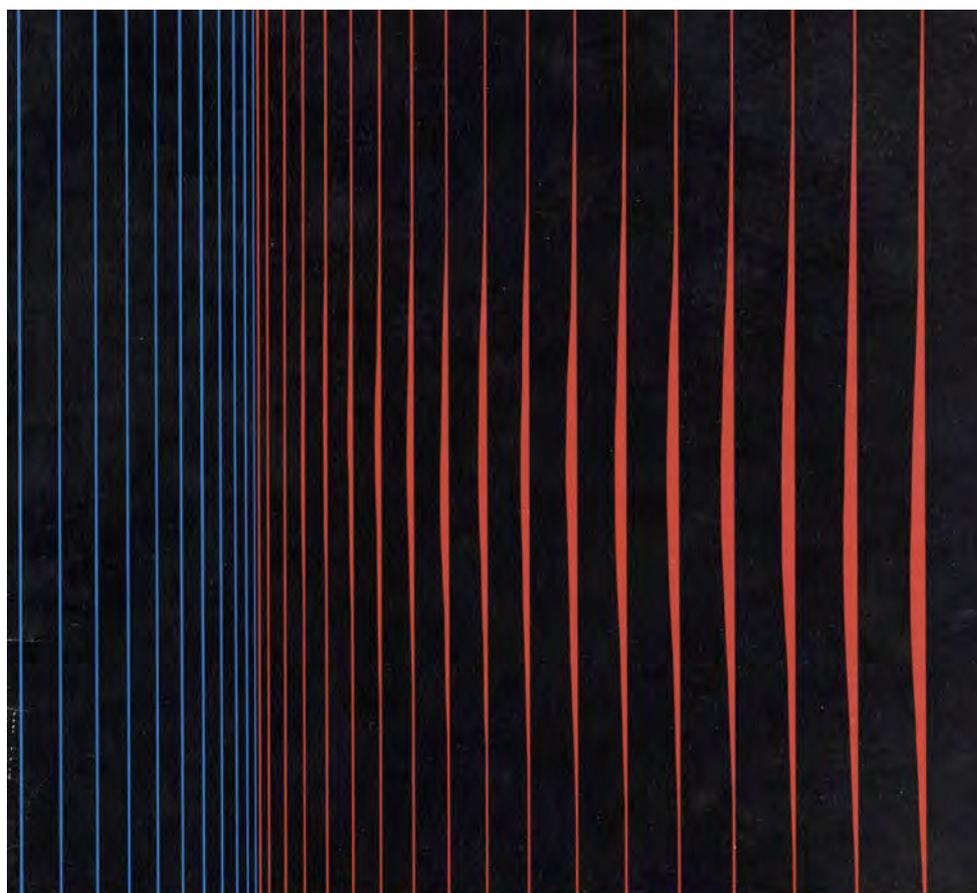
utilizou-a com outras propostas visuais, como a de criar imagens com ela e experimentar os efeitos de cor e luz com a impressão *off set*. Sobre a contribuição à História da Arte Brasileira, Aracy Amaral comenta:

Em sua ampla série de "virtuais", Fiaminghi desenvolve exercícios plásticos de rara inventividade, compondo, com Luís Sacilotto, obras de instigantes soluções espaciais, através de uma imensa economia de meios. Essa série, com as suas experiências cor-luz, que depois desenvolveria em off-set, seria a sua grande contribuição dentro do movimento concreto. (500 ANOS DA PINTURA BRASILEIRA, 1999)

A peça que foi adquirida de Lothar Charoux (biografia resumida no ANEXO

14) tem o título de *Vibração* e é um exemplo da trajetória do artista que esteve, em grande parte de sua carreira, envolvido com o grupo Concretista de São Paulo.

A obra foi reproduzida no VII Salão de Arte, demonstrando as



7^o SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA
SANTO ANDRÉ - CENTRO CÍVICO
1974

FIGURA 10 – Lothar Charoux

Vibração
guache sobre papel
69x60 cm
1969

Foto: Escaneado digitalmente do catálogo, por Douglas Negrisolli

linhas que o artista trabalha e que dá o movimento ao quadro. No período que Charoux iniciou o uso da linha, ele comentou sobre a recepção do público:

Quando tive a ideia de entortar os quadros, criando assim um desequilíbrio que seria desfeito por uma ou várias linhas verticais ou horizontais, pensei ter criado um impacto tremendo nos observadores, mas qual... Um ou outro mexia no quadros...

Sobre o uso da linha e o distanciamento da relação com o movimento da *Op Art*, a crítica Maria Alice Milliet comenta:

A linha, liberta da forma, adquire o dinamismo de um ponto luminoso que se desloca no espaço. As paralelas, ao mudarem de direção, assemelham-se a feixes de luz bruscamente refratados. Quando branca, a linha é coruscante como o raio em céu escuro; azul, laranja, amarela ou verde, é pura vibração. Os efeitos de transparência, flutuação e movimento, tão frequentes nessas composições, sugerem a sutilização da matéria. O uso do hachurado vai nesse sentido. Esferas, prismas e cubos vazados são construídos com hachuras, obtendo-se a ilusão de volume pela variação dos espaços intersticiais. É uma dinâmica linear que se realiza no “vazio, diferentemente dos trabalhos construídos a partir da seriação, ou seja, de um padrão que se repete como se vê na *Op art*.

A produção de Charoux é enorme e ele deixou um legado importante. Tal como outros artistas do Concretismo, colaborou com o movimento nacional da Arte, antecipando até mesmo a *Op Art* estadunidense. A pesquisa visual do artista sobre a linha foi intensa e seu cuidado com as impressões de serigrafia, mais especificamente após os anos 70, possuem uma qualidade técnica impressionante, são impressões com alta qualidade que se assemelham a impressões mecânicas atuais.

Maria Auxiliadora da Silva (biografia resumida no ANEXO 15, FIGURA 11) é uma artista autodidata, que tem como motivações artísticas as relações na comunidade que viveu.



FIGURA 11 – Maria Auxiliadora da Silva
Festa Junina

Nascida em Acrílica sobre Tela
106x82
1969
Campo Belo, Minas Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

Gerais, ela retrata no quadro que foi adquirido, na ocasião do II Salão, uma *Festa Junina*. Na pintura, observa-se a pincelada, mas tudo está no primeiro plano e isto dá a impressão de proximidade da pintura com o espectador. Notam-se vários simbolismos no desenho da artista: ao fundo, o noivo correndo atrás da noiva, as pessoas felizes fazendo roda, algumas ao redor da fogueira. O quadro traz a lembrança das festas típicas do interior, do regionalismo e, com um pouco de bucolismo, a lembrança do lugar de onde a artista partiu, para vir a São Paulo, quando em 1968, ocorreu a sua primeira exposição individual.

Armando Moral Sendin (biografia resumida no ANEXO 16, FIGURA 12) é um artista plástico nascido no Rio de Janeiro, que produzia obras frequentemente acadêmicas, com um rigor no desenho, quase fotográfico.

Sobre sua obra enviada para o Salão de Arte de Santo André, existem dados biográficos, informando que ele encontrava-se entre São Paulo e Espanha. No quadro intitulado “Controle” Remoto, percebemos duas figuras humanas,



uma delas escalando e talvez manipulando a que está abaixo. Outra

FIGURA 12 – Armando Moral Sendin
“Controle” Remoto
mista sobre eucatex em desenho
1,15 x 0,78
1969
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

interpretação possível é a que a figura humana que está abaixo tenta chegar até em cima; mas levando em conta o título da obra, o mais plausível ao momento sociopolítico e cultural é a tentativa de “Controle” ao qual o título se refere.

Os catálogos dos dois primeiros Salões (reprodução completa no ANEXO 17 do II Salão) não têm a anotação dos nomes dos objetos ganhadores do “Prêmio Aquisição”, que é o mesmo do “Prêmio Cidade de Santo André”. Apenas estão referidos neles os nomes dos artistas ganhadores e, por isso, houve o cuidado de se pesquisar nas atas dos júris, para estabelecer os vínculos com as obras e seus títulos, pois muitas delas



não têm nenhuma inscrição no verso.

FIGURA 13 – Reprodução do Catálogo do II Salão de Arte Contemporânea de Santo André - Walter Caprera - 1969
Digitalização de Douglas Negrisolli

A autoria da capa do catálogo é de Walter Caprera, segundo o jornal Diário do Grande ABC (ANEXO 19).

A tapeçaria de Aracy Monteiro Zanotti e a obra de Sinval Coreia Soares também seriam incorporadas ao acervo da cidade, com o “Prêmio Câmara Municipal”, porém, para a pesquisa, não foram encontrados registros nem as obras no acervo. A rigor, somente o “Prêmio Cidade de Santo André”, mais conhecido como “Prêmio Aquisição”, teria sido incorporado ao acervo da Prefeitura Municipal.

O II Salão de Arte Contemporânea de Santo André também colheu bons frutos. Segundo o jornal Diário do Grande ABC, os organizadores ganharam o Troféu *João Ramalho*, pelo Salão ter sido considerado o maior evento do ano de 1969, na cidade.

1.3 III SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ

O início da década de 70 trouxe momentos de grandes mudanças no cenário mundial e no Brasil. A crise do petróleo atingiu a economia dos Estados Unidos em 1974, mas o Brasil só iria sentir as mudanças na economia, após esse ano.

Na ocasião, nosso País vivia um momento muito positivo na economia, com boa oferta de empregos e economia girando plenamente. Ao mesmo tempo que vivia uma época próspera, na área econômica, aconteciam os “Anos de Chumbo”, que o Regime Militar instaurou através da coerção e extermínio do Partido Comunista.

O jornalista Elio Gaspari (2002, p. 13) comenta que “[...] a ditadura envergonhada foi substituída por um regime, a um só tempo anárquico, nos quartéis, e violento, nas prisões”. A tortura e a censura foram armas que o Regime Militar utilizou para coibir o que chamavam de ‘terrorismo’, após o Ato Institucional nº5, de 1968.

No cenário artístico mundial, a Arte Conceitual¹¹ fazia questionamentos muito válidos sobre o momento vivido na mistura da música, teatro, artes, sociedade e momento político.

¹¹ “A **Arte Conceitual** surgiu como categoria ou movimento no final da década de 1960 e no início da década seguinte. Também costumava ser designada como arte da ideia ou arte da informação e seu preceito básico é o de que as ideias ou conceitos substituem a própria obra (DEMPSEY, 2003) Alguns adeptos da Arte Conceitual: Grupo Fluxus, Joseph Kosuth (1945), Joseph Beuys (1921 – 1986), Piero Manzoni (1933 – 1963), Shusaku Arakawa (1936 – 2010). No Brasil, Cildo Meireles (1948), Regina Silveira (1939).

O medo que imperava entre os Estados Unidos da América e a União Soviética (Guerra Fria), de que a qualquer momento uma nova guerra poderia ocorrer, abria espaço para os artistas questionarem o próprio papel da Arte, mas sobretudo, o papel do artista.

A influência do Dadaísmo e de Marcel Duchamp (1887-1968) foi crucial para que a Arte Conceitual pudesse existir como uma categoria ou movimento, no final da década de 60 e no início da década seguinte. O termo foi concebido, formalmente, quando ocorreu a exposição no Centro Cultural de Nova Iorque, *Arte Conceitual e Aspectos Conceituais* e, no mesmo ano de 1970, no MoMa, com a exposição *Informação* (DEMPSEY, 2003, p. 240).

No Brasil, muitos artistas foram influenciados pela Arte Conceitual e passaram a trabalhar com intensa variação de materiais. De uma forma um pouco diferente, foi a reação do público, dos setores da crítica e organização dos Salões de Arte, que foram aceitando esse tipo de nova linguagem, muitas vezes ofensiva para os padrões, em um país que estava imerso em clima de censura.

Em Santo André, os preparativos do III Salão de Arte Contemporânea seguiam de acordo com o planejado, para acontecer junto com as festas do aniversário da cidade, no dia 8 de abril. A mostra recebeu cerca de 350 obras, mas sem a “Sala Especial” que, nesse ano, não ocorreu por conta de um desentendimento com a Pirelli, sobre o empréstimo das obras, que não foram feitos como o júri solicitou.

O catálogo desse terceiro Salão não foi localizado, nem nos arquivos da Prefeitura Municipal, nem com alguns artistas e críticos consultados. Segundo o jornal Diário do Grande ABC, o catálogo foi feito por Walter Caprera (ANEXO 19).

As divisões no III Salão já referenciavam a obras que podiam ter técnica mista, além das técnicas de pintura, escultura, desenho e gravura. Isso é importante pois nota-se que, qualquer trabalho dentro dessas linguagens poderia ser premiado.

No dia 10 de março de 1970, as inscrições foram encerradas e iniciaram-se os trabalhos do júri, composto por: Luiz Arthur Lamouche Barbosa, Fausto Polesi, Miller de Paiva, Walter Caprera e Maria Lucia Meirelles. Os ganhadores do “Prêmio Aquisição” foram: Pavel Kudis, Hans S. Grudzinski, Alex Vallauri, Hiro Kai, Pedro Tort, Thomaz Ianelli, Ernestina Karman, Aldir Mendes de Souza, Boris Arrivabene, Lourdes I. Silva de Amorim Cedran e Leopoldo Raimo.



FIGURA 14 – Alex Vallauri

Gravura II

Gravura

64 x 95

1970

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

Alex Vallauri (biografia resumida no ANEXO 20, FIGURA 14) veio da Etiópia, mas foi em Santos, região do litoral sul de São Paulo, que o artista se fixou. Pintava pessoas e trabalhava com diversas linguagens, como gravura, desenho e pintura.

Nessa gravura que fez parte do III Salão, vemos a imagem da mesma pessoa, repetida várias vezes. Na parte inferior da gravura, a mudança de cores é feita com marrons e preto, o que dá uma percepção de mudança de idade ou de tempo. Na parte superior, percebemos uma reprodução de uma placa com os dizeres “Londrina 35-36-11” e setas indicando para se chegar a esse local. O olhar bucólico da senhora incomoda, parece querer dizer algo, mas não pode.

Vallauri utilizou, frequentemente, após os anos 70, desenho e objetos que encontrava e os incorporava aos seus trabalhos. O *grafitti* nos muros também foi uma de suas características, bem como os carimbos que utilizava para marcar as obras.

Ernestina Karman (biografia resumida no ANEXO 21, FIGURA 15) era natural de Santos (SP) e trabalhava com várias técnicas de pintura.

Nessa obra intitulada *Visão Cósmica III*, a artista utilizou objetos colados para formar uma galáxia. O referencial com os objetos metálicos talvez seja um reflexo do momento fabril da região onde ela vivia e o momento do próprio País. Há uma certa dificuldade em se fazer uma leitura dessa obra, pois ela está muito danificada; provavelmente, havia peças acopladas a ela, pois existem buracos indicando isso. A pintura está bastante deteriorada, com cortes em todas as laterais, as peças estão enferrujadas e bem no meio do quadro/objeto, há um sinal de algo faltando.

Nas obras anteriores a essa, com a qual ganhou o “Prêmio Aquisição”, ela trabalhou com objetos incorporados na



FIGURA 15 – Ernestina Karman
Visão Cósmica III
Mista sobre eucatex
100 x 0,78
1970
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

pintura, de forma semelhante ao que fez Yves Klein (1928-1962), com esponjas.

Thomaz Ianelli (biografia resumida no ANEXO 22, FIGURA 16) dedicou-se à pintura e ao uso das cores, nessa obra intitulada *Montagem do Circo*. O artista utilizou poucas cores para indicar uma grande arena de circo. A pintura é feita com um laranja e bege que já estão bastante modificados, por causa da sujeira do quadro e das condições não favoráveis de armazenamento.



FIGURA 16 – Thomaz Ianelli
Montagem do Circo
Óleo sobre tela
72 x 72
1970
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

Pedro Tort
(biografia resumida no ANEXO 23, FIGURA 17)
é espanhol e se fixou no Brasil em 1952, na cidade de São Paulo. Trabalhou com pinturas e em especial com abstrações.

Nessa tela adquirida, o artista utilizou cores, principalmente as primárias e o preto, em uma abstração que mistura formas orgânicas

e geométricas. Existem muitas marcas da ação do tempo sobre ela e o



FIGURA 17 – Pedro Tort
N°1
Óleo sobre tela
90 x 130
1970
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

acondicionamento da reserva técnica não oferece condições para conservação.

1.4 IV SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ

O ano de 1971 foi mais típico que o ano anterior. No mundo do entretenimento, o projeto grandioso Wall Disney World foi inaugurado no dia 1 de outubro nos Estados Unidos da América, trazendo as já conhecidas figuras, como Mickey e Minnie Mouse, no parque de diversões.

Houve, nesse ano, alguns eventos mundiais como a continuidade da Guerra do Vietnã, mas já apresentava sinais de enfraquecimento, quando a Nova Zelândia e a Austrália retiraram suas tropas que cooperavam com os Estados Unidos.

Na Grécia, a sociedade civil enfrentava o Regime Militar, chamado de Regime dos Coronéis, para a volta da democracia.

No Brasil, a repressão aos movimentos de esquerda, como o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), o Partido Comunista e seus militantes, seguia da forma mais dura, com torturas e perseguições. Nesse mesmo ano, Carlos Lamarca¹² (1937-1931) foi encontrado no sertão baiano e foi morto por um pequeno Comando do Exército que o estava perseguindo. Foi uma perda significativa para os movimentos de esquerda do País. Sobre o acontecimento e a divulgação, o jornalista Elio Gaspari comenta:

Sepultado no Campo Santo de Salvador, em cova com número, mas sem nome, *Cirilo* ainda metia medo: “Por determinação do Presidente da República, qualquer publicação sobre Carlos Lamarca fica encerrada a

¹² **Carlos Lamarca** (Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1937 — Pintada, 17 de setembro de 1971) foi um militar brasileiro, que desertou do exército durante o regime militar e se tornou um guerrilheiro comunista. Como guerrilheiro, integrante da Vanguarda Popular Revolucionária, foi um dos principais opositores ao regime militar, visando à implantação de um regime socialista no Brasil. Devido a isto, foi condenado por "traição e deserção" pelo Exército Brasileiro. É o único homem na História do Brasil a receber o status de traidor da nação por ter combatido o regime militar, instaurado no Brasil em 1964. Por outro lado, assim como Onofre Pinto, que também abandonou o exército para lutar contra o regime, é considerado pela esquerda um importante revolucionário brasileiro. (WIKIPEDIA, 2011)

partir da presente, em todo o País. Esclareço que, qualquer referência favorecerá a criação de mito ou deturpação, propiciando imagem de mártir que prejudicará interesses de segurança nacional.” (GASPARI, 2002, p. 358)

Em Santo André, os preparativos para o IV Salão de Arte Contemporânea (reprodução completa no ANEXO 24, FIGURA 18) iniciaram-se antes de abril, seguindo o calendário do aniversário da cidade.

O catálogo foi feito por Walter Caprera e impresso por Cobrart Ltda; o júri teve mudanças e configurou-se com os críticos de arte Mário Shemberg e Wolfgang Pfeiffer¹³, além

de Enock Sacramento, Berco Udler e José Armando Pereira da Silva.

O IV Salão de Arte teve sua abertura no dia 17 de abril de 1971, no Salão de Exposições do Centro Cívico e os vencedores dos “Prêmios Aquisição” foram João Suzuki, Irene Satie Shoyama,

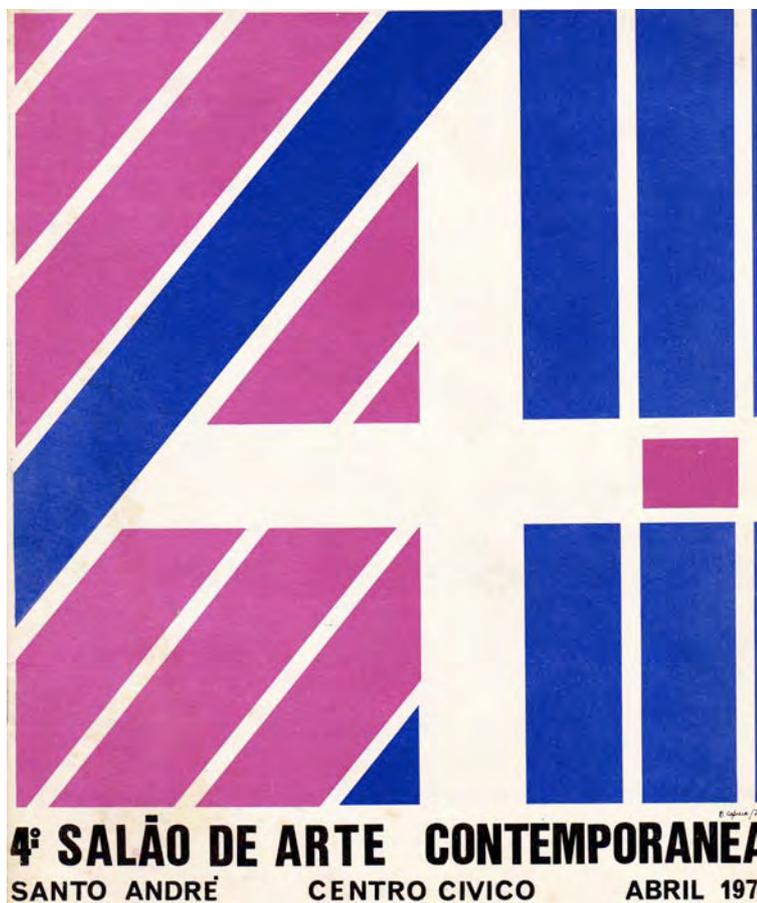


FIGURA 18 - Reprodução do Catálogo do IV Salão de Arte Contemporânea de Santo André
Walter Caprera
1971
Digitalização de Douglas Negrissoli

¹³ **Wolfgang Adolf Arthur Pfeiffer** (1912– 2003) Estudou artes na Alemanha e em 1948 mudou-se para o Brasil. Foi Presidente da Diretoria do Instituto Goethe (1970/82). De 1978 a 1982, foi diretor do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo e membro dos Conselhos do MAM e do MAC, em diversos períodos. Ministrou cursos de História da Arte no Museu de Arte de São Paulo (1949/51); no Museu de Arte Moderna SP (1952/59); na Escola de Artes Plásticas da Fundação Armando Álvares Penteado (1960/64); na Escola de Arte da Faculdade Santa Marcelina (1959/82); e na Escola de Comunicações e Artes USP (1971/95), onde foi também orientador de mestrado e doutorado. (MAC USP)

Pupet Weckx, Iracy Nitsche, Eliane Borges, Estela Alcía G. Rossi, Nicola D'Amico, Ermelindo Nardim, Regis Machado Silva, Isabel de Jesus, Jonathan Celestino Santos, Massuo Nakakubo e Benedito Centofanti Prado.

Uma novidade desse Salão, é que ele contou com quatro pessoas contratadas pela Prefeitura, para monitorar a exposição. Segundo o Jornal Diário do Grande ABC, cerca de quinhentas pessoas passaram durante os dias de semana (ANEXO 25). Outro comentário relevante feito por meio do mesmo jornal foi o uso da Arte Conceitual, por três artistas selecionados: Lidia Okomura, Genilson e José Inarra:

Lidia, Genilson e José Inarra constituem um grupo muito criativo, envolvendo uma participação artística mais ativa na sociedade. Sua "Arte conceitual", partindo de considerações próprias do artista e de sua relação com o trabalho, denota uma preocupação sensível com as coisas, com o indivíduo como artista e vice-versa. Seu trabalho é obrigatoriamente coletivo (essa obrigação é teórica, legitimada na confecção prática, que recebe uma elaboração participante direta do público). (DIÁRIO DO GRANDE ABC, 1971) (ANEXO 26)

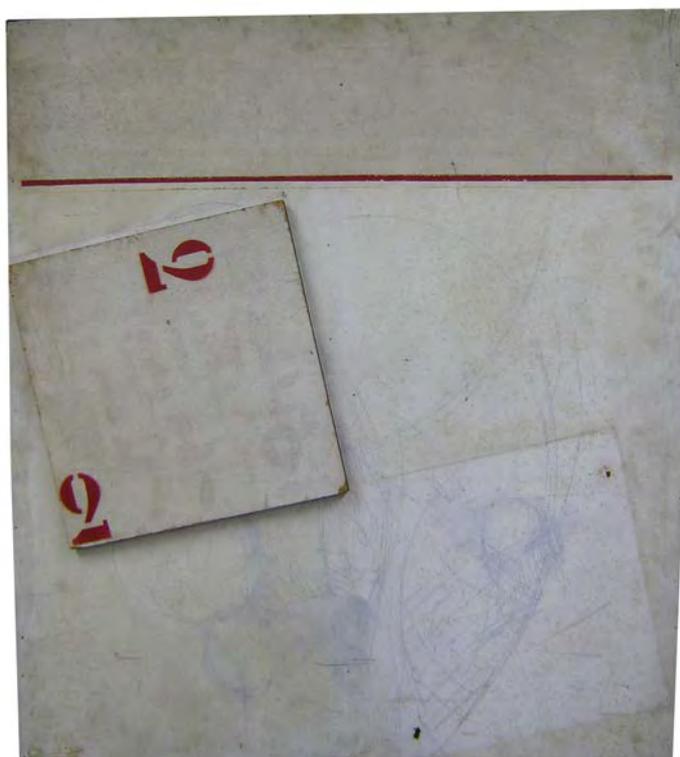


FIGURA 19 – Ermelindo Nardim
Y-222

Objeto sobre eucatex
1,00 x 1,13
1971

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato).

A Arte Conceitual foi colocada na parte externa do Salão de Exposições, o que certamente atribuía valor ao objeto, onde as pessoas passavam costumeiramente, sem perceber que ao lado está um local de exposição de Artes. Segundo o jornal A Folha de São Paulo, essa obra conceitual “despertou a ira dos responsáveis pela exposição” (ANEXO 26), mas serviu para chamar a atenção para a mostra, colocando a Arte do ABC mais independente dos acontecimentos culturais da cidade de São Paulo, como informa a mesma nota do jornal:

[...] vale a pena visitar a exposição e ao mesmo tempo entrar em contato com o recém- inaugurado Paço que, ao que tudo indica, vai funcionar como um moderno Centro de Cultura que poderá, se bem orientado, deslocar para o ABC toda uma atividade artística que é agora restrita à Capital. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1971)

Algumas obras adquiridas nesse Salão estão em condições tão ruins de conservação, que não permitem uma visualização global da obra e o que ela poderia transmitir.



São as obras de Ermelindo Nardin (biografia resumida no ANEXO 28) e de Jonathan Celestino Santos. Na obra do artista piracicabano Ermelindo Nardin falta uma parte, além de estar bastante suja. Apesar de ser bem diferente do que o artista costumava produzir, não foram encontradas fotos da época, ou leituras que pudessem ajudar a chegar a algumas conclusões sobre essa obra.

Sobre o artista Jonathan Celestino

FIGURA 20 – Jonathan Celestino Santos
2001-1
colagem
65 x 95
1971
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

Santos, não foram encontradas menções de biografia e o quadro está sem a parte da colagem. A parte colada foi encontrada em um monte de outros objetos, em cima da mapoteca, como um pedaço de papel jogado; trata-se de um papel marrom que precisará passar por restauro, para voltar ao quadro.



FIGURA 21 – João Suzuki
Saracura I
Desenho, técnica mista
1971
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

O artista João Suzuki, que teve Sala Especial no primeiro Salão em 1968, é premiado com a obra *Saracura I* (FIGURA 21). Trata-se de um desenho que envolve, provavelmente, a ave saracura, que é típica da margem de rios e lagos. O desenho, feito com lápis de cor e carvão, tem o aspecto do pássaro, como se estivesse nascendo. A forma circular e o casulo têm

uma representação especial na carreira do artista. Ele utiliza o centro da figura como o centro da ave, faz texturas em torno do desenho todo, alguns assemelham-se a

escritas orientais, uma vez que o próprio João Suzuki foi filho de imigrantes japoneses, que se instalaram em Mirandópolis, interior de São Paulo. Sobre a forma oval, o artista comenta:

Na verdade, a obra realizada dentro de um quadrado, de um retângulo, estava me incomodando. Cheguei à forma ovalada, naturalmente. Através da madeira, creio. Muitos pedaços de madeira que recolhi tinham essa forma. Gostei dela, pois eliminou os enquadramentos, os ângulos de 90 graus. Com os ovoides passei a fazer uma obra, como se eu estivesse vendo as coisas de frente e não através de uma janela. O nosso olho é redondo e nossa visão de mundo também. Mas isso não foi uma coisa planejada. Fui chegando aos ovoides por intuição. Eu não racionalizo uma obra. Ela vai aparecendo naturalmente e projetando minhas motivações e preocupações do momento. [...] O resultado final depende de minha interferência sobre o material, e sua conformação me orienta, muitas vezes, em determinados sentidos. A madeira nos reserva muitas surpresas. Quando começamos a trabalhá-la, encontramos um mundo de imagens fascinantes. A gente nunca imagina o que vai encontrar. A partir do encontro, crio em cima, seguindo a sugestão do próprio material, ou modificando completamente a configuração encontrada. (SUZUKI apud SILVA, 2007, p. 62)

Nos anos 40, sua família se instalou em Santo André, no Bairro Campestre, e o artista continuou a produzir, até seu falecimento, em 2010.

O IV Salão de Arte de Santo André fechou suas portas no dia 30 de abril de 1971, deixando no calendário nacional de Artes Visuais no País mais um importante evento.

1.5 V SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ

No ano de 1972, os Estados Unidos devolveram ao Japão a província de Okinawa, depois de 27 anos de administração; uma ilha que tem posição estratégica por estar entre a Polinésia, China, Coreia e Japão.

No Brasil, a televisão ao vivo e em cores fez sua primeira estreia na transmissão da Festa da Uva, em Caxias do Sul (Rio Grande do Sul), com um *pool* de emissoras, no dia 31 de março.

Em Santo André, os eventos do V Salão de Arte Contemporânea iniciaram-se com a escolha da comissão organizadora com: Miller de Paiva e Silva, Jacques Douchez, Walter Caprera, Enock Sacramento e José Armando Pereira da Silva. O júri do Salão foi composto por Paulo Mendes de Almeida, Bethy Giudice, Sophia Tassarini, Paulo Chaves e Enock Sacramento. As atividades do júri iniciaram-se quase um mês antes, em 12 de março de 1972.

O Salão de Arte teve sua abertura na noite de 7 de abril de 1972, com a presença do Prefeito Newton Brandão, do Partido ARENA, opositor ao regime militar.

A notícia do jornal O Repórter (FIGURA 22), do dia 8 de março, chama a atenção por questionar a necessidade e a finalidade de se fazer esse tipo de evento, sem que tenha público para apreciar.



FIGURA 22 – Jornal O repórter
6 de março de 1972
Digitalização por Douglas Negrissolli

interessante perceber que o próprio trecho do jornal chamava a atenção para as instalações físicas que eram amplas. A possibilidade de público sempre foi vista como um fator importante nesse tipo de evento, mas o que se deve levar em consideração é a forma como foi conduzida a organização na questão da divulgação e esforços para tal.

O catálogo do Salão de Arte também foi produzido por Walter Caprera (reprodução completa no ANEXO 30), impresso pela Gráfica Bandeirantes. Na capa, existem figuras humanas bastante alongadas, que parecem estar em uma reunião, em uma comemoração. Nota-se uma volta ao figurativismo, mesmo na capa do

Salão, o que não era comum até os anos anteriores, onde a abstração geométrica era a linguagem mais utilizada.

Os ganhadores do “Prêmio Aquisição” desse ano de 1972 foram os artistas: Sinval Correia Soares, Gerty Saruê (que dividem o grande prêmio), Maria Thereza Lemos de Arruda Camargo, Ary do Carmo Mari e João Suzuki.



FIGURA 23 - Reprodução da capa do Catálogo do V Salão de Arte Contemporânea de Santo André
André
Walter Caprera
1971
Digitalização de Douglas Negrissoli

Sinval Correia Soares (biografia resumida no ANEXO 31) é um artista natural de Morro do Chapéu, na Chapada Diamantina (Bahia). Ele utiliza o desenho como principal técnica e a partir de seus trabalhos com murais, o artista explora a

abstração utilizando muitas cores, lembrando o trabalho orgânico de Jean Arp¹⁴ (1886-1966).

Na região do ABC, o artista produziu inúmeros e grandes murais, dentre eles, o da fachada da redação do jornal Diário do Grande ABC, em 1975. O quadro adquirido, intitulado *Posição Paralela n°31* (FIGURA 24), foi feito com técnica mista sobre papel, tem uma mistura de cores e texturas que trazem



FIGURA 24 - Sinval Correia Soares
Posição Paralela n°31
Mista sobre Eucatex
1972
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

lembram os símbolos da umbanda e candomblé.

¹⁴ **Hans Peter Wilhem Arp** (1886-1966) - Em 1926, adquiriu a nacionalidade francesa e passou a usar o nome Jean Arp. Escultor francês, foi cofundador do movimento Dada, em 1916, sendo o mais importante representante do grupo dadaísta de Zurique, desde o seu primeiro encontro no Cabaret Voltaire. Características desse período são as pinturas em relevo e as colagens, realizadas pela aleatória justaposição de papéis coloridos. O seu espírito dadaísta manifesta-se na negação dos valores e dos princípios formalistas herdeiros da cultura clássica, afirmada pela introdução do acaso e da informalidade, como elementos fundamentais de composição. A sua ligação ao construtivismo reflete-se na publicação, com o pintor russo construtivista El Lissitzky, do ensaio *Les Ismes de L'Art*. Colaborou também com o pintor neoplasticista e arquiteto holandês, Van Doesburg, em algumas obras. A década de 30 marca o início de uma fase de abstração, inspirada em formas baseadas na natureza, na qual explora as possibilidades expressivas do crescimento orgânico de sentido biomórfico. As superfícies polidas e curvas sensuais transmitem evidentes conotações sexuais, de que são exemplo as obras "Metamorfose", de 1935, e "Coroa de Crotes II", de 1936. No final da vida, volta às pinturas em relevo, através de recortes de formas em volume, mantendo as qualidades orgânicas que melhor caracterizam a sua obra. (INFOPÉDIA)

O V Salão de Arte Contemporânea de Santo André fechou suas atividades no dia 7 de maio de 1972.

No início dos Salões de Arte em Santo André, percebe-se a possibilidade de uma série de eventos que são relacionados com as Artes, além de dialogar com a história e a cultura. Uma vez que tornam-se exposições nacionais e deixam de ter seu caráter apenas regional, os Salões agregam projeção maior ao artista que é selecionado, tanto o que apenas expõe quanto o que expõe e tem seu trabalho adquirido.

A construção do que é apresentado é, na verdade, um reflexo do desenvolvimento do júri que, nessas cinco edições de Salão em Santo André, foram quase as mesmas pessoas, entre críticos de Arte e artistas plásticos.

Uma diferença vital para esses Salões é o da não existência da figura do Curador de Artes, como é conhecido após os anos 80, e com maior frequência nos anos 90 e posteriormente. Talvez a diferença mais importante entre o curador e o júri, em um Salão de Arte, é a democratização do processo de seleção em que estão envolvidos, pois essa seleção abrange diversas linguagens e que (a rigor) não possui uma linha epistemológica ou poética. Por isso, prioriza-se um maior número de artistas, conectando-os pela qualidade técnica dos trabalhos, ao transmitir um ideário da atualidade, ou uma relação do objeto que tenha relevância no momento, com o espectador. A ausência de um único curador e a rotatividade do júri são importantes para não criar ostracismos e protecionismos a algum grupo ou artistas, ou seja, o júri é uma escolha mais liberal para o funcionamento desse tipo de evento, pois até mesmo o artista que participa da seleção podia opinar na votação do jurado.

Há uma questão importante ao notar-se a configuração do Salão de Arte Contemporânea de Santo André: o cenário político do período em questão estava dominado pelo Regime Militar. Tratando-se de um projeto político centralizado em uma minoria favorecida pelo poder (os militares), lembramos das palavras de Roberto Machado na introdução da versão brasileira de “Microfísica do Poder”, de Michel Foucault, que nos chamam a atenção para os diversos tipos de correlações em um cenário onde há resistência ao poder instituído:

Rigorosamente falando, o poder não existe; existem sim, práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que funciona como uma maquinaria, como uma máquina social que não está situada em um lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. Não é um objeto, uma coisa, mas uma relação. E esse caráter relacional do poder implica que as próprias lutas contra seu exercício não possam ser feitas de fora, de outro lugar, do exterior, pois nada está isento de poder. Qualquer luta é sempre resistência dentro da própria rede do poder, teia que se alastra por toda a sociedade e a que ninguém pode escapar: ele está sempre presente e se exerce como uma multiplicidade de relações de forças. E como onde há poder há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios, que também se distribuem por toda a estrutura social. (MACHADO apud FOUCAULT, 1979, p. 15)

O Salão de Arte de Santo André tornou-se, assim, um importante difusor de arte, que possuía uma relação, mesmo que tímida ou introspectada nos artistas, de um diálogo com movimentos de esquerda, de liberdade de expressão.

A exemplo desse interesse em adquirir obras que possuíam um descontentamento com o plano político nacional, a série *Brasiliana* (FIGURA 8), de Antonio Henrique Amaral, dialogava primeiro com o Movimento Antropofágico do Modernismo e segundo, com a sociedade brasileira em geral, quando questionava os rumos da sociedade em meio à opressão e pobreza.

A obra adquirida de Humberto Espíndola (FIGURA 5), além de tratar sobre o sincretismo religioso, também possuía um caráter politizado, em meio às discussões

da recentemente construída Brasília, das pessoas que viviam na região central do País, em meio à repressão à liberdade.

Quem atribuía valor às obras que eram adquiridas era o júri da ocasião e, pelo que existe de documentação oficial e nos jornais, não havia nenhum ocorrido, até o momento, de interferência política ou por causa das obras que seriam premiadas nos Salões; até mesmo por conhecer-se quais eram os riscos de se fazer uma escolha tida como errada.

Sobre o caráter politizado de alguns artistas, o autor José Armando Pereira da Silva, que também fez parte do júri em alguns anos do Salão, comenta através da obra de João Suzuki, como estava configurado o momento:

Este momento [de repressão militar] trazia para muitos jovens inquietações e desejos de transformações sociais que, naturalmente, desaguavam num projeto político. No Brasil, a esquerda assumiu esse projeto, polarizando intelectuais, universitários e também segmentos da classe média e do meio operário. Como pano de fundo, a Guerra Fria, a intervenção no Vietnã, os conflitos raciais nos Estados Unidos, a Revolução Cubana, as primaveras e revoltas estudantis sufocadas em várias partes do mundo, exacerbando o nacionalismo. (SILVA, 2007, p. 27)

Em meio ao cenário de caos estabelecido também socialmente, no ano de 1972, o Congresso Nacional tornou indiretas as eleições para governadores, a partir de 1974, mas permitiu que ocorressem as eleições municipais para prefeitos.

Em Santo André, foi eleito o Prefeito Antonio Pezollo, também do Partido ARENA (o mesmo do antecessor Newton Brandão) e teve sua gestão de janeiro de 1973 a janeiro de 1977.

CAPÍTULO 2: OS SALÕES DE SANTO ANDRÉ, DE 1973 A 1977

2.1 IV SALÃO DE ARTE DE SANTO ANDRÉ

No mundo, o ano de 1973 foi marcado pelo fim da guerra no Vietnã, com a assinatura do tratado de Paris, no dia 27 de janeiro. A guerra teve início sob o pretexto de um ataque a um *destroyer* (porta-aviões) da marinha americana, por barcos vietnamitas que estavam por lá; teoria que foi refutada em 2005, quando os documentos liberados pela Agência Nacional de Segurança dos Estados Unidos mostraram que esse ato foi de interesse militar para a ocupação da região, bem como de manipular a opinião pública. O movimento gerado pelos opositores à guerra, pouco tempo depois, deu origem ao movimento de contracultura¹⁵, que ganhou força em todo o ocidente, influenciando a geração dos anos 60 em toda a América e, particularmente, no Brasil, com maior expressão dentro da Música e Artes em geral nos anos 70.

Movimentos estudantis passaram a ser mobilizadores em todo o mundo, desde o auge do movimento na França, em 1968, o chamado “Maio de 68” onde o movimento dos estudantes iniciou e mobilizou grande parte da sociedade francesa,

¹⁵ **Contracultura** é um movimento que tem seu auge na década de 60, quando teve lugar um estilo de mobilização e contestação social, utilizando novos meios de comunicação em massa. Jovens inovando estilos, voltando-se mais para o antissocial, aos olhos das famílias mais conservadoras, com um espírito mais libertário, resumido como uma cultura underground, cultura alternativa ou cultura marginal, focada principalmente nas transformações da consciência, dos valores e do comportamento, na busca de outros espaços e novos canais de expressão para o indivíduo e pequenas realidades do cotidiano, embora o movimento Hippie, que representa esse auge, almejasse a transformação da sociedade como um todo, através da tomada de consciência, da mudança de atitude e do protesto político. (WIKIPEDIA, 2011)

independendo da classe social e superando barreiras étnicas contra o *status quo*, que era imposto pela tradicional direita.

Em 30 dias, os estudantes criaram barricadas, formando verdadeiras trincheiras de guerra nas ruas de Paris, para confrontar a polícia. Mais do que isso, os jovens tiveram ideias e criaram frases tidas como as mais "ousadas" da segunda metade do século 20.

Em discursos nas ruas e nas universidades, em cartazes e muros, os estudantes franceses deixaram as salas de aula e se mobilizaram para dar a seus professores, pais e avós, às instituições e ao governo "lições" sobre os "novos tempos, a liberdade e a rebeldia".

Mai de 68 mudou profundamente as relações entre raças, sexos e gerações na França, e, em seguida, no restante da Europa. No decorrer das décadas, as manifestações ajudaram o Ocidente a fundar ideias como as das liberdades civis democráticas, dos direitos das minorias e da igualdade entre homens e mulheres, brancos e negros e heterossexuais e homossexuais.

O Maio francês rapidamente repercutiu em vários países da Europa e do mundo, de uma forma direta e imediata. As ocupações de universidades se multiplicaram a partir da França e ocorreu a expansão das mobilizações entre os trabalhadores europeus e latino-americanos, em muitos casos, em aliança com os estudantes. (PIACENTINI, 2008)

As imagens do mundo daquele momento mostravam um desejo das massas contra as ditaduras, algo que esteve presente também no movimento estudantil no Brasil, difundido pelas organizações dos estudantes, UNE (União Nacional dos Estudantes) e UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas).

O movimento estudantil seria importante, mais tarde, pois seria um aliado dos movimentos dos sindicatos, principalmente dos operários no Grande ABC Paulista. É importante lembrar que os movimentos dos estudantes, tanto no mundo quanto no Brasil, foram reprimidos com muita violência por parte do exército, nos países que ocorreram.

Na microrregião, na cidade de Santo André, um novo Prefeito assumiu o cargo: Antônio Pezollo. A gestão do prefeito continuou com o projeto do Salão de Arte Contemporânea, que iniciou em 15 de fevereiro com a



abertura para as inscrições dos artistas.

FIGURA 25 - Reprodução da capa do Catálogo do VI Salão de Arte Contemporânea de Santo André
Walter Caprera / Belas Artes de Santo André
1973
Digitalizado pela Casa do Olhar, Santo André

No mês de abril, no dia 8, foi aberto o salão no Paço Municipal da cidade para visitação da mostra. O júri que estava presente nessa edição do evento foram os críticos de Arte Wolfgang Pfeiffer, da Associação Brasileira de Críticos de Arte; Lúcia Toledo Mazzotero, da Seção Paulista da Associação Internacional de Artistas Plásticos; Paulo Mendes de Almeida, também crítico de Arte, convidado pela Secretaria Municipal de Cultura; Ernestina Karmann e José Luyten, eleitos pelos artistas expositores.

Nota-se que até mesmo no espaço público de uma premiação e consagração de trabalhos artísticos como esse, há a presença de um sentido democrático para o júri eleito pelos artistas participantes, que sempre foi uma constante nesse evento em Santo André.

O cartaz produzido (reprodução completa no ANEXO 32, FIGURA 25) para o evento foi selecionado pelo mesmo júri e, segundo o jornal *Correio Metropolitano* (ANEXO 33), foi realizado pela Escola de Belas Artes de Santo André, que logo após 1973, já não existiria mais.

Há no catálogo do 6º Salão uma citação da poesia concreta, que esteve durante esses anos relacionando-se intimamente com a Arte Concreta, com os chamados *popcretos*, por Waldemar Cordeiro, da atuação do Grupo Noigandres e de revistas como a Klaxon.

Nesse Salão, foram premiados Rubens Vaz Ianelli e Habuba Farah Ricetti. Outros

prêmios que foram concedidos, na ocasião, foram para Nelson



FIGURA 26 - Rubens Vaz Ianelli

Composição I

Acrílico sobre tela

0,80x100

1973

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

Frits Ellwanger, Vânia Pereira, Vicente Gil Filho, Romão Bertoncel, mas que não fazem parte do acervo da cidade.

Rubens Vaz Ianelli (biografia resumida no ANEXO 34) é filho de Arcângelo Ianelli (1922-2009), também artista plástico, e sobrinho de Thomaz Ianelli (1932-2001). Assim, teve contato com as artes desde muito pequeno e se envolveu com o movimento estudantil nos anos 70, contra o regime militar.

Durante sua trajetória artística, Rubens deu grande ênfase à sua carreira de artista, com relações tardias com o Concretismo e foi muito influenciado pelo estilo dos diferentes povos indígenas, que percorreu após 1980, quando se formou em medicina.

A pintura intitulada *Composição I* (FIGURA 26) nos remete a um jogo ou uma janela. Pensando um pouco mais naquele momento, flagramos uma ampulheta em que o tempo passa, mas continua congelado, como se o artista quisesse transmitir um recado ao espectador.

Alguns meses após o fechamento do V Salão de Arte, uma notícia trazida pelos jornais *Correio Metropolitano* e *O Repórter* (ANEXOS 35 e 36) informava sobre o aumento, que já tramitava na Câmara Municipal, do valor do “Prêmio Cidade de Santo André” (que é o “Prêmio Aquisição” e o mais importante do evento), que passaria de 3 para 10 mil Cruzeiros.

Importante destacar que o Salão de Arte recebeu mais notoriedade, não só pelo aumento do prêmio em dinheiro, mas pela consideração à Arte e aos artistas como um todo, e pela participação da instituição pública, como canalizadora do evento na posição dos vereadores que votaram a favor do aumento do prêmio.

O recorte de jornal informava que havia a intenção de organizar uma Pinacoteca, bem como artistas de projeção nacional seriam cativados para participar do Salão e lhe trazer mais notoriedade.

O processo de valorização da Arte é peculiar do ponto de vista regional, pois trazia consigo um caráter tão elitizante como os grandes eventos que se configuravam em São Paulo, e carregavam consigo a preocupação de gerir o papel da modernização do Estado brasileiro, como na Bienal de São Paulo, que já era organizada através da Fundação Bienal.



FIGURA 27 - Recorte do Jornal *O Correio Metropolitano*
8 de abril de 1973
Digitalização de Douglas Negrisolli

A respeito da Bienal, a autora Rosa Artigas comenta: “Com o êxito da II Bienal, iniciava-se um período da história do Brasil, em que se institucionalizavam, cada vez mais, os eventos culturais que estavam imbricados com a modernização do Estado brasileiro” (ARTIGAS, 2001).

2.2 VII SALÃO DE ARTE DE SANTO ANDRÉ

Alguns acontecimentos, como a assinatura do contrato para a construção da Hidroelétrica de Itaipu, com o Paraguai, sinalizaram uma entrada no momento mais contemporâneo do País, enquanto, politicamente, por parte do Regime Militar no Brasil, houve uma nova política rumo à abertura para a nova democracia.

Em 15 de março de 1974, o general Ernesto Geisel substituiu o general Emílio Garrastazu Médici, no cargo de Presidente.

Sobre o processo de redemocratização, é necessário aferir alguns pontos que incluem a sociedade, segundo o autor Elio Gaspari:

Ao contrário do que sucedeu nas resistências francesa e italiana, ao nazismo, e até mesmo na Revolução Cubana, onde conservadores e anticomunistas se integraram na luta contra a tirania, as organizações armadas brasileiras [as frentes de coalisão] não tiveram, nem buscaram, adesões fora da esquerda. A sociedade podia não estar interessada em sustentar a ditadura militar, mas interessava-se menos pela chegada à ditadura do proletariado, ou de qualquer grupo político ou social que se autointitulasse sua vanguarda. A natureza intrinsecamente revolucionária das organizações armadas retirou-lhes o apoio, ainda que ténue, do grosso das forças que se opunham ao regime. Elas viam na estrutura da Igreja Católica e na militância oposicionista de civis, como Tancredo Neves e Ulysses Guimarães, um estorvo no caminho da revolução. Eles, por seu lado, viam na luta armada um estorvo para a redemocratização. (GASPARI, A ditadura escancarada, 2002, p. 189)

A censura estava sendo afrouxada em alguns jornais, como o Estado de São Paulo, que teve a censura suspensa por Geisel, mas liberada com olhos atentos ao que iria publicar. “A paz com o *Estadão* significava um desejo de estabelecimento da ordem nas relações entre o regime e uma parte do conservadorismo liberal, aliado do poder desde 1968. (GASPARI, A ditadura encurralada, 2004, p. 21).

Em Santo André, a VII edição do Salão de Arte Contemporânea (reprodução completa no ANEXO 37) trouxe consigo novidades na quantidade de artistas premiados e selecionados. O Salão iniciou sua abertura no dia 9 de abril de 1974, seguindo o cronograma das festividades de aniversário da cidade.

Nessa edição, o júri foi composto pelo crítico de artes Joseph Luyten¹⁶, as

P R Ê M I O S		artistas plásticas Ernestina Karman e Lucília Mezzotero, especialista em gravura.
1 9 7 4		
Cidade de Santo André		
Karoly Pichler	10.000,00 – Formas Sobrepostas	
Prefeitura Municipal de Santo André		
Lothar Charoux	5.000,00 – Círculos e Quadrados	
Câmara Municipal de Santo André		
Odila Mestriner	5.000,00 – Equilibristas V	
Prefeitura Municipal de Santo André	(ex-aequo)	
Terciliano Júnior	2.500,00 – Rainhas Negras do Congo	
Fernando Duval	2.500,00 – Venusinus Lanni	
Cidade de Santo André	(ex-aequo)	
Amilton Hugo Tupinambá Peixoto	1.000,00 – A Mulher e a Flor N.º 6	
Antonello L'Abbate	1.000,00 – Tempo Vida 3	
Ovídio Almeida Corrêa	1.000,00 – Mulher de Manhã	
Eva Furnari	1.000,00 – Desenho 2	
Cacilda Ferreira Fernandes de Mattos	1.000,00 – Floração III	
Wilson Rodrigues de Moraes	1.000,00 – África I	
Ilsa Leal Ferreira	1.000,00 – Rítmo II	
Vania Pereira	1.000,00 – Clarões XXII	
Emílio Miguel Abellá	1.000,00 – Ecograma C	
Paulo Menten	1.000,00 – Configuração Neo-Barroca	
Referência Especial		
Lydia Okumura	Superposição inversa das sequências mental/visual da cor. Zona Central coincidente	

FIGURA 28 - Reprodução do Catálogo do VII Salão de Arte Contemporânea de Santo André - 1974
Digitalizado por Douglas Negrisolli

¹⁶ **Joseph Luyten** (1941-2006) nasceu no dia 15 de agosto de 1941, na cidade de Brunssun, Holanda. Chegou ao Brasil em 1952 e residiu, inicialmente, na Rua Motocolombó (onde morou o poeta Leandro Gomes de Barros), no Recife. Trabalhou ativamente na imprensa paulistana em vários jornais. Lecionou em diversas escolas de nível superior, como a Faculdade Cásper Libero, ESPM, Objetivo e Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Foi professor catedrático da UNESCO, crítico de Artes Plásticas, membro da Associação Internacional de Críticos de Artes (AICA/ UNESCO) e da ABCA (Associação Brasileira de Críticos de Artes, desde 1981), da Academia Brasileira de Literatura de Cordel e da Associação Paulista de Folclore. Expert em literatura popular em versos, Joseph Luyten tem uma coleção de 19.000 folhetos de cordel, além de um acervo com livros, hemeroteca, almanaques, calendários, arquivo especializado, discografia, gravuras e xilogravuras, na área de Cultura Popular. (EMCIPECOM)

O grande prêmio da noite foi concedido a Karoly Pichler com “Formas sobrepostas”.

Os outros

premiados

foram: Lothar

Charoux, Odila



FIGURA 29 - Lothar Charoux

Círculos e quadrados

Acrílico sobre papel

0,70x100

1974

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

Mestriner, Terciliano Júnior, Fernando Duval, Amilton Hugo Tupinambá Peixoto, Antonello L’Abbate, Ovídio Almeida Corrêa, Eva Furnari, Cacilda Ferreira Fernandes de Mattos, Wilson Rodrigues de Moraes, Ilsa Leal Ferreira, Vania Pereira, Emílio Miguel Abellá e Paulo Menten.

A capa do catálogo foi de Lothar Charoux (FIGURA 10), do prêmio que recebeu no segundo Salão de Arte de Santo André, e o artista ganhou novamente outro “Prêmio Aquisição”, com a obra *Círculos e Quadrados* (FIGURA 29), desse ano de 1974.

O prêmio adquirido de Fernando Duval (biografia resumida no ANEXO 38) foi a obra *Venusinus Lanni* (FIGURA 30), feita a partir do desenho e técnica mista. Retrata um homem bastante caricato ao centro e uma paisagem ao fundo, perfeitamente desenhada.



FIGURA 30 - Fernando Duval
Venusinus Lanni
Desenho e técnica mista
1974
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

A obra impressiona pelo cuidado que foi produzida, pelas texturas e pelas cores que, após tanto tempo, continuam vibrantes. O artista possui uma trajetória ligada ao imaginário social. Provavelmente, por ter morado no Rio Grande do Sul e atualmente no Rio de Janeiro, ele explorou no início de sua carreira o Realismo Mágico¹⁷ e “passou a desenvolver um mundo imaginário, construído com base em história, geografia, fauna, flora e civilização próprias” (DUVAL). A imagem é associada a um rei, ou a um homem importante, o nome é associado a uma figura episcopal ou similar, porém, não foram encontradas referências concretas a esse nome do quadro, para se fazer uma leitura da obra.

¹⁷ **Realismo Mágico** é uma característica própria da literatura latino-americana da segunda metade do século XX, que funde a realidade narrativa com elementos fantásticos e fabulosos, não tanto para reconciliá-los como para exagerar sua aparente discordância. O desafio que isto supõe para a noção comum de "realidade" traz implícito um questionamento da "verdade" que, por sua vez, pode socavar de maneira deliberada o texto e as palavras e, em certas ocasiões, a autoridade do próprio romance. (UFRGS)

Outra aquisição desse Salão foi uma gravura de Ilsa Leal Ferreira. Existem informações esparsas de sua biografia, mas nos dão conta de que ela foi gravurista e escrevia livros e artigos sobre arte, e foi arte-educadora no Instituto de Artes da UNESP.

Sua gravura intitulada *Ritmo II* (FIGURA 31) possui um equilíbrio entre as formas



e a cor laranja, compondo uma abstração com círculos e formas irregulares.

Outro artista contemplado com o prêmio foi Emílio Miguel Abellá (biografia resumida no ANEXO 39), com a composição *Ecograma C*, feito com técnica mista sobre madeira, em três partes.

FIGURA 31- Ilsa Leal Ferreira

Ritmo II

Gravura

93x64

1974

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)



FIGURA 32 - Emilio Miguel Abellá - Ecograma C – 1974 - Mista sobre madeira - 80x1,70
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

A pintura tem formas humanas e prédios ao fundo, que lembram uma cidade. Provavelmente, essa identificação com o cinza tem relação com a poluição a que o artista e ambientalista espanhol fez críticas em toda a sua carreira. O artista também executava performances, que já chamavam a atenção do público para a questão ambiental, do lixo na cidade e de luta por melhor qualidade de vida.

No dia 5 de maio, quase um mês depois da abertura oficial do Salão, o jornal Correio Metropolitano divulgou uma nota sobre a montagem da exposição, opinando que esta deixava a desejar, principalmente, sobre a questão do espaço e disposição das obras apresentadas, e fez uma crítica sobre o catálogo:

Ao catálogo da exposição, que representa uma promoção municipal, deveria ser dispensado mais cuidado. Não quanto ao material usado, mas na apresentação de algumas fotos, pelo menos dos quadros premiados. Também a caracterização das obras, no caso da pintura, principalmente, por uma ficha técnica mais completa, não existiu. Dificilmente, o visitante leigo saberá se está diante de um óleo sobre tela, ou de uma gravura, quando o primeiro objetivo de uma mostra de arte considera-se ser o cultural.

O VII Salão de Arte Contemporânea de Santo André vale como uma preocupação artístico-cultural e se não foi das mais felizes, tem tudo para melhorar no próximo ano. (CORREIO METROPOLITANO, 1974) (ANEXO 40)

O primeiro catálogo com fotos das obras ganhadoras dos prêmios somente ocorreria em 1978, no primeiro Salão de Arte Jovem de Santo André, que substituiu o Salão de Arte Contemporânea.

O fato dos catálogos não terem fotos dificultou muito a identificação das obras na reserva técnica, pois alguns objetos estão desmontados e geram grandes dúvidas, inclusive para o Poder Público Municipal.

2.3 VIII SALÃO DE ARTE DE SANTO ANDRÉ

No final de 1974, aconteceram eleições para o Congresso Nacional e o MDB teve 16 senadores eleitos, contra apenas 6 do Partido ARENA. O cenário político ainda estava tendenciado para a direita onde estavam no poder os militares, porém, nota-se uma abertura na fluidez com que o processo democrático vinha se instalando no cenário nacional.

Durante o mês de fevereiro de 1975, foram abertas as inscrições para o VIII Salão de Arte Contemporânea de Santo André, que seria realizado, como de costume, com os festejos do aniversário da cidade.

A seleção dos trabalhos ficou a cargo do júri composto pelo crítico da APCA, Casemiro Xavier de Mendonça, e o pintor Carlos Henrique Lacerda, pela Associação Internacional de Artistas Plásticos. O mais votado entre os artistas, para participar do júri, foi Joseph Luyten e, segundo o jornal *Diário do Grande ABC* (ANEXO 41), a diversidade de artistas de outros estados seria um grande acontecimento do Salão.

Segundo a crítica do jornal *Folha da Tarde* (ANEXO 42), esse foi um salão que procurou premiar artistas que buscavam a relação com a vida cotidiana, e sobretudo, privilegiou a produção de jovens artistas.

Os ganhadores desse Salão foram os artistas: Milton Precivale, Jaime Yesquenlurita, Niobe Nogueira Xandó, Geraldo José dos Santos e João Sebastião Francisco da Costa.

A capa do catálogo (reprodução completa no ANEXO 43, FIGURA 33) é de Odila Mestriner, a qual foi premiada no segundo Salão, em 1969. Esse é o primeiro de todos os catálogos desse evento, que possui um texto explicativo e foi escrito por Casimiro de Mendonça,

participante do júri pela APCA e jornalista da Folha da Tarde. Nesse

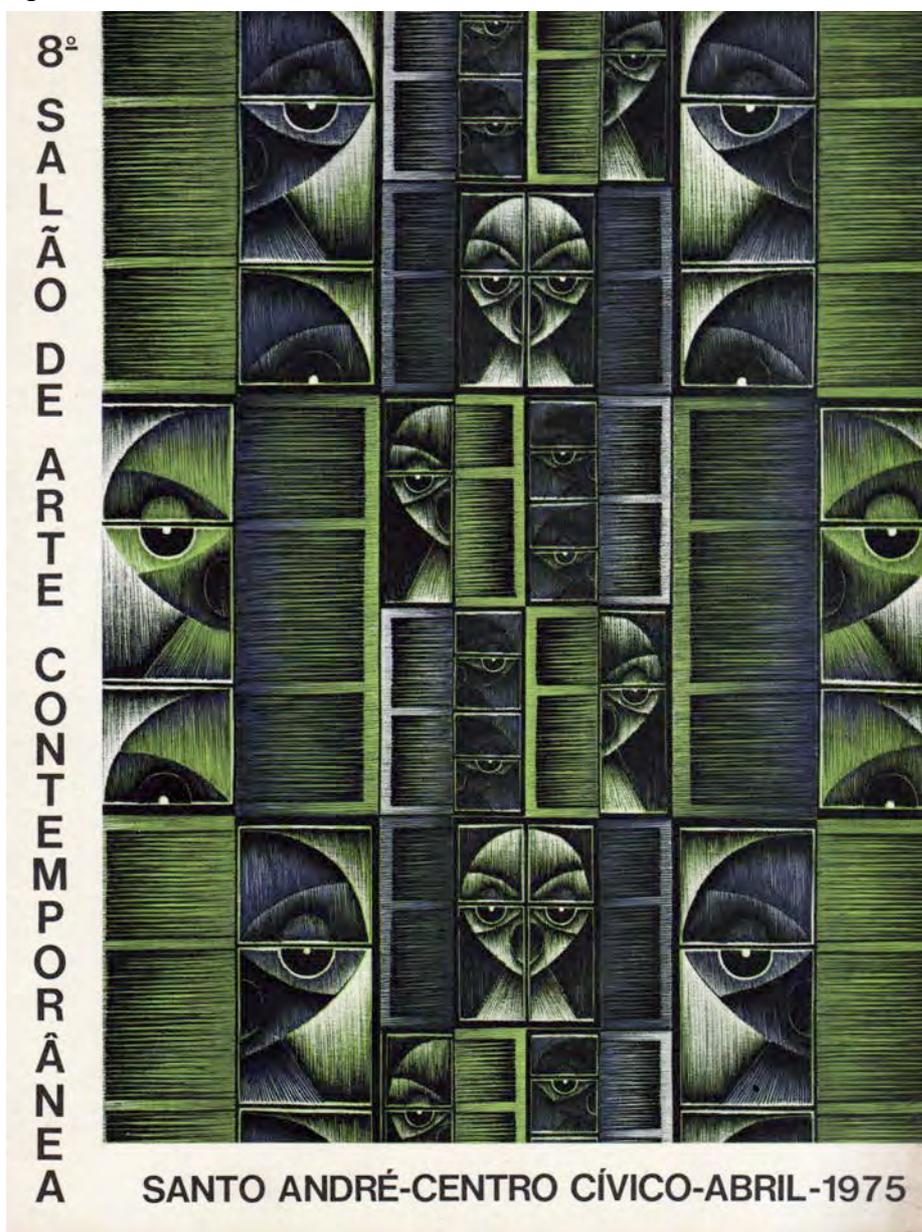


FIGURA 33 - Reprodução da capa do Catálogo do VIII Salão de Arte Contemporânea de Santo André
Capa de Odila Mestriner
1975
Digitalizado por Douglas Negrissolli

texto, são abordados alguns pontos muito importantes, como o fato da linguagem ter sido alterada por uma influência brutal da Pop Arte e do Novo Realismo¹⁸ francês, que tendiam a usar objetos com a herança do *ready-made*, mas sem o cinismo presente no



FIGURA 34 - Jaime Yesquenlurita
Natureza e Máquina
acrílica s/ tela - 170x200
1975
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

Dadaísmo.

Percebe-se que a confluência¹⁹ de outros países foi um canalizador para os artistas brasileiros utilizarem em suas pesquisas novos meios e meios que já existiam, com outras roupagens.

O texto de Casimiro ainda explorava o uso dos signos e símbolos (advindos dos estudos da Semiótica) na obra de Niobe Xandó, e “a investigação e as

¹⁸ O **Novo Realismo**, oficialmente criado na França em 1960, levanta questões que também preocupam a Arte Pop inglesa e norte-americana. Contudo, cabe lembrar que seu período de gestação retrocede aos anos de 1958 e 1959, quando a produção de artistas como Yves Klein (1928 - 1962), Arman (1928), Raymond Hains (1926) e Jean Tinguely (1925 - 1991) anuncia uma mudança radical em relação às correntes artísticas vigentes.

¹⁹ Aqui utilizo a palavra “confluência” para compreender que o processo de ir e vir da informação traz consigo uma troca de experiências que até então não era considerada no mundo das artes amplamente. O início da globalização com os meios de comunicação em massa, sem dúvida ampliou a visão de mundo do artista, mesmo que os eventos político-sociais estejam acontecendo em vários locais ao mesmo tempo, gerando intenções parecidas, isso dá ao artista uma oportunidade de revelar sua linguagem de forma semelhante à pesquisa de outros artistas, em diferentes lugares do globo, sem que seja caracterizado roubo, plágio; mas como coincidência.

indagações do homem a respeito de si mesmo e do mundo envolvente”, que o mesmo texto comentava sobre o Salão de Arte Contemporânea de Santo André.

O artista Jaime Yesquenlurita nascido no Perú, em 1939, naquela ocasião, tinha 36 anos quando ganhou o prêmio pela obra “Natureza e máquina”. Trata-se de uma pintura que relaciona a repetição de um parafuso com a árvore, talvez

simbolizando uma preocupação com o futuro da natureza, em relação ao consumismo que já se apresentava.

A artista Niobe Xandó teve uma obra adquirida (FIGURA



35), intitulada *Trabalho III*, e trata-

FIGURA 35 - Niobe Nogueira Xandó - Trabalho III – 1974 – Colagem - 74x50
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

se de uma colagem feita conforme a pesquisa que a artista vinha desenvolvendo, com os símbolos e signos indígenas e primitivistas. Esses símbolos constroem formas humanas, seguindo uma perspectiva dos totens indígenas e tribais.

Não foi encontrada a data de encerramento do Salão, mas como nos anos anteriores, durava cerca de um mês.

2.4 IX SALÃO DE ARTE DE SANTO ANDRÉ

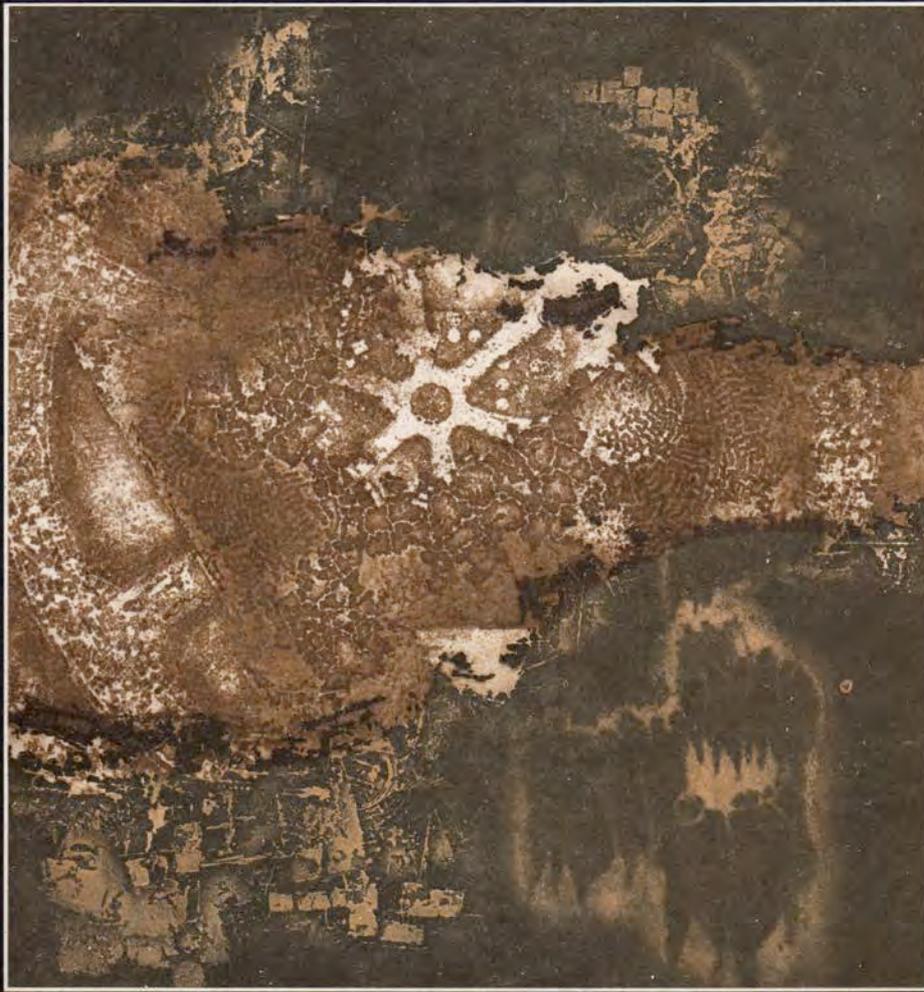
O ano de 1976 foi um ano comum e não teve grandes acontecimentos mundiais ou catástrofes.

Na música, o destaque ficou por conta da ascensão do movimento *punk rock* nos EUA e Inglaterra, por bandas como Ramones, Sex Pistols e The Clash.

No mesmo ano, o primeiro videoclipe do mundo foi lançado pela banda Queen, chamado “Bohemian Rhapsody”.

Os eventos para o Salão de Arte Contemporânea de Santo André, com o então Prefeito Antônio Pezzolo, foram iniciados em 6 de fevereiro de 1976, quando foram abertas as inscrições para que os artistas pudessem enviar suas obras ao salão. Um recorte do jornal *Diário do Grande ABC* (ANEXO 44) informava que “depois do Salão Paulista, o Salão de Arte de Santo André é o mais importante do Estado”.

Pode-se notar que o Salão passou por seu auge nessas três últimas edições (sétima, oitava e nona edição), em grande parte, devido ao aumento dos prêmios em dinheiro que, certamente, aumentavam as inscrições e, por sua vez, aumentavam a competitividade entre os artistas. Assim, ter sua obra de Arte exposta em um evento como esse, certamente trazia visibilidade ao artista.



OBRA: A GRANDE RODA VIVA DE HANS S. GRUZOZNSKI

**9º Salão de
Arte Contemporânea**

**SANTO ANDRÉ CENTRO CIVICO
ABRIL - 1976**

FIGURA 36 - Reprodução da capa do Catálogo do IX Salão de Arte Contemporânea de Santo André
Capa de Hans Sulliman Grudzinski
1976
Digitalizado por Douglas Negrisolli

Em um dos recortes de jornal, há uma crítica de Paulo Kein, que já havia sido jurado em algumas edições do evento, que ostentava o título “Salão de pompas, circunstâncias e calamidades” (ANEXO 45) e nessa crítica, ele comentou sobre a falta de renovação que o Salão possuía, além da confusão causada pela Sala Especial, intitulada “*Comportamento do homem Urbano* que, além de confusa em seu conteúdo, podia passar despercebida pelos menos atentos”.

O Salão abriu no dia 7 de abril de 1976 e teve sua seleção feita pelo júri, composto por Lucília Mezzotero, Olney Kruse e Paulo Maranca²⁰. Foram selecionados e premiados os artistas: Clóvis Irigaray, Ingres Speltri, Antonio Carlos Rampazzo, Antonio Vitor da Silva, com os “Prêmios Aquisição”, e menções honrosas para Francisco Gonzales e Romildo Paiva.



FIGURA 37 – Clóvis Irigaray
Xinguana I
Colagem
59x74
1976

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

²⁰ **Paolo Maranca** (Nápoles, 28 de fevereiro de 1938 — São Paulo, 19 de agosto de 2006) foi um ilustrador, desenhista, crítico de arte, pintor e jornalista ítalo-brasileiro. (WIKIPÉDIA, 2011)

A capa do catálogo (reprodução completa no ANEXO 46) é de Hans S. Grundzinski, com a obra *A grande roda viva* (FIGURA 36), a qual foi premiada no III Salão, em 1970.

Foram encontrados os quadros de Clóvis Irigaray, mas não foram encontrados dados biográficos que pudessem facilitar a imersão nessa



obra. Sabe-se que o artista é mato-grossense e que tem uma trajetória ligada à

FIGURA 38 - Clóvis Irigaray
Xinguana II
Colagem
80x55
1976
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

representação de personagens do centro-oeste brasileiro. Os quadros que estão no acervo de Santo André são o *Xinguana I* (FIGURA 37), que traz dois índios em roupas espaciais da NASA; e *Xinguana II* (FIGURA 38), que retrata um casamento de índios, celebrado por um padre.

O IX Salão de Arte encerrou suas atividades no dia 2 de maio de 1976.

Logo no início do ano de 1977, aconteceram eleições municipais e Lincoln dos Santos Grillo assumiu a prefeitura da cidade de Santo André. O Prefeito vinha

DIÁRIO DO GRANDE ABC

04 de Outubro de 1977.



FIGURA 39 - Santo André substitui Salão de Arte.
Diário do Grande ABC
4 de outubro de 1977

do Partido MDB (Movimento Democrático Brasileiro), que durante os anos 70 e posterior, teve várias cisões formando o PMDB no ano de 1980. O MDB teve uma posição centrista e moderada ao enfrentar o regime militar.

No final do ano de 1977, uma notícia saída no jornal Diário do Grande ABC (FIGURA 39) informava que o evento passaria a se chamar “Artes Plásticas em Santo André”, o que, na verdade, não ocorreu, pois ele seria chamado, a partir de 1978, de “Salão Jovem de Arte

Contemporânea”. A mesma

nota de jornal informava que seriam oferecidos um salário mínimo vigente, para cada jurado que comparecesse ao evento, sendo designado pelo prefeito.

Nesse sentido, o de formar um novo aparato de leis que abrigassem um novo evento, notou-se que havia o interesse em se apagar as realizações dos prefeitos anteriores, que eram todos do Partido ARENA, para colocar a nova marca do MDB.

Assim, iniciou-se uma nova fase do Salão que mudou de nome, mas ainda encontrou velhos e novos problemas de organização e montagem.

CAPÍTULO 3: OS SALÕES DE SANTO ANDRÉ DE 1978 a 1985

3.1 I SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ

O mundo começou a configurar-se como o conhecemos atualmente, as relações diplomáticas entre Estados Unidos da América e China são reestabelecidas; o primeiro caso de AIDS nas Américas é constatado; e é instituída a lei do divórcio no Brasil.

No Grande ABC, as manifestações contra o Regime Militar, principalmente induzidas pelo movimento sindical, muito forte e presente na região por causa das várias montadoras de automóveis (como exemplo, Ford; Scania; Volkswagen, em São Bernardo; General Motors, em São Caetano do Sul), têm seu ápice:

Às seis da manhã do dia 12 de maio de 1978, mais de 3.000 metalúrgicos da Scania, em São Bernardo, entraram na fábrica, mas não ligaram as máquinas. Tinha início a primeira greve, dez anos após a última mobilização, em 1968, ano da promulgação do AI-5 (Ato Institucional), que acabou com a liberdade de expressão e a representação política.

O país, sob a ditadura militar, era governado por Ernesto Geisel. Os metalúrgicos da empresa do ABC eram liderados pelo ferramenteiro Gilson Menezes. De um lado, a luta por aumento salarial e melhores condições de trabalho; do outro, o medo da repressão, já que até reunião pública podia ser considerada ato subversivo.

Nesse clima, a greve "Braços cruzados, máquinas paradas" iniciaria um movimento que acabaria por inflamar os ânimos em outras empresas, que também pararam dias depois, e serviria de exemplo para outros movimentos, mais organizados e alastrados, em 1979 e 1980. (CAMACHO, 2008)

Certamente, o medo da prisão tomava conta dos grevistas, mas a necessidade em tempos de inflação e a precariedade das condições trabalhistas falavam mais alto (aconteciam muitos acidentes, principalmente, causados por

máquinas que não tinham a segurança necessária; por manipulação de material tóxico; por problemas ergonômicos, como surdez e posturais).

Devemos levar em consideração que os ideais utópicos do socialismo estavam grandemente penetrados nos movimentos sindicais, que tinham lutas, como a dos russos, e possibilidades reais da classe operária alcançar o poder.

No âmbito nacional, a política passava por vários momentos de cessão e retrocesso. Os movimentos sindicais, que iniciaram-se na década de 70, tomaram força com a adesão de vários artistas simpatizantes, pessoas que sempre estiveram ligadas a movimentos emancipatórios e de liberdade de expressão.

Em contraponto, o Presidente Geisel fechava o Congresso Nacional em maio de 1977, promovendo o “Pacote Abril”, que determinava que as eleições no Congresso seriam 1/3 indiretas, e aumentava a bancada dos estados menos desenvolvidos.

Os Salões de Arte em Santo André passaram a ser geridos por uma nova comissão organizadora, visto que o prefeito eleito era de outro partido e, muito provavelmente, não mantiveram os funcionários eletivos.

A organização somente iniciou-se em 1978, deixando o ano de 1977 com uma lacuna e sem o evento, que ocorria anualmente desde 1968.

Houve uma nova votação na Câmara, para que fosse oficializada a Lei nº5.482 de 4 de setembro de 1978 (ANEXO 48), que promulgou o funcionamento do “Salão Jovem de Arte Contemporânea de Santo André”.

A preparação do evento começou a ser feita em outubro e novembro, com a abertura das inscrições para os artistas, entre 1 e 10 de dezembro.

Juntamente com a abertura das inscrições, foi promovida a abertura do edital que escolheu a artista plástica Iracy Nitsche, para pintar um mural na Biblioteca Central, também no Paço Municipal da cidade.

O Salão, que passa a se chamar “Salão Jovem de Arte Contemporânea”, de 1978, (reprodução



FIGURA 40 - Reprodução da capa do Catálogo do I Salão Jovem de Arte Contemporânea - Capa de Antonio Carlos de Almeida Mattos 1978 Digitalizado por Douglas Negrisolli

completa no ANEXO 49, FIGURA 40) reuniu, entre seus participantes, uma grande parcela dos artistas-pesquisadores que existem hoje no País.

O júri dessa edição foi constituído pelos críticos de arte Paulo Klein²¹, Paulo Menten²² e Sinval Correa²³.

²¹ **Paulo Klein** desenvolveu a atividade de crítico de Arte, a partir da década de 70, quando trabalhava como editor de Arte e Cultura, no Diário do Grande ABC, época em que ingressou na APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) e passou a colaborar com o jornal Folha de São Paulo. Hoje é crítico de Artes Visuais e de Cultura filiado à Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) e da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA), seção brasileira da Association Internationale des Critiques d'Art (AICA), filiada à UNESCO. (KLEIN)

²² **Paulo Menten** (1927-2011) nasceu em 17 de junho de 1927, em São Paulo (SP). É autodidata em pintura e em 1950/1951, frequentou o curso de desenho do MASP. Pintor, desenhista, gravador, professor, orientou o Núcleo dos Gravadores de São Paulo e foi professor da Escola Pro-tec. Nos anos 70, coordenou um atelier de gravura em São Caetano do Sul. Nos anos 80, mudou-se para Londrina, onde lecionou na Universidade Estadual

O catálogo traz uma grande novidade que são as fotos das obras dos artistas premiados nessa edição, o que facilitou a documentação e identificação dos objetos de Arte, dentro da reserva técnica da Prefeitura Municipal.

Apesar de já ter acontecido em catálogos anteriores, esse de 1978 também possuía um texto



escrito pelo crítico Paulo Klein, que discutia a forma como foram selecionadas as

FIGURA 41 - Sergio Niculitcheff

Tempos II

Acrílico sobre tela

0,55x0,80

1978

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

obras pelo júri, levando em conta os valores plásticos e temáticos. O texto comenta as obras dos três ganhadores: Ronaldo Bertaco, Antonio Carlos de Almeida Mattos e Sergio Niculitcheff, e fala sobre as obras que não foram aceitas. “Excluídos foram os

de Londrina e realizou diversos cursos de gravura. Doou seu acervo pessoal para a formação do Museu da Gravura, em Cornélio Procópio (PR). Faleceu no dia 28 de maio de 2011, aos 83 anos.

²³ **Sobre Sinval Correa**, não existem fontes conclusivas, mas como já existiam dois críticos, conclui-se que seria um artista plástico.

trabalhos onde a cópia, a má utilização dos meios de expressão, a confusão ou identificação temática eram evidentes” (ANEXO 50).

A obra *Tempos II*, de Sergio Niculitcheff (FIGURA 41), retrata um homem (que segundo o próprio artista informa, é o pai dele) da mesma forma que as fotos tradicionais, que eram usadas para retratar cada integrante das famílias no Brasil, décadas antes. Há um avião e a ponta de um fusca ao fundo, que talvez remetessem ao novo momento brasileiro da industrialização, trazendo uma modernidade ao bucolismo do homem retratado na foto.

Não foram encontradas menções de Ronaldo Bertaco e Antonio Carlos de Almeida Mattos, na atualidade, nem de produções posteriores ou anteriores à ocasião.

O I Salão Jovem de Arte Contemporânea de Santo André finalizou suas atividades no dia 28 de novembro de 1978.

3.2 II SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ

Em 27 de dezembro de 1978, entrou em vigor uma importante mudança no cenário nacional: a nova Lei de Segurança Nacional; dias depois, o Ato Constitucional nº5 é revogado, em 31 de dezembro:

No governo Ernesto Geisel, foi promulgada a emenda constitucional nº 11, cujo artigo 3º revogava todos os atos institucionais e complementares, no que fossem contrários à Constituição Federal, "ressalvados os efeitos dos atos praticados com base neles, os quais estão excluídos de apreciação judicial" [6], restaurando o *habeas corpus*. A emenda constitucional entrou em vigor em 1º de janeiro de 1979. (WIKIPEDIA, 2011)

A transição para a democracia estava tomando força com a revogação do AI-5, que tanto protegeu o ato da tortura e colaborou para a prisão das pessoas participantes dos movimentos contrários à política militarista dos anos anteriores.

No dia 15 de março de 1979, o General João Baptista Figueiredo substituiu o General Ernesto Geisel, como Presidente do Brasil, e continuou a marca do presidente anterior de prosseguir com a abertura política, culminando, no ano seguinte, com os novos partidos, como o PMDB, que sucedeu grande parte do MDB, e o PDS, que sucedeu o Partido ARENA.

Nesse mesmo ano, ocorreu um dos eventos mais marcantes da história de nossa democracia: a ocupação do estádio da Vila Euclides, em São Bernardo do Campo, no Dia do Trabalho, 1 de maio de 1979, que segundo o livro *Vozes da Democracia*:

As imagens que a história congelou, talvez tenham sido aquelas das assembleias em praças e campos de futebol, onde operários da região do estado de São Paulo conhecida como ABCD... decidiram as greves que mudariam os rumos do país. Tudo registrado naquele colorido falho das câmeras Super 8, quando não, em preto e branco, filmado na maior parte das vezes pelos próprios metalúrgicos, que já conheciam a importância da

comunicação e experimentavam as novas tecnologias da época. [...] Já havia vários movimentos de contestação, de setores descontentes com a ditadura. Nesse momento, já existiam os movimentos pela Anistia e os declaradamente defensores do fim da ditadura. Para o pesquisador, o que foi realmente determinante para o início da reabertura foi a volta da classe operária, “através das oposições sindicais e dos sindicalistas autênticos, agrupados em torno da liderança de Lula, no ABC Paulista”. (INTERVOZES - Coletivo Brasil de Comunicação Social, 2006, p. 54)

O mesmo livro cita que os movimentos de luta pela democracia já ocorriam em todo o território nacional, mas foi a partir desse evento ocorrido no ABC, que ganharam força os outros sindicatos e organizações de trabalhadores, como os do sul do País, para inclusive levarem pessoas do ABC Paulista para colaborarem na organização de seus eventos.

Nessa ocasião, “nas comemorações do Dia do Trabalho, mais de 100 mil pessoas se reuniram no estádio da Vila Euclides, em São Bernardo, onde foi lançada a Carta de Princípios do PT [Partido dos Trabalhadores]”. (INTERVOZES - Coletivo Brasil de Comunicação Social, 2006, p. 322)

O contexto em que seria organizado o II Salão de Arte Contemporânea Jovem de Santo André, permitiu encontrar várias manifestações de Arte, que não tinham ocorrido anteriormente na cidade. Segundo o jornal Diário do Grande ABC (ANEXO 51), escrito pelo crítico de arte e jornalista Enock Sacramento, ocorreu um *happening* na abertura do Salão, no dia 14 de setembro de 1979, em que:

Durante a inauguração do Salão, chamado *Salão da Abertura* (alusão ao fato de todos os artistas inscritos terem sido admitidos pelo menos com um trabalho e à abertura política do governo federal), um grupo de artistas expositores promoveu, por conta própria, verdadeiro carnaval. Fitas de papel higiênico foram estendidas entre as colunas, tiras de papel, gravadas, foram espalhadas no local e recortes de um pé, com a frase *Passo a passo, neste espaço*, do jovem artista Renato Brancatelli, foram dispostos no chão, subindo, às vezes, pelas paredes de vidro da sala.
[...] Enfim, uma alegre parafernália nunca vista em Santo André num Salão de Arte e que só encontra discreto paralelo na região, no *happening* ocorrido há anos em São Caetano, quando um grupo de artistas e curiosos pintou um dos muros da Fundação das Artes a jatos de tinta.
[...] Não houve qualquer repressão por parte das autoridades ao *happening* de Santo André.

[...] As opiniões sobre este evento têm sido as mais diferentes possíveis. (SACRAMENTO, Artistas picham paredes e painéis: Parafernália no Salão de Arte em Santo André, 1979)

A manifestação dos *happenings* é advinda dos anos 50-60, dentro das Artes visuais, quando “uma mistura de ações teatrais, com elementos de dança e uma dramaturgia informal, formas não convencionais de representações artísticas de fugir do autoisolamento autoescolhido pela *avant-garde*” (HONNEF, 1992, p. 22) foram colocados em prática também, para promoverem uma discussão com o momento político, no Salão Jovem de Santo André.

O nome *happening* foi aceito por sugestão de Kaprow, “algo que ocorre, um acontecimento” (DEMPSEY, 2003, p. 292), e mesmo a tradução da palavra inglesa é, literalmente, “acontecendo”. Alguns entusiastas dos *happenings* foram Claes Oldenburg, Allan Kaprow, Jean Jaques Lebel e Wolf Vostell.



FIGURA 42 – Pichação vira arte no Salão de Santo André
Enock Sacramento
Diário do Grande ABC, 23 de setembro de 1979



FIGURA 43 - Reprodução da capa do Catálogo do II Salão Jovem de Arte Contemporânea - Capa de Antonio Carlos de Almeida Mattos - 1979
Digitalizado por Douglas Negrisolli

O júri foi composto por três críticos que já haviam participado de edições anteriores do evento. Paulo Klein, Paulo Menten e Enock Sacramento escreveram um texto introdutório no catálogo do Salão, que deixava bem clara a intenção do júri no discurso pró-democracia e pró-liberdade.



FIGURA 44 - Reprodução do texto do Catálogo do II Salão Jovem de Arte Contemporânea - Capa de Antonio Carlos de Almeida Mattos - 1979
Digitalizado por Douglas Negrisolli

O catálogo do Salão de 1979 (reprodução completa no ANEXO 53) é simples e tem letras que se assemelham com a arte de rua, os grafites e as pichações. Foi feito por Antonio Carlos de Almeida Mattos.

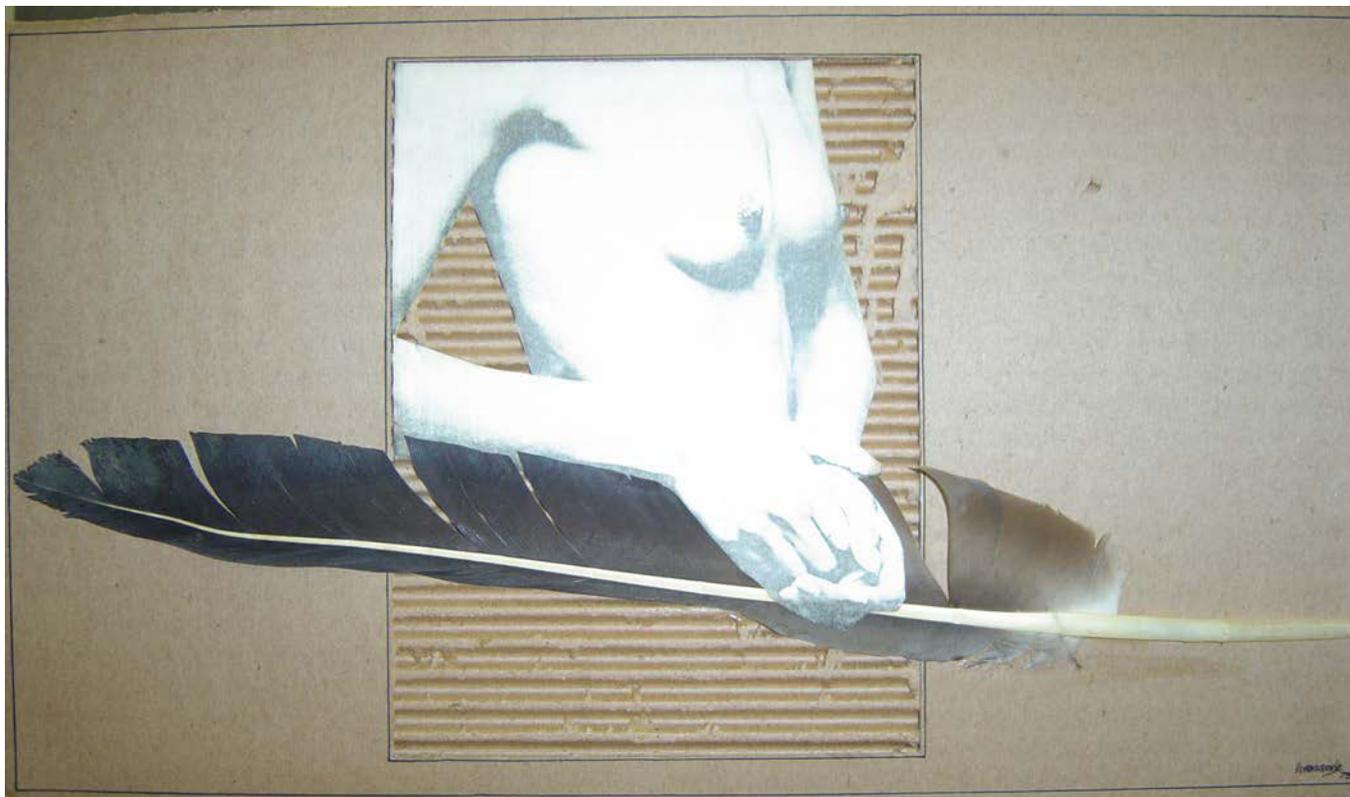


FIGURA 45 - Hudinilson Urbano Junior

3- *Título*

colagem s/ papelão e Eucatex

0,60 x 0,50

1979

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

Os ganhadores desse “Prêmio Aquisição” foram os artistas: Luiz Antonio Boralli, Hudinilson Urbano Junior e Lucio Yutaka Kume.

A colagem de Hudinilson Junior (biografia resumida no ANEXO 54, FIGURA 45) é intitulada 3- *Título* e possui uma grande pena no primeiro plano e o xerox de um busto nu feminino, ao fundo, fazendo com que as duas imagens se encontrem através do recorte. Segundo a biografia encontrada do artista, ele trabalhou com o mito de Narciso, promoveu diversos *happenings* e performances, quando esteve no Brasil.

O artista tinha conhecimento de gravura e trabalhou durante muitos anos com xerox, tirando cópias do seu próprio corpo e montando-as depois. Não foram encontrados elementos que pudessem revelar a pesquisa que o artista vinha mantendo na época da aquisição desse prêmio, para que a leitura dessa colagem pudesse ser melhor desenvolvida.

A colagem de Lucio Kume (biografia resumida

no ANEXO 55, FIGURA 46) tem o título *Série "Achados e perdidos"* e retrata

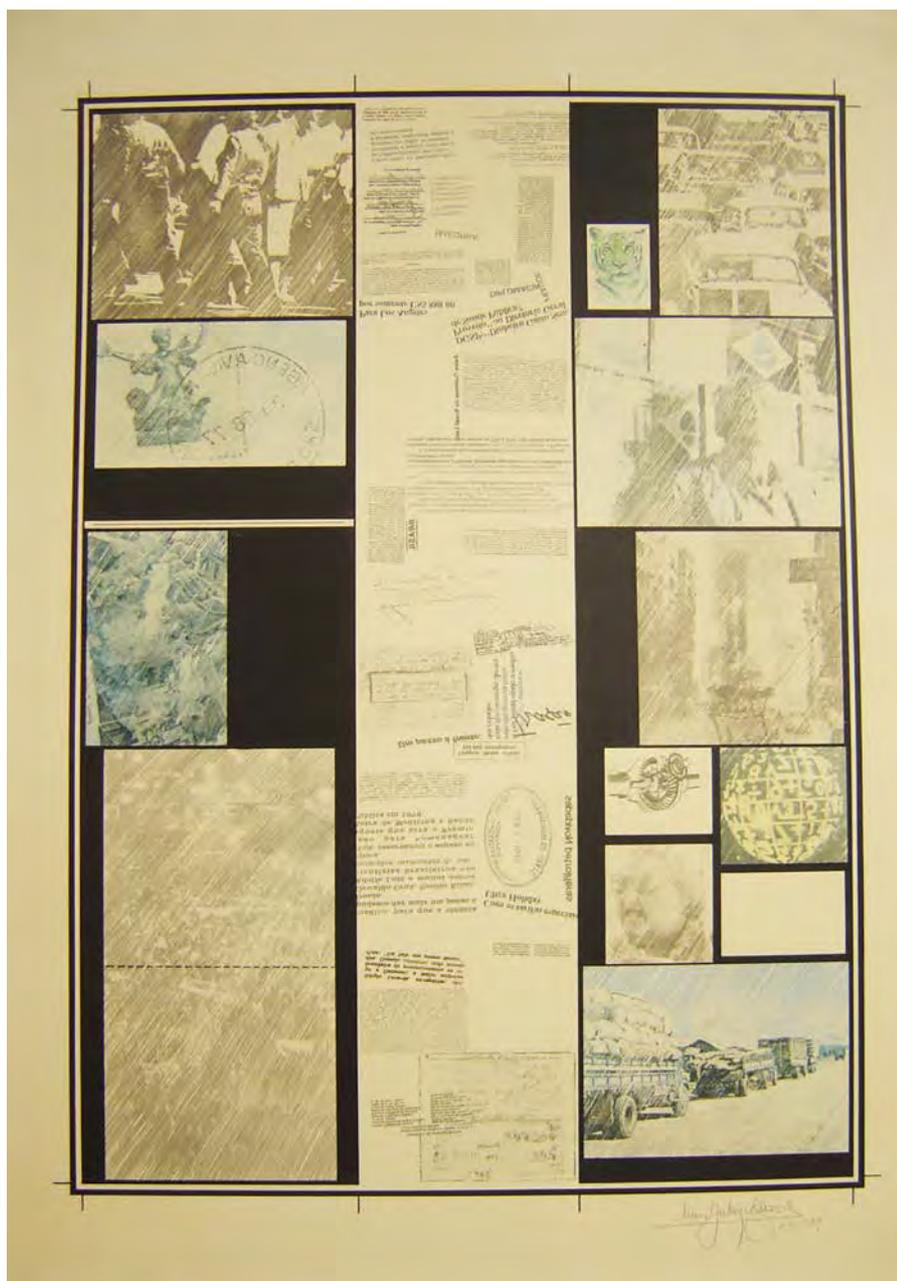


FIGURA 46 - Lucio Kume
Série "Achados e Perdidos"
Técnica mista
1979
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

intensamente da questão política no Brasil. Algumas partes das fotos são militares, policiais, outras são carros e pessoas. Existe uma multiplicidade de carimbos institucionais, mas eles estão invertidos, como se fosse necessário um espelho para se fazer a leitura. Em uma das fotos, abaixo à esquerda, parece haver um movimento de pessoas com faixas, mas a obra está empaledecida, também pela

ação do tempo. Em sua biografia, consta que o artista utiliza os xerox e a colagem como principais técnicas em sua trajetória.

Algumas considerações são importantes para esse Salão, que sem dúvida anunciou a mudança político-social dentro da microrregião do ABC Paulista. Paulo Mentem escreveu no artigo que saiu no jornal *Santo André em Notícias*, do dia 22 de setembro de 1979 (ANEXO 56), sobre a repercursão desse Salão e em especial das pichações feitas na parede branca:

E por último, vamos falar do mural branco, que solicitamos fosse colocado para os artistas, ou quem quisesse, ali deixasse o seu grafito. Pretendíamos tirar o que se faz de mais vanguardista atualmente nas cidades, a necessidade irrefreável de “pixarmurus”, paredes e espaços disponíveis, num anseio de comunicar comigo, contigo, com todos, o desenho nos espaços verdadeiramente disponíveis para a expressão plenamente livre. Um legítimo protesto às informações programadas dos jornais, televisões e dos etc, emergidos nos sistemas comprometidos com a população comercial de informação em massa. E assim foi feito. E o espaço em branco foi preenchido com grafitos. Está acontecendo um salão em moldes inovadores, que põe em cheque todas as estruturas dos salões restritos e bem comportados. É bem verdade que este Salão Abertura – II Salão Jovem de Arte Contemporânea – inevitavelmente será uma sala que, infelizmente, irá faltar à próxima Bienal Internacional de São Paulo [15°]. (MENTEN, 1979) (ANEXO 56)

O Salão Jovem de Arte Contemporânea fechou suas portas em 30 de setembro de 1979 e, curiosamente, foi a primeira vez que apareceu no catálogo da exposição a data de término, talvez indício de uma maior habilidade da equipe que produziu o catálogo, bem como o evento.

É importante citar que já nesse Salão e em alguns anteriores, tivemos a presença marcante de alguns dos artistas visuais, atualmente destacados no cenário nacional e internacional. São exemplos que estavam participando desse Salão: Alex Flemming, Percival Tirapelli, Sérgio Niculicheff, dentre outros.

3.3 III SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ

Os movimentos por um novo Estado brasileiro estavam acontecendo em todo o território nacional, culminando na criação e aceitação pelo Estado de novos partidos como o PDS e PT.

Na cidade de Santo André, os eventos para o III Salão Jovem de Arte Contemporânea tiveram início no começo do ano, com quase o mesmo júri do ano anterior: Paulo Chaves, artista que participou das primeiras edições do evento; Paulo Menten; e Enock Sacramento.

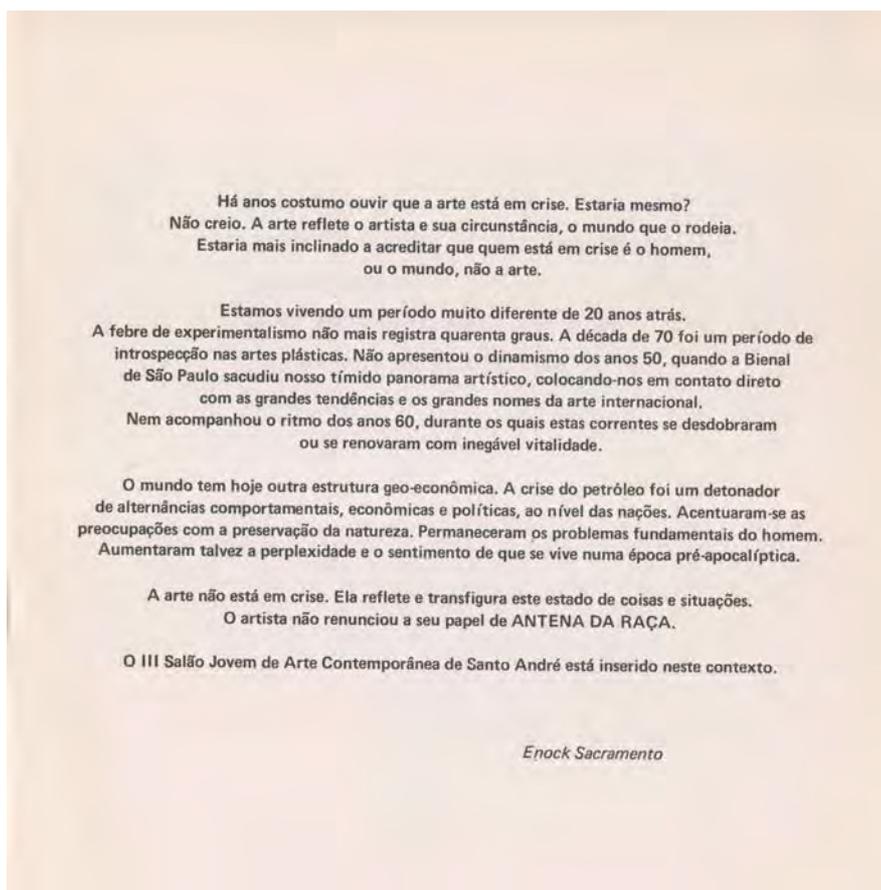


FIGURA 47 - Reprodução do texto do Catálogo do III Salão Jovem de Arte Contemporânea 1980 Digitalizado por Douglas Negrisolli

Nesse Salão, o texto foi de autoria de Sacramento (FIGURA 47), que comentou sobre a crise na Arte, questionando: “Que crise?”

A indagação do crítico nos remete ao papel das Artes em seu território mais profundo, que é talvez relacionar-se com o tempo e o espaço. O artista como um

captador e canalizador do mundo, o observa, tenta comunicar-se com ele e até propor mudança.

A geração que estava presente nesse momento, dos anos 80, talvez tenha sido a que mais trabalhou em prol da tão esperada liberdade de expressão e teve de se arranjar com a falta dela, pensando em inúmeras formas de transmitir valores, que até então não poderiam ser mostrados, superar desafios e mudar o cenário que lhes fora dado.

O catálogo dessa edição (reprodução completa no ANEXO 57,



FIGURA 48 - Reprodução do Catálogo do III Salão Jovem de Arte Contemporânea Prefeitura Municipal de Santo André - 1980 Digitalizado por Douglas Negrissolli

FIGURA 48) foi feito com letras grandes e uma separação em vermelho. Foi produzido pela Prefeitura Municipal de Santo André, mas não tem autoria de editoração.

A mostra teve início no dia 4 de setembro e teve pouca crítica nos jornais. Uma delas dizia: “Salão de Arte reflete a crise da sociedade” (ANEXO 58) (DIÁRIO DO GRANDE ABC, 1980) e comentava sobre um jovem espectador falando que não compraria nenhuma das obras expostas no Salão.



FIGURA 49 - Décio Soncini
O Espetáculo não pode parar - 16
Técnica mista - 30x30
1980
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

Posteriormente, a linguagem da Instalação²⁴ e outras vanguardas, trouxeram à tona outras discussões que já não eram mais as mesmas que a beleza das cores Impressionistas traziam. As implicações políticas, sociais e econômicas trouxeram discussões que não atendiam mais essencialmente o padrão do belo, anteriormente encontrado na modernidade.

²⁴ **Instalação** é uma linguagem flexível, pois pode ser montada em um único local ou adaptada em vários espaços diferentes. Inicia como linguagem para complementar uma “ambientação” de artistas como George Segal, Claes Oldenburg e Tom Wesselman. Anteriormente, tanto Yves Klein quanto Marcel Duchamp já utilizavam para ‘ampliar a pintura para o campo da tridimensionalidade’. Artistas que utilizaram a Vídeo Arte e a Sound Art também utilizaram da instalação para montar seus trabalhos no espaço expositivo. (DEMPSEY, 2003)

As obras adquiridas nesse Salão foram dos artistas: Antonio Carlos de Almeida Mattos, Décio Soncini, Francisco Gonzales, Flávio de Campos Bassani e Hiro Kai.

A pintura adquirida de Décio Soncini (biografia resumida no ANEXO 59, FIGURA 49) é intitulada *O Espetáculo não pode parar – 16*. Trata-se de uma pintura que tem ao centro uma figura humana masculina, que gesticula como se agradecesse ao público, fazendo a relação com o título. As cores e a forma como o

artista pinta lembram o trabalho de Francis Bacon²⁵. Durante sua trajetória, o artista buscou intensamente a forma e representou a dor; em especial, a dor humana e o sofrimento



corporificado.

Outro

ganhador da noite foi

FIGURA 50 - Francisco Gonzalez
Segunda montagem para Cenário
Técnica mista sobre Eucatex
100x70
1980
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

o artista Francisco Gonzalez (biografia resumida no ANEXO 60, FIGURA 50) que,

²⁵ **Francis Bacon** (1909 - 1992) foi um pintor anglo-irlandês, de pintura figurativa. Foi descendente colateral de Francis Bacon, o filósofo do Período Elisabetano. Seu trabalho é mais conhecido como audaz, austero e, frequentemente, grotesco, ou imagem de pesadelo. (WIKIPÉDIA, 2011)

segundo pesquisas, esteve ativamente participando de Salões e exposições, até 2007. Não foram encontrados muitos dados biográficos, a não ser um pequeno texto que não comenta muito sobre o pintor.

Nessa obra, intitulada *Segunda Montagem para Cenário* (FIGURA 50), existem duas figuras humanas que estão dentro de uma casa, em uma pintura com algumas referências surrealistas, porém a interpretação do quadro só seria possível conhecendo profundamente a biografia.

Flávio de Campos Bassani (biografia resumida no ANEXO 61) foi contemplado com o “Prêmio Aquisição”, com a aquarela *De Fora para Dentro - Garagem I*.

O artista parte das fotografias e as transfere para o papel, pensando no imaginário do próprio objeto fotografado, no espaço e no peso da ausência e da



FIGURA 51 - Flávio de Campos Bassani

De Fora para Dentro – Garagem I

Aquarela

51x41

1980

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

artificialidade do cenário. Nessa obra em destaque, o artista reproduz uma garagem vazia, muito fielmente, com sombras e cores.

A obra adquirida de Hiro Kai é intitulada *A fria madrugada* (FIGURA 52) e foi produzida com *spray* sobre tela. Não foram encontrados dados biográficos sobre o autor que pudessem esclarecer melhor do que se trata essa pintura, que se assemelha a uma janela, mas parece uma vista de dentro de um automóvel.

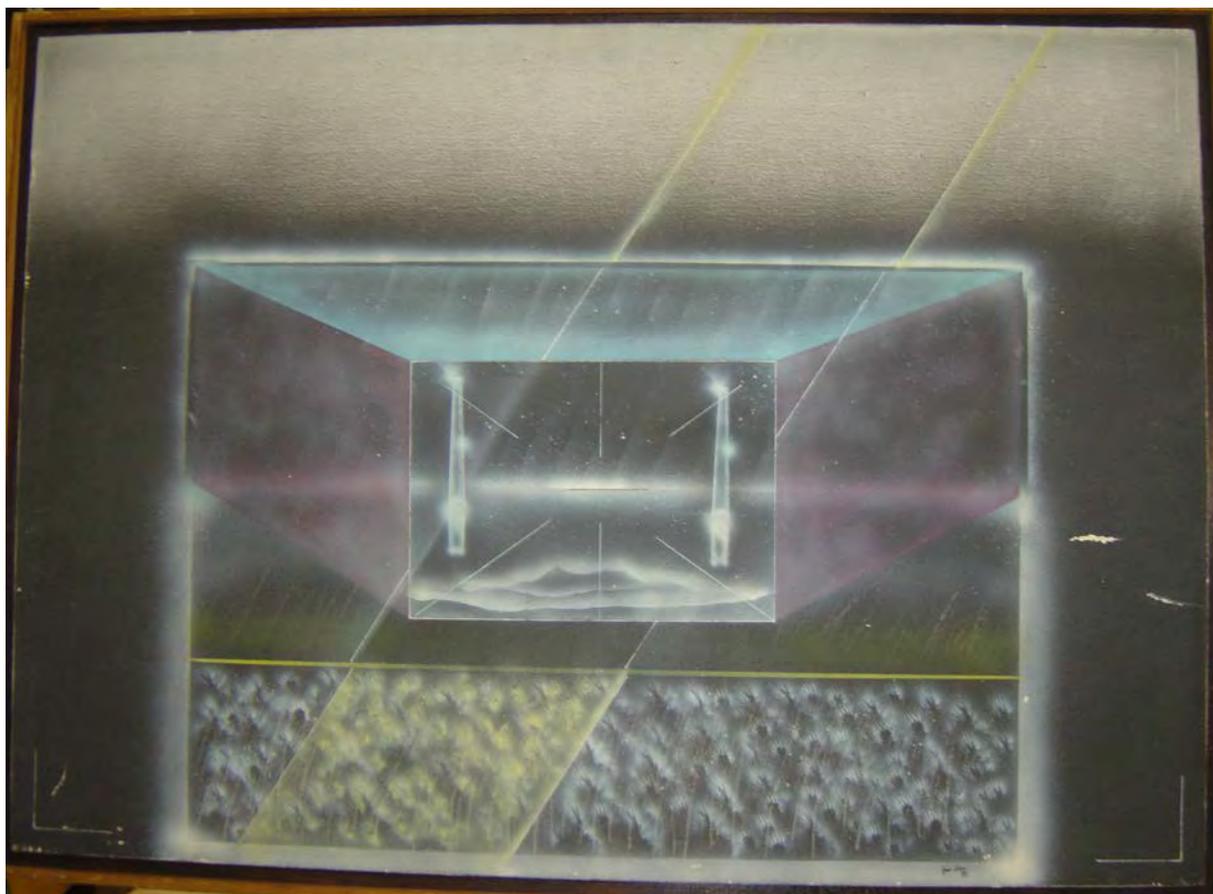


FIGURA 52 - Hiro Kai
A fria madrugada
Spray sobre tela
70x50
1980
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

O III Salão Jovem de Arte Contemporânea encerrou suas atividades em 28 de setembro de 1980.

3.4 IV SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ

No Brasil, em 13 de novembro de 1980, o Congresso Nacional aprovou a emenda constitucional que restabelecia eleições diretas para governador e, no início de 1981, o estado de Rondônia deixou de ser um território e tornou-se um estado da República Federativa.

Como resultado da abertura política, nova concessão de televisão foi concedida ao Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), que iniciou suas operações em 19 de agosto de 1982, com o empresário Silvio Santos.

Na microrregião do ABC, Santo André continuava com a mesma gestão política e o mesmo plano cultural. Foi iniciado o IV Salão Jovem de Arte Contemporânea, em 11 de setembro de 1981, com a abertura trazendo o Sr. Manoel Carvalheiro, Secretário de Obras da cidade, discursando sobre a importância do Salão na região, comparando com a visão jovem de Picasso (1881-1973) (uma de suas principais obras, Guernica, de 1937, retornava à Espanha naquele mesmo ano).

A comissão julgadora desse Salão foi composta por Enock Sacramento, Ismael Assumpção e o artista Antonio Carlos de Almeida Mattos. Sobre Mattos, Enock Sacramento escreveu no jornal *Diário do Grande ABC*:

O caso de Mattos é bastante ilustrativo do caráter de suporte que o Salão Jovem tem representado para alguns artistas. Premiado mais de uma vez nos Salões anteriores e tendo atingido 30 anos (limite máximo de idade dos participantes), ele figura agora no IV Salão, não mais como expositor, mas como membro da Comissão Julgadora (SACRAMENTO, 1981) (ANEXO 62)

A montagem e a seleção das obras desse IV Salão, segundo a mesma reportagem de Enock Sacramento, foi feita nos mesmos moldes que a anterior, agregando obras de valor criativo, proporcionando às Artes visuais da região, e portanto aos artistas, uma possibilidade de conhecimento do que se produz na região.



FIGURA 53 - Reprodução do Catálogo do IV Salão Jovem de Arte Contemporânea Prefeitura Municipal de Santo André 1981 Digitalizado por Douglas Negrissolli

O catálogo (reprodução completa no ANEXO 63, FIGURA 53) desse evento não tem autoria específica, apenas “Prefeitura Municipal de Santo André”. Trata-se de um impresso simples, simulando uma pincelada na capa, trazendo a memória do fazer artístico.

Os ganhadores do “Prêmio Aquisição” foram: Sergio Romagnolo, Renato Brancatelli, Lúcio Maria Morra, Gastão de Magalhães e o grupo formado por Fátima Palerme, Nil e Paula Caetano.

A Instalação “Transições Tubulares”, que pertenceu ao grupo dos três artistas, não faz mais parte do acervo da cidade; os autos oficiais registram “baixa”,

porém sem esclarecer o motivo.

A pintura ganhadora, de autoria de Sergio Romagnolo (biografia resumida no ANEXO 64), intitulada *Percepção*

Visual (FIGURA 54), tem ao

centro uma imagem borrada, uma

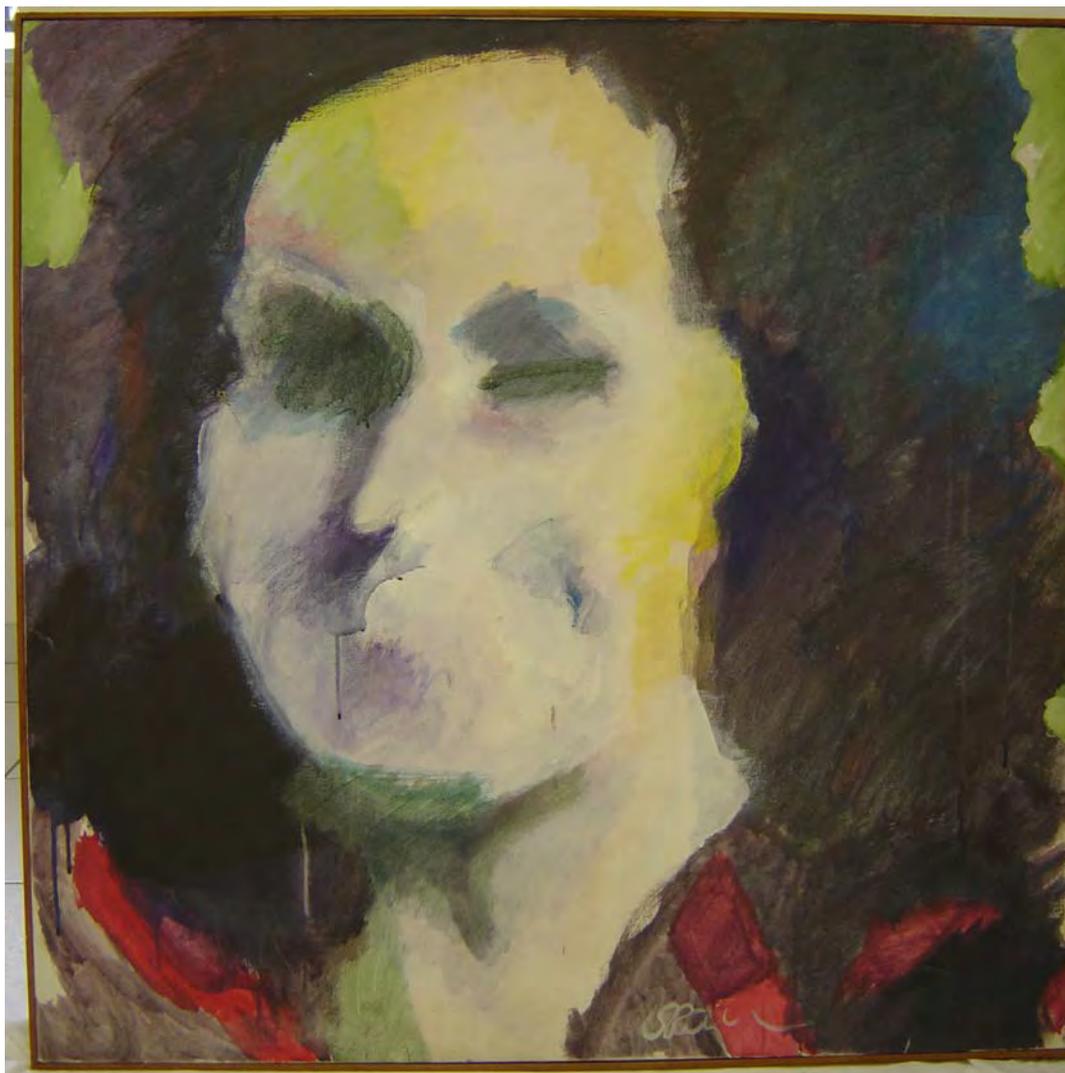


FIGURA 54 - Sergio Romagnolo
Percepção Visual
Óleo sobre tela - 90x90
1980
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

figura humana que mais se assemelha a uma mulher. A pintura segue o estilo

fauvista²⁶, de Henri Matisse (1869 – 1954), e o Expressionismo da primeira metade do século XX. A mulher tem sua face borrada, principalmente a boca, o que sugere uma provável impotência para dizer o que quer. Em um período onde a democratização do País estava sendo reconstruída, a liberdade de expressão e da imprensa era algo valorizado, em meio a um regime opressor que estivera durante tantos anos ‘calando’ muitas vozes. Segundo o próprio artista, em um comentário por email:

[...] eu estava muito interessado nos limites do reconhecimento, pensava em reduzir os elementos de um rosto, até o momento que não fosse mais possível saber de quem era aquele retrato, e nesse caso, o retrato era de minha mãe. Depois disso, pensei em fazer outras pessoas que fossem mais conhecidas, ou imagens de frutas ou paisagens. De um certo modo, ainda trabalho com esse assunto, entre outras coisas[...].(ROMAGNOLO, 2011) (ANEXO 65)



FIGURA 55 - Renato Brancatelli
Noturna I
Liquitex sobre tela
80x60
1981
Foto: Cortesia da PMSA (Lucia Zorzato)

²⁶ **Fauvismo** – Foi uma das primeiras manifestações de vanguarda do século XX, a agitar o mundo da Arte [...]. O movimento iniciou-se no Salão de Outono, realizado em 1905, em Paris. Um grupo de artistas expôs obras de tal maneira chocantes - cores fortes e ousadas - aplicadas com espontaneidade e aspereza. (DEMPSEY, 2003, p. 66)

A tela de Renato Brancatelli (biografia resumida no ANEXO 66, FIGURA 55) tem uma técnica especial, com Liquitex sobre tela, e retrata a cidade através do desenho que o artista produziu com fotografia. O artista estava experimentando a composição, pensando na luz, naquele momento de sua trajetória.

Segundo escreveu o próprio artista, através de um texto enviado sobre a obra *Noturna I*, ele comenta:

Naqueles anos 77/83, eu dispunha de uma boa câmera Pentax, com a qual fiz algumas fotos noturnas em 'slides'. Era muito caro fazer 'slides', portanto era uma pesquisa muito cara. Os 'slides' eram, depois de bem escolhidos, projetados na tela e decalcados com lápis branco sobre o látex preto. Em seguida, a pintura era executada com tinta acrílica importada, Liquitex, com rolos, pincéis e um pouco de aerografia. (BRANCATELLI, 2011)

Mais à frente, em 2005, o artista escreveu sobre sua trajetória, quando retomou o pensamento dessa série:

[ele] decidiu inverter esse 'modus operandi' de criar imagens, pesquisando o papel preto. Sobre o papel preto (já é um fator de exceção, considerando que em breve questionamento, a maioria das pessoas pensam que papel deva ser sempre branco), Renato passou a desenhar com lápis de cor branco, pastéis, penas com nanquim e tintas brancas. [...] Esses exercícios, de tirar a figura das sombras, iluminando seus volumes, tem, sem dúvida, seus precedentes na História da Arte. Ele descobriria só mais tarde, em seus dias de universidade, as obras de Caravaggio e La Tour. (BRANCATELLI, 2011) (ANEXO 67)

A aquarela adquirida de Lucio Maria Morra (biografia resumida no ANEXO 68, FIGURA 56) é intitulada *A Torre de Babel - Projeto para a reconstrução XCVI* e tem duas formas humanas estilizadas, saindo de torres e sendo jogadas com rastros de cores. Sobre essa obra ,o artista comentou:

O PROJETO PARA A RECONSTRUÇÃO DA TORRE DE BABEL e uma espiral e, como tal, reproduzir o arquétipo do desenvolvimento transcendente.

O processo quantitativo estruturado no tempo define, a cada volta, o processo qualitativo.

Trata-se, em síntese, dos níveis de MATUREZA ARTÍSTICA, pois sobre o papel (que simboliza a área da consciência), minha vida pessoal e

profissional, minha realidade física e psíquica perdem suas conotações diferenciadas.

[...] o PROJETO se reflete, por exemplo, na trajetória geográfica (SANTOS BOQUEIRÃO - SAO VICENTE ITARARÉ - SÃO PAULO PINHEIROS), ou na história sincrônica de TTAI (minha filha), gerada paralelamente à TORRE - corresponde da mesma forma, ao aprimoramento técnico (tendo-me levado do "background" gráfico às condições de uma produção pictórica), ao progresso em termos de cotação no mercado e, em geral, à ampliação constante de minha estrutura profissional. (MORRA L. M., 2011)

Essa obra é uma parte da sequência de um projeto exibido na Galeria do Banco Itaú, no ano seguinte, em 1982, em São Paulo. O artista atualmente produz na Itália e tem uma grande parte de sua produção dedicada a restauros de obras de Arte e à Gnomônica: a Arte de construir relógios de sol.



FIGURA 56 - Lucio Maria Morra
A Torre de Babel
Projeto para a reconstrução XCVI
33x23
1981
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

No desenho adquirido de Gastão de Magalhães, intitulado *Espaço de Contemplação III*, o centro assemelha-se com um prisma, que ao redor gera variações de cores entre vermelhos e cinzas. Os dados biográficos do artista foram encontrados (biografia resumida no ANEXO 69), mas são insatisfatórios para entender em qual perspectiva essa obra estava, dentro de sua trajetória.



FIGURA 57 - Gastão de Magalhães
Espaço de Contemplação III
gravura/mista
78x50
1981
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

O IV Salão Jovem de Arte Contemporânea fechou suas atividades no dia 27 de setembro de 1981.

3.5 V SALÃO JOVEM DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ

O ano de 1982 iniciou-se sem grandes acontecimentos no cenário mundial, mas havia um destaque para os movimentos musicais que aconteciam em vários lugares, como Madonna, um ícone da música Pop, lançando seu primeiro single *Everybody*, em 1982. A banda ABBA lançava seu último álbum e se despedia das apresentações em televisão, nesse mesmo ano.

Em Santo André, iniciava-se o V Salão Jovem de Arte Contemporânea, que teve a grande abertura no dia 10 de setembro de 1982²⁷. O júri sofreu uma alteração, em relação ao ano anterior, e ficou constituído por: Ismael Assumpção, Antonio Zago e Jair Glass.



FIGURA 58 - Reprodução do Catálogo do V Salão Jovem de Arte Contemporânea
Prefeitura Municipal de Santo André
1982
Digitalizado por Douglas Negrisolli

²⁷ É importante notar que o V Salão Jovem aconteceu em setembro de 1982 e o 10º Salão de Arte Contemporânea retorna após cinco anos de ausência, em junho do mesmo ano. Como a tentativa do Salão Jovem de ocupar o lugar do Salão de Arte teve resistência, pois o anterior já era um evento consolidado nacionalmente nas Artes Visuais, ocorria como parte das festividades do aniversário da cidade e pela não exigência de idade mínima e máxima, a qual o Salão Jovem possuía, a administração da cidade resolveu manter ambos os eventos, já que as Leis municipais que a criaram, continuavam válidas, porém inertes. Aqui utilizo a historiografia do Salão Jovem, para continuar a trajetória sem interromper a perspectiva desse evento, mesmo que cause uma incongruência temporal mínima.

O catálogo desse Salão (reprodução completa no ANEXO 70) é azul e tem a autoria da Prefeitura Municipal de Santo André, mas não de uma pessoa em especial. Possui um texto escrito por Ismael Assumpção, que dialoga com os interesses do júri ao formatar o Salão. Em outras palavras, Ismael comenta no texto que a multiplicidade e a importância de uma pesquisa visual, por parte do artista, são fatores que foram levados em consideração para as etapas de seleção do evento. Afirma que é necessário “empenho, capacidade e coragem de criar, numa época de crise”. (ASSUMPÇÃO, 1982)

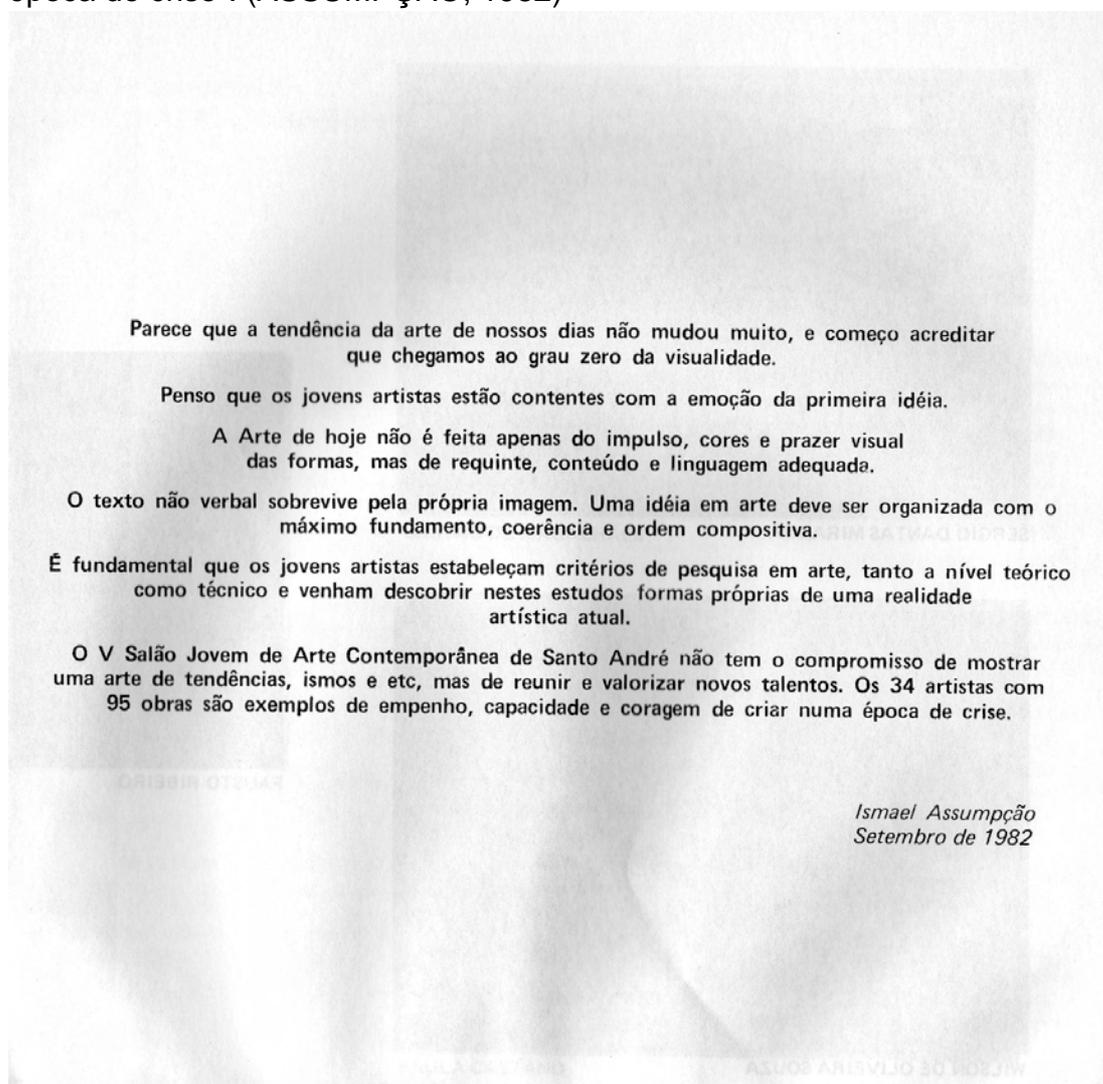


FIGURA 59 - Reprodução do texto do V Salão Jovem de Arte Contemporânea Prefeitura Municipal de Santo André 1982 Digitalizado por Douglas Negrisolli

Os ganhadores desse Salão foram os artistas: Sergio Dantas Miranda, Wilson de Oliveira Souza, Fausto Ribeiro, Gastão de Magalhães e Paula Caetano.

Desses cinco jovens artistas, foram encontrados dados de que somente Gastão de Magalhães deu continuidade ao trabalho como artista plástico. E Paula Caetano foi, alguns anos depois (de 1998 a 2007), convidada pela Administração Municipal da Cidade de Santo André para coordenar a Casa do Olhar Luis Sacilotto, que encontra-se em funcionamento até os dias atuais, com importantes exposições de artistas da região e de fora, e é o local que abriga a reserva técnica com os “Prêmios Aquisição” da cidade.



FIGURA 60 - Gastão de Magalhães
A viagem
mista/pastel e lápis de cor s/ papel
70x50
1981
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

O trabalho de Gastão de Magalhães, que faz parte do acervo intitulado *A viagem* (FIGURA 50), faz alusão a uma janela propriamente desenhada no papel quadriculado e que parece estar num escritório. Como o artista não foi encontrado, a leitura feita é muito superficial, pois não atinge o âmago da experiência que o artista estava produzindo no momento.

O V Salão Jovem de Arte Contemporânea não teve muita repercursão nos jornais da região, como nos anos anteriores. Talvez tivesse sido ofuscado com a volta do Salão de Arte Contemporânea, em junho, meses antes do Salão Jovem, que encerrou suas atividades no dia 26 de setembro de 1982.

3.6 X SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ

Após a ausência do Salão de Arte Contemporânea, que vinha sendo substituído pelo Salão Jovem, o X Salão teve o mesmo funcionamento das edições anteriores, mas perdeu um pouco da dimensão que exibia outrora, no final da década de 70. Um dos jurados desse evento, em abril de 1982, Miller de Paiva, comentou sobre o Salão, nessa perspectiva:

Miller ressalta a importância da volta do Salão de Arte Contemporânea de Santo André, “que tinha conseguido um nível nacional”, e que, segundo ele, voltará a ser o que era, dentro de alguns anos, se não houver novas interrupções. (SANTO ANDRÉ EM NOTÍCIAS, 1982)

Os outros jurados do Salão foram Enock Sacramento e Olney Krüse²⁸, este último, curador, crítico e colecionador de Artes, que viveu em São Paulo.

Algumas reportagens de jornal são importantes para demonstrar que as aquisições que foram feitas serviriam para instaurar um Museu ou uma Pinacoteca na cidade, fato previsto em anos anteriores pela gestão municipal, mas que não foi realizado até os dias de hoje. Segundo Enock Sacramento:

²⁸ **Oswaldo Olney Krüse** (São Paulo SP 1939 - Atibaia SP 2006). Fotógrafo. Estudou jornalismo na Escola de Comunicação da Universidade de São Paulo, graduando-se em 1972. Fotógrafo autodidata, começou a realizar colagens em 1965, inspirado pela obra do artista pop norte-americano Robert Rauschenberg. Trabalhou, ao longo das últimas três décadas, para importantes órgãos da imprensa, ora como fotógrafo, ora como jornalista, ora como crítico de arte, tais como os jornais O Estado de S. Paulo, Folha de S. Paulo e Jornal da Tarde; e as revistas Vogue, IstoÉ, Quatro Rodas, e Arte Hoje. Realizou, a partir de 1968, diversas exposições individuais, de colagens, retratos de personalidades dos campos da arte e da cultura, ou ensaios, como aqueles que consagrou ao Hotel Copacabana Palace, do Rio de Janeiro, em 1984, e ao Jornal da Tarde, de São Paulo, em 1986. Sua atuação como crítico de arte contribuiu para a aceitação da produção não consagrada pelo circuito oficial, como aquela que reuniu na I Mostra do Kitsch da Arte Aplicada, em 1973, ganhadora do Prêmio Comunicação do Ano, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte. (ITAÚ CULTURAL, 2006)



10º SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA
SANTO ANDRÉ - CENTRO CÍVICO

FIGURA 61 - Reprodução do Catálogo do X Salão de Arte Contemporânea de Santo André
Prefeitura Municipal de Santo André
Capa: Ismael Assumpção
1982
Digitalizado por Douglas Negrisolli

Todas estas obras, como era de se prever, acabaram formando o núcleo básico de uma pinacoteca municipal. Isto acontecerá este ano e a “Mostra do Acervo” representa uma atividade prévia do Museu de Santo André, que será instalado brevemente no Parque Jaçatuba. Sob os cuidados de um museólogo, estas obras, que estavam espalhadas por várias salas da Prefeitura, particularmente da Secretaria de Educação e Cultura, terão melhores condições de serem catalogadas, conservadas e, principalmente, vistas pelo público. (SACRAMENTO, Santo André reunirá sua arte num museu, 1982)

O catálogo desse Salão (reprodução completa no ANEXO 71, FIGURA 61) tem autoria da Prefeitura Municipal de Santo André e a capa é uma reprodução da obra de Ismael Assumpção - *Documentos e Sobreviventes do ano 3.000*.

Os “Prêmios Aquisição” dessa edição são em grande número. A seguir, os artistas ganhadores: Charbel Hanna El Otra, Diola Sotelo, Graciela Rodrigues Davoli, Hans Suliman Grudzinski, Hiro Kai, Ismael Assumpção, José Cássio Macedo Soares, Marcelo Egydio Lucato, Mauro Morini, Orlando Guerreiro, Valdo Armindo Rechelo e Vera Cerqueira.



FIGURA 62 - Charbel Hanna El Otra
Viva, o Mistério Acabou
acrílico s/ tela (eucatex)
56,5x122,5
1982
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

Charbel Hanna El Otra (biografia resumida no ANEXO 72, FIGURA 62) é um pintor libanês que veio para o Brasil com dois anos de idade, em 1952. Durante sua trajetória como pintor, ele esteve muito ligado aos símbolos e à forma humana, contando suas angústias, desejos e formas. A obra adquirida é intitulada *Viva, o Mistério Acabou*, de 1982, que possui vários símbolos, como o avião que dele desprende um palhaço e, ao lado, uma espécie de máscara. Não foram encontradas menções mais específicas que colaborariam para a leitura do quadro.

Graciela Rodrigues Davoli (biografia resumida no ANEXO 73) é uruguaia e veio ao Brasil com 7 anos de idade. Passou a frequentar cursos na FAAP (Faculdade Armando Álvares Penteado) e se interessou por desenho, a partir de modelos vivos.

A obra adquirida é intitulada *A minha relação com isto III* (FIGURA 63) e é talvez um autorretrato estilizado da artista, no próprio fazer artístico, onde a modelo retratada está desenhando entre as cores sombrias e nostálgicas, que o próprio grafite evoca.



FIGURA 63 - Graciela Rodrigues Davoli
A minha relação com isto III
Grafite
57x73,5
1982
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

A gravura adquirida de Hans Suliman Grudzinski é intitulada *São Paulo* (FIGURA 64) e além de mostrar uma beleza no caos, o artista supera-se na busca da rigorosa técnica da gravura.



FIGURA 64 - Hans Sulliman Grudzinski
São Paulo
gravura
75x90
1982
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

A pintura adquirida de Hiro Kai, intitulada *Época III* (FIGURA 65), possui um vidro pintado com *spray* e o fundo fazendo uma alusão entre a representação de mar e céu, existem gravetos que se movem entre a pintura e o vidro.



FIGURA 65 - Hiro Kai
III Época
 spray/mista s/ vidro
 80x75
 1982
 Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

O desenho de Orlando Guerreiro (biografia resumida no ANEXO 74), intitulado *Desenho II*

(FIGURA 66), tem ao centro da imagem um misto de tatu com pernas de outro

animal. A linguagem simples e direta do artista tem como um dos objetivos o de explorar as cores e as tonalidades do espaço, usando temáticas do cenário urbano, e um pouco de jocosidade em seus desenhos.



FIGURA 66 - Orlando Guerreiro
Desenho II
 Técnica Mista
 35x50
 1982
 Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

A obra adquirida de Valdo Rechelo (biografia resumida no ANEXO 75), intitulada *Indispensável*



(FIGURA 67), traz uma série de penas de pássaros, FIGURA 67 - Valdo Rechelo
Indispensável
lápiz de cor
41x60
1982
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

simulando e lembrando os próprios pássaros, em uma metalinguagem com a própria pena. O artista sempre esteve muito ligado com as cores e a técnica da aquarela. Com esse desenho, provavelmente, ele fazia alusão ao momento vivido no Brasil, enquanto as Artes tomavam força e faziam parte do diálogo democratizante.

A artista Vera Cerqueira (biografia resumida no ANEXO 76) iniciou sua trajetória pintando universos mais simples, até conhecer a história da Arte e se apaixonar pela pintura geométrica. No início da carreira artística, Vera foi estimulada por mestres, como Volpi, a usar a têmpera e seguiu usando essa técnica.

Sua obra adquirida nesse Salão, intitulada *Elevação* (FIGURA 68), tem linhas sinuosas que provocam um volume imenso no plano bidimensional, muito provavelmente, inspirada por mestres da pesquisa da linha, como Lothar Charoux.

Sobre
os artistas
Diola Sotelo,
Ismael
Assumpção,
José Cássio
Macedo
Soares,
Marcelo



Egydio Lucato
e Mauro Morini
não foram

FIGURA 68 - Vera Cerqueira
Elevação
têmpera s/ madeira
72x49
1982
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

encontrados dados biográficos, que pudessem colaborar com a leitura das obras, ou mesmo informar se os artistas continuaram a produzir após o Salão de 1982.

O X Salão de Arte Contemporânea de Santo André encerrou suas atividades no dia 27 de junho de 1982.

3.7 XI SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ

O ano de 1983 iniciou-se, no âmbito nacional, com uma tomada de consciência política da democracia, quando ocorriam as eleições para governadores, senadores, prefeitos, deputados federais e estaduais. Por unanimidade, o Congresso brasileiro votou pela aprovação de eleições diretas em 1980, para ocorrerem em 1983. A votação para Presidente:

não chegou a ser votada, pois o plenário, como era esperado, deu preferência à votação da emenda governamental. Embora apoiando a proposta do governo, os líderes oposicionistas fizeram questão de afirmar, em seus pronunciamentos, que continuarão lutando pelas eleições diretas em todos os níveis. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1980)

As eleições municipais trouxeram um novo Prefeito para a cidade de Santo André: Newton da Costa Brandão, que era do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), fundado em 1945 com a herança de Getúlio Vargas, mas “(...) a quase totalidade dos petebistas que não haviam sido cassados ou fugido do país migrou, então, para o recém criado MDB. O bipartidarismo durou até 1979, quando o então Presidente João Figueiredo, restaurou o pluripartidarismo no processo de abertura política” (WIKIPÉDIA, 2011). Brandão voltou a ser eleito Prefeito da cidade, de 1993 a 1996.

Como a proposta do prefeito anterior estava ligada ao MDB, partido que foi dissolvido e voltou a ser PTB, as mudanças de cronograma do Salão de Arte Contemporânea de Santo André não foram grandes, visto que o Salão Jovem deixou de ocorrer, para voltar a dar lugar ao Salão de Arte, mais abrangente, com prêmios

maiores, com mais significado sociohistórico e sem restrições de idade, para os artistas participantes.

Nesse mesmo ano de 1983, Santo André recebeu mostras importantes, como *80 anos de Arte Brasileira*, em conjunto com a FAAP (Fundação Armando Álvares Penteado), trazendo obras de Di Cavalcanti, Tarsila do Amaral e Flávio de Carvalho, reiterando a importância do espaço de Cultura no Paço Municipal da cidade. Outra mostra do mesmo ano veio do MIS (Museu da Imagem e do Som, de São Paulo) e ficou em cartaz no Paço Municipal, desta vez dedicada aos ilustradores.

O XI Salão de Arte Contemporânea de Santo André teve seu início junto com as comemorações do aniversário da cidade, no dia 8 de abril de 1983. O júri para a seleção ficou a cargo de Antonio Zago, Enock Sacramento e Miller de Paiva e Silva.



FIGURA 69 - Reprodução do Catálogo do XI Salão de Arte Contemporânea de Santo André

Prefeitura Municipal de Santo André

Capa: Régis Machado

1983

Digitalizado por Douglas Negrissoli

O catálogo do XI Salão de Arte (reprodução completa no ANEXO 77, FIGURA 69) tem em sua capa uma das obras adquiridas de Régis Machado, que já havia ganho um “Prêmio Aquisição” no IV Salão, em 1971.

Outra necessidade que foi esclarecida por Enock Sacramento, no Diário do Grande ABC de 8 de abril de 1983 (ANEXO 78), foi a questão da monitoria, que nesse tipo de evento teve uma participação essencial, pois colaborava para que o espectador pudesse entender as especificidades de cada obra apresentada.



FIGURA 70 - Diana Mártire
A Vida em Volta II
Aquarela - 35x38
1982
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

Os ganhadores do “Prêmio Aquisição” foram: Diana Mártire, Martins de Porangaba, Odair Magalhães, Régis Machado, Roberto Giannecchini (GIA) e Walter Miranda.

As obras adquiridas de Diana Mártire (biografia resumida no ANEXO 79) são intituladas *A vida em volta II e III*. São duas aquarelas com vista do interior de uma casa. A artista, em sua trajetória, esteve interessada em pesquisar as cores da aquarela e o fez com tons suaves, pinceladas soltas e manchas, quando simula os objetos.



FIGURA 71 - Diana Mártire
A Vida em Volta III
Aquarela
35x38
1982
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

Martins de Porangaba (biografia resumida no ANEXO 80, FIGURA 73 e 74) teve duas peças adquiridas, intituladas *Na jangada ele viu o Sol* e *Nascimento de Macunaíma*.



FIGURA 73 - Martins de Porangaba
Na jangada ele viu o Sol
têmpera s/ tela
75x60
1983
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)



FIGURA 72 - Martins de Porangaba
Nascimento de Macunaíma
têmpera s/ tela
75x60
1983
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

As pinturas são uma alusão ao universo do romance de Mário de Andrade, *Macunaíma*, inclusive sobre as questões multiculturais que envolvem a história. O artista utiliza meios estéticos advindos do movimento Cubista que incorpora quando retrata alguns elementos.

Odair Magalhães (biografia

resumida no ANEXO 81) também teve duas obras adquiridas, intituladas *Paralelo* e *Grupo* (FIGURAS 74 e 75).

O artista sempre esteve muito ligado aos processos da gravura e cerâmica, sobre o que exerceu a profissão de professor durante muitos anos. O tema recorrente de

ambas as gravuras são

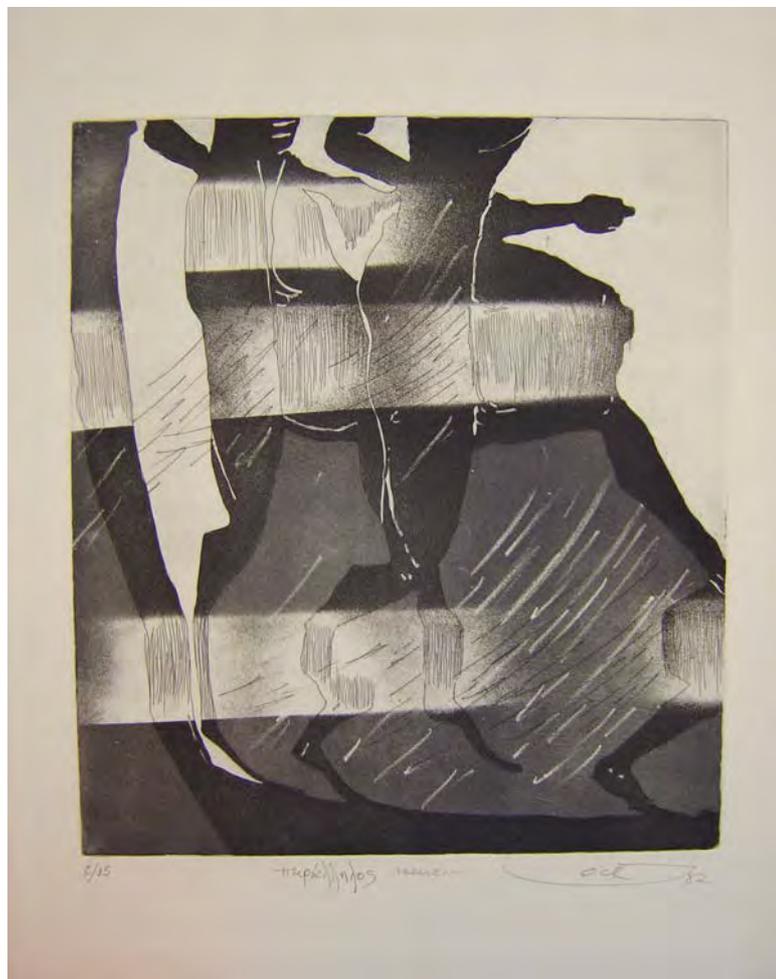


FIGURA 75 - Odair Magalhães

Paralelo

Gravura

36x40

1982

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)



FIGURA 74 - Odair Magalhães

Grupo

Gravura

36x40

1981

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

cerâmicas greco-romanas, pelo que o artista se interessava e se dedicava a reproduzir alguns mitos.

Régis Machado retornou nesse Salão, com duas obras adquiridas: *Composição A* e *Composição B*. Ambas as obras foram feitas seguindo a pesquisa, que já era recorrente do artista, com formas côncavas e convexas.

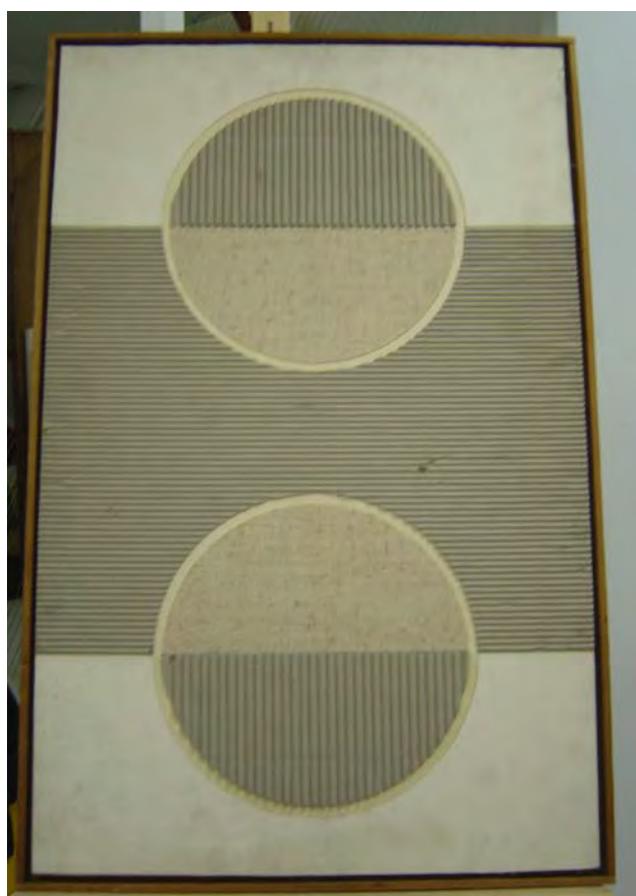


FIGURA 76 - Régis Machado
Composição A
mista s/ Eucatex
50x80
1982
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

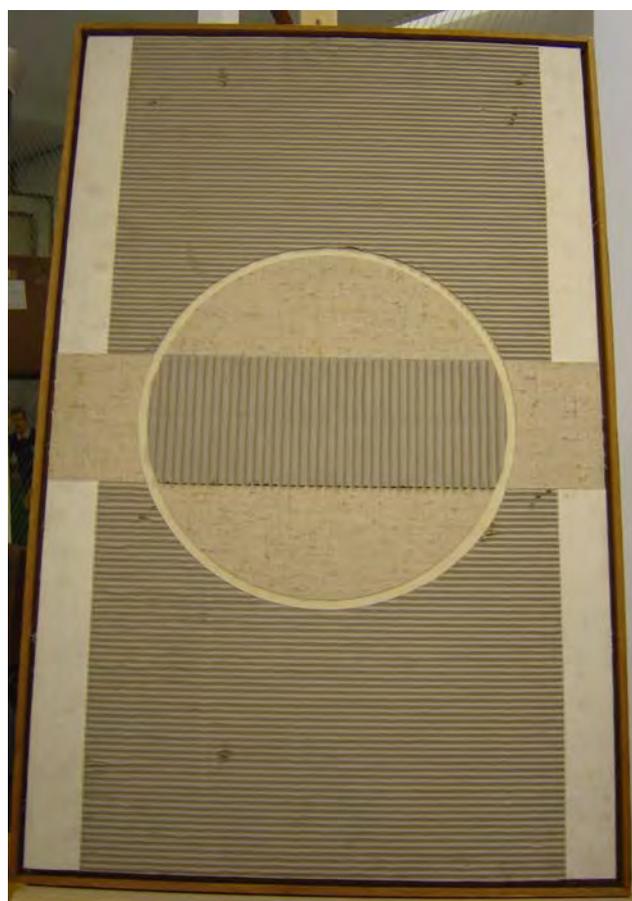


FIGURA 77 - Régis Machado
Composição B
mista s/ Eucatex
50x80
1982
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)



FIGURA 78- Walter Miranda
Itália 2x3-Amargo Retorno (copa 82)
óleo/serragem s/ papelão
68x91
1983
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)



FIGURA 79 - Walter Miranda
Rússia 2x1 início da caminhada
óleo/serragem s/ papelão
68x91
1983
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

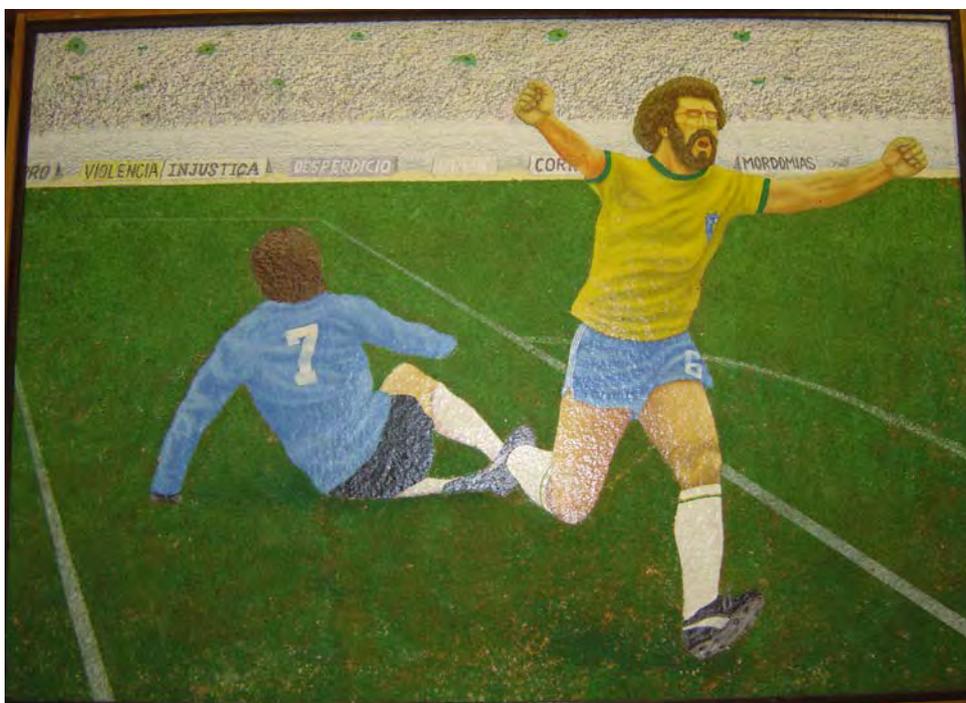


FIGURA 80 - Walter Miranda
Argentina 3x1-Gostinho de Tetra (Copa 82)
-óleo/serragem s/ papelão
68x91
1983
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

As obras de Walter Miranda (biografia resumida no ANEXO 82, FIGURAS 78, 79 e 80) integram o acervo com duas aquisições e uma doação. Em conversa com o próprio artista, ele conta que os três desenhos integram a série e preferiu deixar a peça que não foi adquirida, como doação, no acervo, para a série ficar completa.

Walter Miranda desenhou a Seleção de Futebol do Brasil na Copa de 1982, quando a Itália foi a grande campeã. Sempre muito envolvido com temáticas que estavam ao seu redor, quase sempre com alguma conotação política, iniciou sua carreira artística em 1976 e, atualmente, mantém sua pesquisa com atividades em seu atelier, transitando na experimentação de materiais diversos, coletando-os, transformando esses elementos que sobram da vivência humana, como restos de computadores, de metais, reciclando-os e dando novo sentido a eles, geralmente, através da colagem e incorporando como *assemblages* em suas pinturas.

Não foram encontrados dados biográficos que pudessem colaborar com a leitura da obra de Reinaldo Gianecchini (GIA).

O XI Salão de Arte Contemporânea finalizou suas atividades no dia 1 de maio de 1983.

3.8 XII SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ

Ainda no final de 1983, o Senador Teotônio Vilela lançou na TV Bandeirantes o movimento, que será mais tarde, as Diretas Já.

A primeira manifestação pública a favor de eleições diretas ocorreu no recém-emancipado município de Abreu e Lima, em Pernambuco, no dia 31 de março de 1983. Organizada por membros do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) no município, a manifestação foi noticiada pelos jornais do estado. Foi seguida por manifestações em Goiânia, em 15 de junho de 1983 e em Curitiba, em novembro do mesmo ano. Posteriormente, ocorreu também uma manifestação na Praça Charles Müller, em frente ao Estádio do Pacaembu, no dia 27 de novembro de 1983 na cidade de São Paulo. (WIKIPÉDIA, 2011)

A mudança política pôde ser sentida de uma maneira geral em outros países da Europa e América Latina, que tiveram governos autoritários. Mais especificamente no Brasil, um dos pontos mais importantes que levavam as pessoas a quererem mudança era a inflação, que era altíssima:

Com o crescimento do movimento, que coincidiu com o agravamento da crise econômica (em que coexistiam inflação, fechando o ano de 1983 com uma taxa de 239%, e uma profunda recessão), houve a mobilização de entidades de classe e de sindicatos. A manifestação contou com representantes de diversas correntes políticas e de pensamento, unidas pelo desejo de eleições diretas para Presidente da República. (WIKIPÉDIA, 2011)

Além do movimento dos operários, os estudantes tinham grande força através da UNE (União Nacional dos Estudantes) e a UBES (União Brasileira dos Estudantes Secundaristas), que promoviam, em conjunto, várias manifestações também com a intenção de promover a democracia em nosso País.

“As Diretas Já conseguiram agregar os movimentos sindical, estudantil e os movimentos sociais, em geral, abrindo caminho para outras transformações”.
(INTERVOZES - Coletivo Brasil de Comunicação Social, 2006).

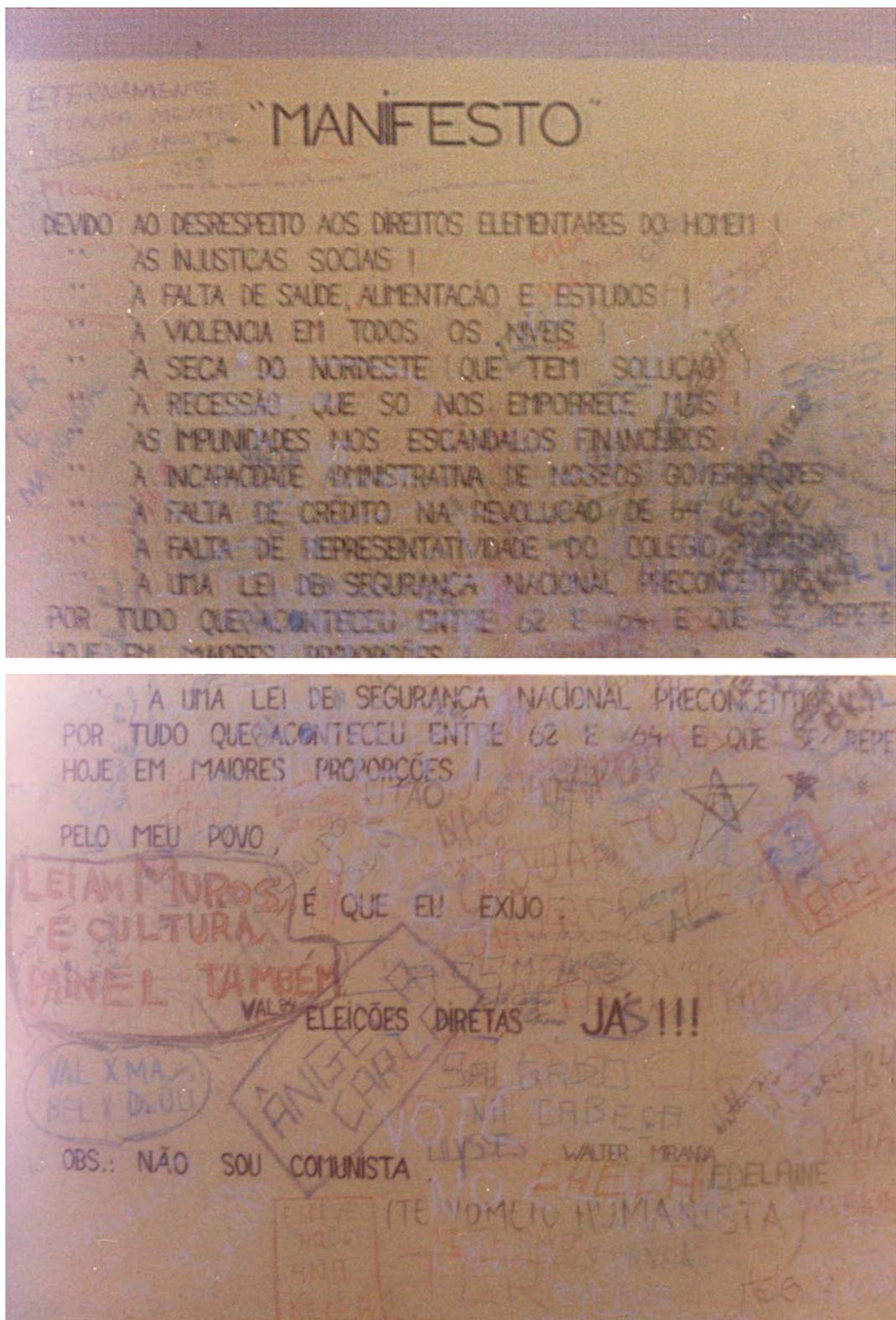


FIGURA 81 - *Happening* de Walter Miranda
Happening ocorrido no XII Salão de Arte Contemporânea de Santo André
Coleção do Artista
1984

Nesse contexto é que acontecia o início do XII Salão de Arte Contemporânea na cidade de Santo André. Com semelhança de intervenções, como as pichações dos Salões anteriores, esse evento contou com um *happening*, organizado pelo artista Walter Miranda, que serviu para discutir a necessidade das Diretas Já.

O artista é que cedeu as fotos (FIGURA 81), que não aparecem em nenhum jornal dos usados nesta pesquisa.

Os Salões mostraram-se, mais uma vez, como uma voz da Arte jovem nacional e da manifestação de interesses pró-democracia, entendendo também que a gestão partidária, que estava representada pelo prefeito era do partido opositor ao regime militar.

O catálogo desse Salão (reprodução completa no ANEXO 83, FIGURA 82) tem a capa do artista Allan Kardec Cardoso

Teixeira (Dek) e não possui um texto que comenta a seleção do júri.

Os prêmios são dos maiores da história do evento e foram concedidos aos artistas: Aderbal Moura, Allan Kardec Cardoso Teixeira (Dek), Carlos Henrique Zambom, Dina Oliveira, Donato Vergel, Hans S. Grudzinski, João Suzuki, Maria



FIGURA 82 - Reprodução do Catálogo do XII Salão de Arte Contemporânea de Santo André
Prefeitura Municipal de Santo André - Capa: Allan Kardec Cardoso Teixeira (Dek)
1984
Digitalizado por Douglas Negrissolli

Beralda Astenfelder Santos, Mário Fiore Moreira Junior, Martins de Porangaba, Neide Margoni Lazzuri, Oswaldo G. Hernandez, Percival Tirapelli, Valdir Sarubbi, Vera Berth, Victor Reiff e Walter Miranda.

A aquisição de Aderbal Moura (biografia resumida no ANEXO 84, FIGURA 83) é intitulada



Fábula I e possui formas humanas que transcendem rostos preocupados, nostálgicos e tristes. O artista teve sempre uma ligação com o teatro, por ter convivido com escolas livres, quando iniciou sua experimentação plástica e participou do Grupo Guaianazes.

FIGURA 83 - Aderbal Moura
Fábula I
Mista
0,72x0,54
1982
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)



FIGURA 84 - Allan Kardec Cardoso Teixeira (Dek)
Máquina e Cidade
1984
óleo s/ tela - 70x50
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

A pintura de Allan Kardec Cardoso Teixeira (Dek) (biografia resumida no ANEXO 85, FIGURA 83) transmite o conceito cidade e transcende o efeito máquina, que no meio da década de 80 já estava em plena expansão e em crescimento desenfreado, mais próximo daquilo que conhecemos hoje.



A pintura adquirida de Dina Oliveira (FIGURA 85) mostra uma

FIGURA 85 - Dina Oliveira
Desenho III
1984 - mista s/ papel
50x35
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

abstração que se assemelha a uma caixa sendo aberta, com algo saindo de dentro dela. Não foram encontrados muitos dados que permitissem a leitura desta obra.

As obras adquiridas de Hans Sulliman Grudzinski foram três gravuras, onde a figura humana aparece em todas, de forma relacionada. Na primeira e na segunda as pessoas parecem ver algo, esperam algo; já na terceira, algumas pessoas estão jogando futebol numa ladeira.



FIGURA 86 - Hans Sulliman Grudzinski - Torcida III – 1983 – Gravura - 40x40

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)



FIGURA 87 - Hans Sulliman Grudzinski - Torcida II – 1983 – Gravura - 40x40

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)



FIGURA 88 - Hans Sulliman Grudzinski - Torcida III – 1983 – Pelada - 40x40

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

A obra adquirida de João Suzuki é intitulada *Aman/hecido/men/nino* (FIGURA 89), onde o artista continua com



sua série de ovóides e permanece trabalhando a questão

FIGURA 89 - João Suzuki
Aman/hecido/men/nino
óleo s/ tela
31x17
1983

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

dos sonhos, porém desta vez utiliza de tons em vermelho, para incorporar certa dramaticidade à figura central, que está como 'santificada' ou canonizada no centro da imagem, provavelmente, o filho que pesca com o pai à sombra de uma árvore. O artista utiliza o suporte de madeira sem modificar, do mesmo jeito que ele encontrava, apenas limpava e fazia seu desenho incorporando ao desenho já existente na madeira.



FIGURA 90 - Maria Beralda Astenfelder Santos
Auto Retrato nº 1
mista s/ Duratex
200x203
1984

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

A pintura adquirida de Maria Beralda Astenfelder Santos (biografia resumida no ANEXO 86, FIGURA 90) trata-se de um autorretrato, onde a artista está numa cena cômica, ou mais perto de uma pose escandalosa. A pesquisa da artista estava relacionada com os



modelos, sejam humanos ou animais, de formas simplificadas e algumas vezes infantilizadas.

FIGURA 91 - Mário Fiore Moreira Junior
Interiores I
Pastel
50,5x31
1984
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

A obra adquirida de Mário Fiore Moreira Junior (biografia resumida no ANEXO



87, FIGURA 85) é uma pintura feita em pastel, que simboliza uma mesa azul com algumas cadeiras, em um cenário bucólico, ao mesmo tempo que o traço do artista dá uma tonacidade ligada ao traço rápido.

Segundo dados biográficos, a pesquisa do artista estava relacionada a

FIGURA 92 - Martins de Porangaba
O sonho de Naípe (da série Macunaíma)
têmpera s/ tela
70x75
1984
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

elementos da cidade, da paisagem urbana e à poética do lugar.

A obra adquirida de Martins de Porangaba (FIGURA 86) é semelhante à série que foi adquirida no ano anterior. O artista continua com a pesquisa pensando na história de Macunaíma.

A obra adquirida de Percival Tirapeli (biografia resumida no ANEXO 88) é intitulada *Anima(i)s III (soldador)* (FIGURA 87) e apresenta uma figura humana, segurando uma espécie de carretel que puxa ou desfaz uma linha. Ao fundo, temos uma grande sombra humana, como que vigiando o trabalho do operário.



FIGURA 93 - Percival Tirapeli
Anima(i)s III (soldador)
acrílica s/ tela
0,90x1,3
1984

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

Após analisar sua biografia, percebemos que o artista esteve em contato com operários de fábricas, observando as relações de trabalho, a precariedade, os sofrimentos e estigmas da profissão. O próprio artista comenta:

[a série] foi iniciada em 1977.

Acredito que este projeto dificilmente terá fim, pois durante anos a fio, observei as condições de vida dos operários na fábrica e agora, mais distanciado, poderei sentir melhor as sensações que me causaram.

Creio ter resolvido boa parte deste projeto dedicando-me ao ensino e a levar cultura para os operários, ao invés de apenas retratá-los em suas difíceis condições. Ensinei-lhes um pouco de Arte, levei-os a museus e a cidades históricas, mas principalmente, tentei mostrar que Arte se vive e cada um tem sua manifestação própria.

Realizei obras gráficas pictóricas, como "Tortura Azul", "Déficit Mental", em heliografias. Recebi dois prêmios em Santo André (1984 e 1985), com o tema dos operários. Para a XVIII Bienal Internacional, enviei proposta que se aceita, certamente teria avançado mais em minhas pesquisas. Porém, na ocasião, foi apresentada parte da obra "Amolação Interrompida".

Por fim, preferi ensinar-lhes a desenhar e fazer apresentação gráfica com seus próprios rostos (através de xerox e foto), quando da ocasião de apresentação de trabalhos de Círculo de Controle de Qualidade. Creio ter sido boa saída. (TIRAPELI)

O papel da escolha do estilo expressionista, provavelmente influenciado pela obra do artista Francis Bacon (1909-1992), serviu para atribuir mais dramaticidade para o tema que o artista propôs, incorporando também os números como uma proposta visual, correlacionando-os, talvez, com os Atos Institucionais, com números de crachás dos trabalhadores, algo que foi muito presente no campo simbólico dentro do movimento operário brasileiro.

Trabalhando com múltiplas linguagens, como pintura, aquarela, *assemblages*, e também com Curadorias de Artes, Percival desenvolveu seu trabalho, sobretudo, nos assuntos ligados à Arte Sacra e ao Barroco, que também são influências ao longo de toda a carreira do artista.

A obra adquirida de Valdir Sarubbi (biografia resumida no ANEXO 89) é uma gravura em metal (FIGURA 89), que transita sobre a experiência do artista, em processos desta



FIGURA 94 - Valdir Sarubbi
sem título
gravura em metal
1984
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

técnica, assemelhando-se a um cano de metal com um fundo verde, provavelmente uma planta.



FIGURA 95 - Victor Reif
Paisagem I
Aquarela
61x46
1984
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

O trabalho do artista lembra alguns trabalhos de Antonio Henrique Amaral, que nesta década já gozava de certo prestígio no cenário artístico brasileiro.

A aquarela adquirida de Victor

Reif (biografia resumida no ANEXO 89, FIGURA 88) é uma paisagem, muito diferente do trabalho que ele desenvolveu posteriormente. Arquiteto, ele veio da Polônia e trabalhou com projetos importantes no Brasil, como residências e edifícios comerciais. Descobriu a pintura, tardiamente, e preferia aquarelas e tintas acrílicas dissolvidas, para dar os efeitos cromáticos.

Nesse evento, a obra adquirida de Walter Miranda intitula-se *1984 - O estigma de George Orwell VIII*, numa referência clara ao livro homônimo “1984” do



FIGURA 96 - Walter Miranda
O estigma de George Orwell VIII
óleo sobre papelão
1984
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

conhecido autor. O artista desenhou os rostos das pessoas como se fossem robôs e estivessem sendo manipuladas, usando as palavras na fachada, para

dar coesão aos acontecimentos contemporâneos do País, como “acionamento, justiça, arrocho, FMI”.

Não foram encontrados dados biográficos dos artistas Carlos Henrique Zambom, Neide Margoni Lazzuri, Oswaldo G. Hernandez e Vera Berth, que fossem conclusivos para a pesquisa e não foram encontradas as datas de início e término

desse Salão, mas acredita-se que ele ocorreu no mês de abril, como nos anos anteriores.

3.9 XIII SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ

Rumo a um País cada vez mais democrático, ocorreram as eleições (por colégio eleitoral, portanto, indiretas) para Presidente da República, em 15 de janeiro de 1985, porém como o eleito Tancredo Neves foi hospitalizado, quem assumiu a presidência foi José Sarney, que ficou no cargo até 14 de março de 1990.

As inquietações políticas iriam surgir e desencadear, alguns meses após eleito o presidente,

alterações como o voto universal, em que “o Congresso aprovou o "Emendão" – emenda constitucional que estendeu o voto aos analfabetos, legalizou os partidos comunistas e promoveu eleições diretas para prefeitos das capitais e para presidente”. (WIKIPÉDIA, 2011)

O cenário artístico se tornou mais aberto e com os meios de comunicação em massa, como a televisão em cores, amplamente divulgada, outras linguagens



FIGURA 97 - Reprodução do Catálogo do XIII Salão de Arte Contemporânea de Santo André

Prefeitura Municipal de Santo André
1985

Digitalizado por Douglas Negrissoli

artísticas, como a Música, a Dança e *performances* puderam ser incorporadas na expressão dos artistas visuais que circulavam por todo o País, inclusive no ABC Paulista.

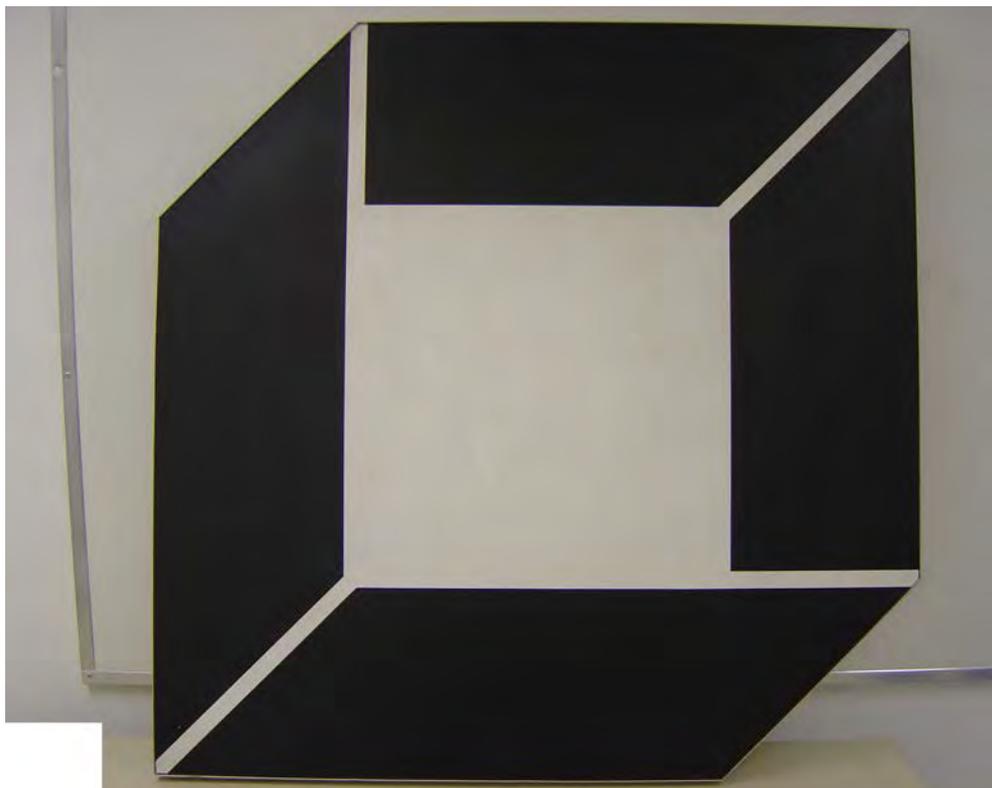
O XIII Salão de Arte Contemporânea seguiu a tradição de ser iniciado no dia 8 de abril, aniversário da cidade de Santo André, em 1985.

O catálogo desse ano (biografia resumida no ANEXO 90) possui um texto de Enock Sacramento, que fala dos Salões anteriores, provavelmente para dar destaque às continuações do Salão que iniciara em 1968, no mesmo local: o Paço Municipal de Santo André. Enock também comentou sobre os “Prêmios Aquisição” e discutiu a existência do acervo, relevante para a Arte nacional.

A capa do catálogo, de autoria da Prefeitura Municipal de Santo André, é mais simples, com cores pretas e listras cinzas. O júri desse Salão foi composto por Enock Sacramento, Casimiro Xavier de Mendonça e Ivo Zanini.

Os ganhadores dessa edição foram: Cláudio Gonçalves de Oliveira, Geraldo de Barros, Hans S. Grudzinski, Jadir Freire, Joaquim Cunha, Maria dos Anjos Abrantes M. de Oliveira, Mauro Claro, Norberto Stori, Odair Magalhães e Yara Guasques.

O objeto adquirido de Geraldo de Barros (biografia resumida no ANEXO 91, FIGURA 92) é uma colagem que exemplifica um pouco a trajetória do artista, com os estudos da Arte Concreta. Na face do quadro, temos placas pretas formando um cubo e a noção de



profundidade que é FIGURA 98 - Geraldo de Barros
I – 03
referência da colagem s/ Eucatex
128x94
1984
pesquisa do artista, Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

advindo da ligação com Max Bill (1908 – 1994), entre outros mestres, quando estudou na Alemanha.

O artista participou do Grupo Ruptura, onde encontrou o andreense Luiz Sacilotto e, mais tarde, do Grupo Rex.

Foram adquiridas três gravuras de Hans S. Grudzinski (FIGURAS 93, 94 e 95), que somaram-se às gravuras adquiridas nos anos anteriores, enaltecendo a qualidade técnica e pictórica dos processos que o artista desenvolvia. Os nomes dessas gravuras são bastante elucidativos e facilitam a leitura: *Procissão no interior*, *Cidade velha* e *No banco da praça*.



FIGURA 99 - Hans Sulliman Grudzinski
Procissão no interior
gravura em metal
32.20x33
1985
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

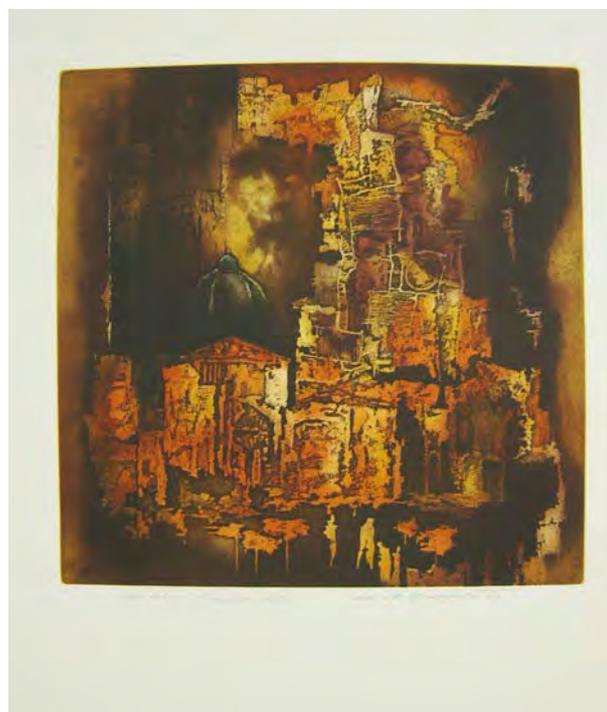


FIGURA 100 - Hans Sulliman Grudzinski
Cidade velha
gravura em metal
32,5x32,5
1985
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)



FIGURA 101 - Hans Sulliman Grudzinski
No banco da Praça
gravura em metal
52x87
1985
Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

A obra adquirida de Jadir Freire (biografia resumida no ANEXO 92, FIGURA 96) tem muitas cores e formas variadas, parecendo um festival de humanoides animalizados e símbolos diversos.

O artista esteve relacionado com a pesquisa dos *grafitti* e colocou elementos que vão do simples e



infantil, ao técnico e elaborado.

A aquarela adquirida de Norberto Stori (biografia resumida no

ANEXO 93) é intitulada *Caminhos Sta Catarina III* (FIGURA 97) e faz parte da trajetória do artista, que já desenhava desde criança:

desenhava paisagens, animais, flores, frutos, figuras humanas e criava outras formas. Esquecia da vida... Fazia também "panelinhas de barro" na alta poeira da rua sem calçamento. Para fazê-las, com uma latinha qualquer, pegava água e ia jogando-a com toda a paciência possível no local escolhido, criando panelinhas com diferentes formatos. Sonhava sonhos coloridos, como o sonho "intergaláxico". Ainda hoje, me lembro de uma cena lindíssima, uma fantasia, que eu não sei se foi um sonho ou se eu a criei ou se ouvi alguém contá-la: "- Em uma cheia na Amazônia, em algum de seus pequenos rios, achava-me em uma canoa, remando, quando certa hora começaram a sair bolhas de água de dentro do rio; aos poucos, as bolhas foram aumentando... aumentando.. em uma quantidade infinita. As bolhas começaram a estourar e delas surgiam borboletas coloridas, voando! Eram amarelas, azuis, brancas, vermelhas, laranjas, todas as cores, que se movimentavam para todos os lados! Um ritmo de cores! Uma maravilha todas aquelas cores em movimento!" Durante o curso ginásial, descobri a pintura a óleo. Comprei tintas, pincéis e telas e sem o mínimo conteúdo técnico, comecei a pintar. Para continuar as minhas sessões de pintura, às vezes, eu pegava pratos de refeições e os pintava com tinta a óleo. (STORI)

As cores são parte da trajetória e o que trouxe essa aquarela para o "Prêmio Aquisição", ele experimentava a paisagem com a cor, às vezes bucólica, às vezes

FIGURA 102 - Jadir Freire

Registro sem Identidade

acrílica s/ tela

1,35x1,20

1985

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

romântica. A luz transcende, a memória visual na pesquisa do artista é muito importante, pois é a partir do que ele vê, que costuma iniciar suas produções.

Com uma precisão quase cirúrgica, o artista desenhou cada detalhe da paisagem, observando-a e, às vezes, interferindo nela. Além da produção como artista plástico, desenvolveu trabalhos paralelos com docência em Artes e educação.



FIGURA 103 - Norberto Stori

Caminhos Santa Catarina III

Aquarela

50x70

1985

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)



Nesse Salão, também foram adquiridas três gravuras de Odair Magalhães, que integram a pesquisa do artista sobre iconografia greco-romana.

FIGURA 104 - Odair Magalhães
Equitação Vertiginoso
gravura/água-forte/água-tinta
47x40
1985

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)



FIGURA 105 - Odair Magalhães
Equitação
água tinta
34x44
1985

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)



FIGURA 106 - Odair Magalhães
Galope
água forte/verniz mole
34x44
1985

Foto: Cortesia da PMSA (Luciana Zorzato)

Não foram encontrados dados biográficos que colaborassem na pesquisa dos artistas Cláudio Gonçalves de Oliveira, Joaquim Cunha, Maria dos Anjos Abrantes M. de Oliveira e Yara Guasque.

O XIII Salão de Arte Contemporânea de Santo André encerrou suas atividades em 25 de maio de 1982.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel dos Salões de Arte de Santo André é de grande importância dentro do contexto artístico brasileiro, pois colaboram para o funcionamento de um movimento autônomo das Artes Visuais e da construção cultural.

O contexto em que os Salões foram criados é instigante do ponto de vista histórico-social, pois abarca uma série de acontecimentos importantes dentro do cenário político, que destoa do processo mais amplo, o nacional. É importante salientar que o projeto político nacional que estava instaurado, desde o golpe de 1964 estava baseado numa política de direita que levou – durante o acontecimento desses Salões de Arte –, a uma caça (pensando no AI-5 e nas torturas cometidas) às pessoas que pensavam contrariamente, sobretudo aquelas taxadas de comunistas e esquerdistas. Muitos desses casos ecoaram nos Salões de Santo André, mas não somente ali, também em São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul e outras cidades da região ABCDM. Para os artistas que viviam no ABC, mas não apenas para eles, já que os Salões eram nacionais (em Santo André, a partir de 1968), os contatos foram fundamentais para difundir quase todos os preceitos pró-democracia, que efervesciam pela microrregião.

Segundo Roberto Machado, na introdução de *Microfísica do Poder* de Michel Foucault, "...como onde há poder, há resistência, não existe propriamente o lugar de resistência, mas pontos móveis e transitórios que também se distribuem por toda a estrutura social" (1979). A questão de Foucault sobre o objeto, relevando sua importância dentro da própria história e a utilização de objetos de Arte como ponto inicial desta pesquisa, foram importantes pois trazem uma dimensão material da conservação da memória, pensando na construção do saber. Uma das qualidades significativas encontradas para os objetos de Arte que foram adquiridos no período estudado, observa-se uma intensa carga poética relacionada a temas filosóficos, como a questão da liberdade, seja ela como proposta secundária nos quadros do artista Antonio Henrique Amaral, talvez num tom mais jocoso; seja nas séries que dialogam com o operariado de Percival Tirapelli. Algumas obras, como as de Walter Miranda, que dialogam com o futebol e mais tarde, com o mecanicismo imposto na sociedade de consumo, trazem reflexões mais sérias e consistentes ao público. O ofício artístico em tempos de repressão sem dúvida foi complicado, pois a Arte incomoda - ela não se cala, e esses artistas lutaram para que não se deixassem calar. As escolhas para os "Prêmios Aquisição" foram, sem dúvida, feitas pelos jurados que tinham a posição de projetar, relevar, atribuir valor a certas obras e artistas. Paralelamente o júri ratifica o valor atribuído ao artista enquanto escolhe um objeto para ganhar um prêmio, mas há de se convir que as intenções do júri vão de encontro com o artista que se inscreve, uma vez que nota-se a repetição dos jurados ano após ano nos Salões de Santo André. Revendo os preceitos advindos de Foucault (1979), há uma confluência nas relações de poder instituídas no cenário micro, aqui representadas pelo poder do Prefeito, dos partidos políticos e dos jurados, que eram contratados pelo poder municipal, enquanto apenas um deles era

sugerido através de maioria dos votos pelos artistas. Assim, nota-se que muitas das aquisições parecem estender o tema pró-democrático à luz de teorias plásticas, com misturas de todos os estilos como os europeus e estadunidenses, mas que cooperaram para que esses artistas desenvolvessem seus próprios trabalhos, referenciando-se nesses paradigmas da História da Arte e das imagens.

Algumas dificuldades foram encontradas na pesquisa: a principal delas foi a demora do Poder Público em compilar os dados, para que a pesquisa fosse executada. Dificuldades de comunicação com a administração, para retorno dos pedidos, por exemplo, foram feitos cinco ou seis pedidos formais e inúmeros extra-formais, para que os objetos de Arte fossem minimamente arquivados, e tombados como patrimônios públicos que são.

Este trabalho teve o ideal, desde o início, de produzir uma história-memória dos Salões, dos artistas, fornecendo breves comentários sobre a obra de Arte adquirida para que fossem úteis como fontes de pesquisa para compreender o evento dentro do trajeto histórico-social, assim como, servir de referência visual dos artistas. A pesquisa também tem o caráter de denúncia sobre como são conservadas as obras de Arte na cidade de Santo André, para que pudesse ser analisado quais são as necessidades básicas de uma reserva técnica, em quais condições devem ficar tais objetos. Obviamente, a conservação do patrimônio não foi o foco da pesquisa, mas é impossível não levantar essa questão que traz uma série de indagações e preocupações para o futuro das obras em curto, médio e longo prazo. A precariedade com que são guardadas as obras de Arte testemunha o grau de desimportância que têm tido, como objetos históricos para o próprio Poder Público e para o munícipe (que se tornaria espectador, uma vez lhe fossem apresentadas essas obras de Arte, se estivessem em condições de serem

apresentadas). As obras deveriam ser revalorizadas (aqui não apenas valor financeiro, mas valor de memória histórica) para que pudessem ser apreciadas como objetos de Arte que são e como parte da memória nacional, regional e histórico-contextual. Fica então, como parte desse trabalho, a sugestão para que seja criado algo que desde 1970, os artistas da região esperam: uma Pinacoteca Municipal que receba essas obras, conserve-as e exiba-as.

Houve também interesse em relacionar dados dos Salões de São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul, porém os processos de pesquisa seriam iguais aos que foram feitos sobre Santo André: não há nenhuma compilação, não estão informatizados e um deles nem organizados, o que inviabiliza relacionar a pesquisa em períodos tão longos, com prazos curtos.

Outra dificuldade importante a ser relatada é que foi necessário pesquisar intensamente os artistas, buscando encontrar registros na Internet se estavam atuando no ofício; contatando e aguardando o artista responder com informações mínimas como o currículo resumido, atualizado, detalhes sobre a obra dentro do contexto da pesquisa visual, especificidades que o artista desejou acrescentar com a oportunidade que o trabalho abriu. Dentro deste parâmetro, é necessário citar que este é um trabalho que leva um longo tempo até chegar à informação necessária, sendo que alguns contatos são bem sucedidos, outros nem retornam, mesmo após insistência. Enfatizando a questão tempo, houve um caso pitoresco de um dos artistas que encontrei na pesquisa e que tinha ganhado vários “Prêmios Aquisição”. Nas buscas, descobri que ele tinha feito uma exposição em 2007, em São José dos Campos. Liguei no local e após um dia, um funcionário me retornou fornecendo dados. Estabeleci contato, expliquei qual era minha pesquisa, qual era o objetivo e que gostaria de ter seu currículo resumido. Sugeri que ele mandasse pela Internet,

por ser mais rápido, mas o artista fez questão de enviar pelo Correio uma série de notas sobre seu trabalho, o que levou quase um mês para chegar. Alguns artistas da região, como Hans S. Grudzinski, fiz contato com a família por telefone, mas não localizei ninguém. Outros, como por exemplo, Antonio Henrique Amaral, Norberto Stori, Lothar Charoux, tive o privilégio de conhecer seus ateliers e até conversar com os familiares, que me deram apoio para escrever sobre o trabalho deles.

Além do trabalho de pesquisa bibliográfica, na Internet e jornais, foram feitas aproximações que puderam me auxiliar na pesquisa como um todo. Vários artistas, com quem entrei em contato, ficaram muito surpresos e felizes, quando viram fotos de trabalhos que não viam há 20 ou 25 anos; isto colabora para demonstrar que a pesquisa é relevante por ter um caráter de construção dentro da memória, não só do Salão e da cidade, mas também da construção da história do artista plástico brasileiro, que tanto carece de publicações e de ser o centro de objeto de estudos.

A essência de servir como historiador é transcender os limites existentes, para que possa ser eternizado e escrito um evento ou fato histórico. Esta é a razão maior de pesquisar os artistas que continuaram seus ofícios, motivo da pesquisa visual, da busca pela Internet, dos esforços para encontrar os pesquisados, da satisfação de obter a colaboração deles. Criar a historiografia deste importante evento das Artes Visuais no País, é servir para a introspecção da nossa própria história à luz da democracia que foi construída há poucos anos. O esforço crítico foi relevante para poder ligar os eventos que foram condizentes com a produção artística, mesmo que com limitações para a interpretação das obras de Arte, pois para um aprofundamento ao dissertar sobre a estética de cada artista, seria necessário conhecer uma amplitude muito maior da trajetória dele(a), para assim poder conceber uma relação crítica mais profunda.

Deixo aberto neste trabalho de Mestrado uma gama imensa e muito rica de pesquisa ainda neste tema, sobre tempos da Arte caminhando para a abertura política total, abertura também para a globalização, que provocou mudanças novamente na relação indivíduo/Arte; artista/público; artista/curador/público/mercado; e outras várias instâncias e profissionais que são importantes após 1985. Este trabalho, sem dúvida, abriu uma possibilidade de se arquitetar mecanismos futuros, para que estas obras de Arte sejam mostradas, divulgadas, exploradas pelo público, com o advento das novas mídias sociais que representam um meio muito mais rápido, e talvez mais democrático, de se espalhar informação, levando à construção da cultura.

BIBLIOGRAFIA

Livros

ALVARADO, D. V. (1999). *Figurações Brasil anos 60: neofigurações fantásticas e neo-surrealismo, novo realismo e nova objetividade*. São Paulo: Itaú Cultural e EDUSP.

ARGAN, G. C. (1992). *Arte Moderna*. São Paulo: Companhia das Letras.

ARGAN, G. C. (2005). *História da Arte como História da cidade* (5° ed.). (P. L. Cabra, Trans.) São Paulo: Martins Fontes.

BRUESA, M. A. (2006). *A Praça IV Centenário de Santo André: o legado de Roberto Burle Marx. Monografia de conclusão de curso*. Centro Universitário Fundação Santo André.

CANTON, K. (2009). *Do Moderno ao Contemporâneo* (Coleção temas da Arte contemporânea ed.). São Paulo: Editora Martins Fontes.

FOUCAULT, M. (2003). *A Arqueologia do saber* (7° ed.). (L. F. Neves, Trans.) Rio de Janeiro: Forense Universitária.

FOUCAULT, M. (1979). *Microfísica do Poder*. (R. M., Trans.) Rio de Janeiro: Edições Graal.

GASPARI, E. (2004). *A ditadura encurralada* (Vol. 1). São Paulo: Companhia das Letras.

GASPARI, E. (2002). *A ditadura escancarada*. São Paulo: Companhia das Letras.

GODFREY, T. (1998). *Conceptual Art*. (M. T. Ribeiro, Trans.) London: Phaidon Press Limited.

GOLDBERG, R. (2006). *A arte da performance: do futurismo ao presente*. São Paulo: Martins Fontes.

GOMBRICH, E. (2000). *História da Arte*. São Paulo: LTC.

HONNEF, K. (1992). *Pop Art*. Ed. TASCHEN. Ed. TASCHEN, Re-edição Paisagem Distribuidora de Livros.

INTERVOZES - Coletivo Brasil de Comunicação Social. (2006). *Vozes da Democracia - Histórias da Comunicação na Redemocratização do Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial.

MACHADO, R. (1979). Introdução: Por uma genealogia do poder. In M. FOUCAULT, *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

- MINK, J. (2006). *Duchamp*. Köln: Taschen, reimpressão Paisagem.
- PASSARELLI, S. H. (2005). *Proteção da paisagem ferroviária: memória e identidade do Bairro Estação São Bernardo (atual Santo André, SP)* (Tese de Doutorado - FAUUSP ed.). São Paulo.
- RODRIGUEZ, Antonio Henrique Amaral: obra em processo. São Paulo: DBA Artes Gráficas.
- RANCIÈRE, J. (2005). *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: EXO Experimental/Editora 34.
- SILVA, José Armando. (2007). *João Suzuki: Travessia do sonho*. Santo André, São Paulo: Alpharrabio.
- SMITH, P. (2010). *Só Garotos*. (A. B. Souza, Trans.) São Paulo: Companhia das Letras.
- SULLIVAN, E. J., MORAIS, F., & MILLIET, M. A. (1996). Antonio Henrique Amaral. In B. VELOSO, C. (2008). *Verdade Tropical*. São Paulo: Companhia de Bolso.
- ZAMBONI, S. (2006). *A pesquisa em arte: um paralelo entre a arte e ciência*. São Paulo: Autores Associados.
- 500 ANOS DA PINTURA BRASILEIRA. (1999).

Internet e Periódicos

- UFRGS. (n.d.). *Realismo Mágico*. Encontrado 8 18, 2011, de UFRGS:
http://www.ufrgs.br/proin/versao_2/links/index07.html
- _____. (n.d.). *Bernardo Marques*. Encontrado 6 15, 2011, de Galeria Bernardo Marques:
http://www.bernardomarques.com/Artistas/Rubens_Ianelli/BiografiaRI.pdf
- _____. (2010, 11 7). Um rito tribal lindo e apaixonante- Nova montagem de "Hair" é teatro musical de altíssima categoria. *O Globo*.
- _____. (n.d.). *PINTURA BRASILEIRA.com*. Encontrado 4 2011, 9, de Alex Vallauri:
http://www.pinturabrasileira.com/artistas_bio.asp?cod=188&in=9
- WIKIPÉDIA. (2010, 6 16). *Wikipédia*. Encontrado 4 13, 2011, de Rino Levi:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Rino_levi
- WIKIPEDIA. (2011, 2 27). *Wikipédia*. Encontrado 4 10, 2011, de Carlos Lamarca:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Lamarca

WIKIPÉDIA. (2011, 8 22). *Yin Yang*. Encontrado 9 11, 2011, de Wikipédia:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Yin-yang>

WIKIPÉDIA. (n.d.). *1985 na política*. Encontrado 9 13, 2011, de Wikipédia:
http://pt.wikipedia.org/wiki/1985_na_pol%C3%ADtica

WIKIPEDIA. (n.d.). *Apollo 11*. Encontrado 3 5, 2011, de Wikipédia:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Apollo_11

WIKIPEDIA. (2011, 8 8). *Ato Constitucional 5*. Encontrado 8 18, 2011, de Wikipedia:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Ato_Institucional_Número_Cinco

WIKIPEDIA. (2011, 7 19). *Contracultura*. Encontrado 8 18, 2011, de Wikipédia:
<http://pt.wikipedia.org/wiki/Contracultura>

WIKIPÉDIA. (2011, 9 8). *Diretas Já*. Encontrado 8 11, 2011, de Wikipédia:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Diretas_Já

WIKIPÉDIA. (2011, 8 30). *Francis Bacon (artista)*. Encontrado 8 30, 2011, de Wikipédia:
[http://pt.wikipedia.org/wiki/Francis_Bacon_\(artista\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Francis_Bacon_(artista))

WIKIPÉDIA. (2011, 9 5). *Paolo Maranca*. Encontrado 9 17, 2011, de Wikipédia:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Paolo_Maranca

WIKIPÉDIA. (2011, 8 25). *PTB*. Encontrado 9 10, 2011, de Wikipédia:
http://pt.wikipedia.org/wiki/Partido_Trabalhista_Brasileiro

YESQUÉN LURITTA, J. (n.d.). *Jaimes & Samira*. Encontrado 7 25, 2011, de
<http://www.jaimesamira.com/>

AYALA, W. (1968, 9 19). Salão de Santo André. *Gazeta Mercantil*.

ABCA. (n.d.). *José Armando Pereira da Silva*. Encontrado 9 17, 2011, de APCA:
<http://www.abca.art.br/br/sobre-a-abca/associados/4-associados/27-jose-armando-pereira-da-silva->

AMARAL, A. A. (1980, 11). O grupo de Cuiabá: Sol é energia. *Brasil/Cuiabá: pintura cabocla*

APCA. (n.d.). *Enock Sacramento*. Encontrado 9 17, 2011, de APCA:
<http://www.abca.art.br/br/component/contact/4-associados/20-enock-sacramento->

ASSUMPÇÃO, I. (1982, 9 10). Texto do 5 Salão de Arte Jovem Contemporânea de Santo André. Santo André, São Paulo.

ART BONOBO. (n.d.). *VALDIR SARUBBI*. Encontrado 9 13, 2011, de Art Bonobo:
<http://www.art-bonobo.com/valdirsarubbi/>

ART BONOBO. (n.d.). *Francisco Gonzalez*. Encontrado 8 30, 2011, de Art-Bonobo:
<http://www.art-bonobo.com/artes/franciscogonzalez/welcome.html>

ARTIGAS, R. (2001). *História da Bienal de São Paulo*. Encontrado 6 20, 2011, de Terra:
<http://diversao.terra.com.br/interna/0,,OI388403-EI3615,00.html>

BASSANI, F. (n.d.). *Flávio Bassani*. Encontrado 8 30, 2011, de
<http://www.flaviobassani.com.br/curriculum.html>

BRANCATELLI, R. (2011). *Via Láctea*. entrevista por email, Santo André.

CAMACHO, K. (2008, 5 12). *Marco da movimentação trabalhista, greve da Scania completa 30 anos*. Encontrado 8 10, 2011, de Folha de São Paulo:
<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u400408.shtml>

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ. (1964, JULHO 20). Lei 2.234.

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ. (1968, junho 4). Lei 2.990.

CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ. (1964). *Lei Nº 2.234*. Encontrado julho 17, 2010, de http://www.cmsandre.sp.gov.br/cgi-bin/om_isapi.dll?clientID=1607380120&Grupos=Funda%E7%E3o%20Santo%20Andr%E9&QP=&advquery=%5bGroup%20Funda%E7%E3o%20Santo%20Andr%E9%5d&depth=4&headingswithhits=on&hitsperheading=on&infobase=top100.nfo&record=%7B1AFE%7D&soft

CORREIO METROPOLITANO. (1974, 5 5). O Salão de Arte de Santo André. *Correio Metropolitano*.

ESPÍNDOLA, H. (n.d.). *Portal Humberto Espíndola*. Encontrado 3 5, 2011, de Portal Humberto Espíndola: http://www.humbertoespindola.com.br/001-index_frameset.htm

DUVAL, F. (n.d.). *Fernando Duval*. Encontrado 7 3, 2011, de Fernando Duval- Artista plástico: <http://www.fernandoduval.com.br/site/?home>

DIÁRIO DO GRANDE ABC. (1971, 4 30). Arte Conceitual. *DIÁRIO DO GRANDE ABC*.

DIÁRIO DO GRANDE ABC. (1968, 05 19). Arte no A.B.C. *Diário do Grande ABC*.

DIÁRIO DO GRANDE ABC. (1980, 9 5). Salão de Arte reflete crise da sociedade. *DIÁRIO DO GRANDE ABC*.

DIÁRIO DO GRANDE ABC. (1968, dezembro 8). Salão teve pleno êxito. *DIÁRIO DO GRANDE ABC*.

FUNDAÇÃO DAS ARTES. (n.d.). *Fundação das Artes São Caetano do Sul*. Encontrado 9 10, 2011, de http://www.fascs.com.br/index.asp?dados=curric_a2

FOLHA DE SÃO PAULO. (1971, 4 24). IV Salão de Santo André. *Folha de São Paulo* .

FOLHA DE SÃO PAULO. (1980, 11 14). O CONGRESSO APROVA A ELEIÇÃO DIRETA EM 82. (Empresa Folha da Manhã Ltda) Encontrado 9 10, 2011, de Banco de Dados Folha - Acervo Jornais: http://almanaque.folha.uol.com.br/brasil_14nov1980.htm

FORMAS E MEIOS. (2006, 8 14). *Formas e Meios*. Encontrado 9 4, 2011, de Formas e Meios: <http://formasemeios.blogs.sapo.pt/150419.html>

GAIARSA, O. A. (1991). *Santo André: ontem, hoje, amanhã e sempre*. Santo André: Prefeitura Municipal de Santo André.

GALERIA BAUHAUS. (n.d.). *Aderbal de Moura*. Encontrado 9 11, 2011, de <http://www.galeriabauhaus.com.br/artistas.asp?idartista=105>

GRUDZINSKI, H. (1983). Gravuras. In J. K. Texto Ivo Zanini. Documenta Galeria de Arte.

INFOPÉDIA. (n.d.). *Jean Arp*. Encontrado 4 12, 2011, de Infopédia: [http://www.infopedia.pt/\\$jean-arp](http://www.infopedia.pt/$jean-arp)

ITAÚ CULTURAL . (n.d.). *Dek*. Encontrado 9 11, 2011, de Enciclopédia de Artes Visuais: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/Enc_Artistas/artistas_imp.cfm?cd_verbete=1515&imp=N&cd_idioma=28555

ITAÚ CULTURAL. (2011, 7 19). *Altenfeder, Beralda*. Encontrado 9 12, 2011, de Enciclop/edia de Artes Visuais: http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1249&cd_item=1&cd_idioma=28555

ITAÚ CULTURAL. (2010, 6 2). *Amaral, Antonio Henrique (1935)*. Encontrado 3 6, 2011, de Enciclopédia de Artes Visuais: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=558&lst_palavras=&cd_idioma=28555&cd_item=1

ITAÚ CULTURAL. (2006, 4 10). *Arnaldo Ferrari*. Encontrado 3 5, 2011, de Enciclopédia de Artes Visuais: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1161&cd_item=1&cd_idioma=28555

ITAÚ CULTURAL. (2008, 12 1). *Barros, Geraldo*. Encontrado 9 13, 2011, de Enciclopédia de Artes Visuais:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=878&cd_item=1&cd_idioma=28555

ITAÚ CULTURAL. (n.d.). *Charbel*. Encontrado 9 10, 2011, de Enciclopédia de Artes Visuais: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/Enc_Artistas/artistas_imp.cfm?cd_verbete=1399&imp=N&cd_idioma=28555

ITAÚ CULTURAL. (2007, 8 31). *Charoux, Lothar (1912 - 1987)*. Encontrado 3 6, 2011, de Enciclopédia de Artes Visuais: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2485&lst_palavras=&cd_idioma=28555&cd_item=1

ITAÚ CULTURAL. (2005, 7 28). *Enciclopédia de Artes Visuais*. Encontrado 4 11, 2011, de Armando Moral Sendin: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=3298&lst_palavras=&cd_idioma=28555&cd_item=1

ITAÚ CULTURAL. (2006, 1 27). *Enciclopédia de Artes Visuais*. Encontrado 4 9, 2011, de Pedro Tort: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=3048&cd_item=1&cd_idioma=28555

ITAÚ CULTURAL. (2006, 30 8). *Enciclopédia de Artes Visuais*. Encontrado 4 9, 2001, de Thomaz Ianelli: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=3413&cd_item=1&cd_idioma=28555

ITAÚ CULTURAL. (2009, 8 25). *Enciclopédia de Artes Visuais*. Encontrado 4 4, 2011, de Maria Auxiliadora da Silva: http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2659&lst_palavras=&cd_idioma=28555&cd_item=1

ITAÚ CULTURAL. (201, 6 17). *Enciclopédia de Artes Visuais*. Encontrado 4 12, 2011, de Nardin, Ermelindo (1943): http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1670&cd_item=1&cd_idioma=28555

ITAÚ CULTURAL. (2010, 5 36). *Enciclopédia de Artes Visuais*. Encontrado 3 6, 2011, de Fiaminghi, Hermelindo (1920 - 2004): http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2051&lst_palavras=&cd_idioma=28555&cd_item=1

ITAÚ CULTURAL. (2011, 5 27). *Enciclopédia de Artes Visuais*. Encontrado 4 9, 2011, de Ernestina Karman:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1674&cd_item=1&cd_idioma=28555

ITAÚ CULTURAL. (2008, 1 17). *Dina Oliveira*. Encontrado 9 11, 2011, de Enciclopédia de Artes Visuais:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1534&cd_idioma=28555&cd_item=1

ITAÚ CULTURAL. (2010, 7 11). *Freire, Jadir*. Encontrado 9 13, 2011, de Enciclopédia de Artes Visuais:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2151&cd_item=3&cd_idioma=28555

ITAÚ CULTURAL. (2007, 4 1). *Hudnilson Jr.* Encontrado 8 28, 2001, de Enciclopédia de Artes Visuais:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2074&cd_item=1&cd_idioma=28555

ITAÚ CULTURAL. (2005, 5 20). *Humberto Augusto Miranda Espíndola*. Encontrado 3 5, 2011, de Enciclopédia de Artes Visuais:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2078&cd_item=17&cd_idioma=28555

ITAÚ CULTURAL. (2010, 9 3). *Hans Suliman Grudzinski*. Encontrado 3 6, 2011, de Grudzinski, Hans (1921 - 1986):

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1997&cd_item=1&cd_idioma=28555

ITAÚ CULTURAL. (2006, 5 7). *Kume, Lúcio*. Encontrado 8 28, 2011, de Enciclopédia de Artes Visuais:

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2507&cd_item=1&cd_idioma=28555

ITAÚ CULTURAL. (2006, 7 4). *Krüse, Olney*. Encontrado 9 4, 2011, de Enciclopédia de Artes Visuais:

http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2939&cd_idioma=28555

- ITAÚ CULTURAL. (2005, 2 2). *Magalhães, Gastão de*. Encontrado 9 43, 2011, de Enciclopédia de Artes Visuais:
http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1869&cd_item=3&cd_idioma=28555
- ITAÚ CULTURAL. (2005, 7 12). *Magalhães, Odair*. Encontrado 9 11, 2011, de Enciclopédia de Artes Visuais:
http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2924&cd_item=1&cd_idioma=28555
- ITAÚ CULTURAL. (n.d.). *Martins de Porangaba*. Encontrado 9 11, 2011, de Enciclopédia de Artes Visuais:
http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/Enc_Artistas/artistas_imp.cfm?cd_verbete=2756&imp=N&cd_idioma=28555
- ITAÚ CULTURAL. (2005, 5 3). *Mártire, Diana*. Encontrado 9 10, 2011, de Enciclopédia de Artes Visuais:
http://www.itaucultural.com.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=1527&cd_item=3&cd_idioma=28555
- ITAÚ CULTURAL. (2006, 7 4). *Suzuki, João*. Encontrado 4 24, 2011, de Enciclopédia de Artes Visuais:
http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=2229&cd_idioma=28555&cd_item=3&CFID=5657922&CFTOKEN=18139970&jsessionid=5c30dfa6ed5c1d1833ee
- ITAÚ CULTURAL. (n.d.). *Rodriguez, Graciela*. Encontrado 9 10, 2011, de Enciclopédia de Artes Visuais:
http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/Enc_Artistas/artistas_imp.cfm?cd_verbete=1960&imp=N&cd_idioma=28555
- JUSBRAZIL. (2011, 4 14). *Museu de Arte - Vera Cerqueira - Jus Brasil*. Encontrado 9 10, 2011, de Jus Brasil notícias: <http://al-sp.jusbrasil.com.br/noticias/2648037/museu-de-arte-vera-cerqueira>
- JORNAL DO BRASIL. (1968, 9 18). Escolhido cartaz do I Salão de Arte. *Jornal do Brasil*.
- KLEIN, P. (n.d.). *Paulo Klein*. Encontrado 8 10, 2011, de Paulo Klein:
<http://www.pauloklein.art.br/critico.htm>
- LEI Nº 2.990 (junho 4, 1968).

MAC USP. (n.d.). *MAC Exposições*. Encontrado 4 10, 2011, de Museu Universitário:
http://www.mac.usp.br/mac/templates/exposicoes/exposicao_wolfgang/exposicao_wolfgang.asp

MENTEN, Paulo. (1979, 9 22). A sala que vai faltar na próxima Bienal de São Paulo. *Santo André em notícias* .

MIRANDA, W. (n.d.). *Currículo resumido de Walter Miranda*. Encontrado 9 11, 2011, de FW Artes: http://www.fwmartes.com.br/walter/curriculo_resumido.htm

MORRA, L. M. (2011). *Exposição Itaú*. email, São Paulo.

MORRA, L. M. (n.d.). *Lucio maria morra relógios de sol*. Encontrado 9 3, 2011, de Lucio Maria Morra: <http://www.luciomariamorra.com/referenze-b.html>

PIACENTINI, É. (2008, 4 30). *Entenda o Maio de 68 francês*. Encontrado 6 3, 2011, de Folha.com: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u396741.shtml>

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ. (1972). *Boletim estatístico*. Santo André: Prefeitura Municipal de Santo André.

SACRAMENTO, E. (1979, 9 23). Artistas picham paredes e painéis: Parafernália no Salão de Arte em Santo André. *Diário do Grande ABC* .

SACRAMENTO, E. (2001). *Luiz Sacilotto*. São Paulo: Prefeitura Municipal de Santo André.

SACRAMENTO, E. (1982, 2 21). Santo André reunirá sua arte num museu. *Diário do Grande ABC* .

SACRAMENTO, E. (1981, 9 11). Santo André realiza seu IV Salão Jovem. *Diário do Grande ABC* .

SANTO ANDRÉ EM NOTÍCIAS. (1982, 5 15). Salão de Arte Contemporânea: No X Salão, as tendências atuais das artes plásticas. *Santo André em Notícias* .

SILVA, F. d. (n.d.). *IPEH*. Encontrado 7 3, 2011, de IPEH:
<http://www.ipeh.org.br/home/patrono.asp>

SOARES, Sinval Correa. (n.d.). *Carreira*. Encontrado 4 12, 2011, de Sinval Correia Soares:
<http://www.sinvalsoares.pro.br/carreira.htm>

SONCINI, Décio. (n.d.). *Biografia*. Encontrado 8 30, 2011, de Décio Soncini:
<http://www.soncini.com.br/index1.asp?bm=m&ed=1&s=2&ma=27&c=0&m=0>

STORI, Norberto. (n.d.). *Meus Caminhos*. Encontrado 9 14, 2011, de Norberto Stori:
<http://www.norbertostori.art.br/meuscaminhos.html>

RIGHI, R., & REBOUÇAS, I. S. (n.d.). *Roberto Righi*. Encontrado 9 13, 2011, de Docomomo: <http://www.docomomo.org.br/seminario%205%20pdfs/150R.pdf>

ROMAGNOLO, Sérgio. (2011). *Email*. Santo André.

TIRAPELI, Percival. (n.d.). *Percival Tirapelli - Artes Visuais*. Encontrado 9 13, 2011, de Percival Tirapeli: <http://www.tirapeli.pro.br/artesvisuais/artes.htm>

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 1 - ABERTURA DO EDITAL DO I SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.
ANEXO 2 - LEI Nº 2.990, DE 04 DE JUNHO DE 1968 - CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ, 1968	6
ANEXO 3 - LEI Nº 2.234 DE 20 DE JULHO DE 1964 CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ, 1964	8
ANEXO 4 – SALÃO TEVE PLENO ÊXITO. DIÁRIO DO GRANDE ABC, 8 DE DEZEMBRO DE 1968	9
ANEXO 5 – CATÁLOGO DO I SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ.....	10
ANEXO 6 – REPRODUÇÃO DO CATÁLOGO DO I SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ...36	
ANEXO 7 – ESCOLHIDO CARTAZ DO I SALÃO DE ARTE. JORNAL DO BRASIL, 18 DE SETEMBRO DE 1968 ...37	
ANEXO 8 –SALÃO DE SANTO ANDRÉ. GAZETA MERCANTIL, 19 DE SETEMBRO DE 1968.....	38
ANEXO 9 – BIOGRAFIA RESUMIDA DE ARNALDO FERRAR.....	39
ANEXO 10 – BIOGRAFIA RESUMIDA DE HUMBERTO A. M. ESPÍNDOLA	40
ANEXO 11 – BIOGRAFIA RESUMIDA DE HANS SULIMAN GRUDZINSKI	41
ANEXO 12 – BIOGRAFIA RESUMIDA DE ANTONIO HENRIQUE AMARAL	42
ANEXO 13 – BIOGRAFIA RESUMIDA DE HERMELINDO FIAMINGHI	43
ANEXO 14 – BIOGRAFIA RESUMIDA DE LOTHAR CHAROUX.....	44
ANEXO 15 – BIOGRAFIA RESUMIDA DE MARIA AUXILIADORA.....	45
ANEXO 16 – BIOGRAFIA RESUMIDA DE ARMANDO MORAL SENDIM	46
ANEXO 17 – REPRODUÇÃO DO CATÁLOGO DO II SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	47
ANEXO 19 – “O SALÃO É NA QUARTA”. RECORTE DO JORNAL DIÁRIO DO GRANDE ABC. 5 DE ABRIL DE 1970	67
ANEXO 20 – BIOGRAFIA RESUMIDA DE ALEX VALLAURI	69
ANEXO 21 – BIOGRAFIA RESUMIDA DE ERNESTINA SANNÁ KARMAN	70
ANEXO 22 – BIOGRAFIA RESUMIDA DE THOMAZ IANELLI	72
ANEXO 23 – BIOGRAFIA RESUMIDA DE PEDRO TORT	73
ANEXO 24 - REPRODUÇÃO DO CATÁLOGO DO IV SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	86

ANEXO 25 – PROSEGUE NO PAÇO EXPOSIÇÃO DE ARTE. DIÁRIO DO GRANDE ABC, 25 DE ABRIL DE 1971.	87
ANEXO 26 – ARTE CONCEITUAL. DIÁRIO DO GRANDE ABC, 30 DE ABRIL DE 1971.....	88
ANEXO 27 – IV SALÃO DE SANTO ANDRÉ. FOLHA DE SÃO PAULO. 24 DE ABRIL DE 1971.....	89
ANEXO 28 – BIOGRAFIA RESUMIDA DE ERMELINDO NARDIN	90
ANEXO 29 – BIOGRAFIA RESUMIDA DE JOÃO SUZUKI.....	91
ANEXO 30 - REPRODUÇÃO DO CATÁLOGO DO V SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	105
ANEXO 31 – BIOGRAFIA RESUMIDA DE SINVAL VORREIA SOARES.....	106
ANEXO 32 – REPRODUÇÃO DA CAPA DO CATÁLOGO DO VI SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ.....	118
ANEXO 33 – RECORTE DO JORNAL <i>O CORREIO METROPOLITANO</i> . 8 DE ABRIL DE 1973	119
ANEXO 34 – BIOGRAFIA RESUMIDA DE RUBENS VAZ IANELLI.....	121
ANEXO 35 – RECORTE DE JORNAL <i>O REPÓRTER</i> . 30 DE SETEMBRO DE 1973.....	123
ANEXO 36 – RECORTE DE JORNAL <i>CORREIO METROPOLITANO</i> . 7 DE OUTUBRO DE 1973.	124
ANEXO 37 - REPRODUÇÃO DO CATÁLOGO DO VII SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE SANTO ANDRÉ	138
ANEXO 38 - BIOGRAFIA RESUMIDA DE FERNANDO DUVAL	140
ANEXO 39 – BIOGRAFIA RESUMIDA DE EMÍLIO MIGUEL ABELLÁ.....	141
ANEXO 39 – RECORTE DE JORNAL <i>CORREIO METROPOLITANO</i> . 5 DE MAIO DE 1974.....	143



ANEXO 1 - Abertura do Edital do I Salão de Arte Contemporânea de Santo André. FOLHA DE SÃO PAULO 38/08/1968

LEI Nº 2.990, DE 04 DE JUNHO DE 1968

A Câmara Municipal de Santo André decreta e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1º - Fica a Prefeitura autorizada a promover, anualmente, com exposição de artes plásticas denominada “Salão de Arte Contemporânea de Santo André”.

Art. 2º - Além da exposição de artes plásticas o Salão Municipal de Arte Contemporânea de Santo André poderá promover, estimular e aprovar quaisquer outras manifestações artísticas.

Art. 3º - Para participar da exposição o artista deverá promover a sua inscrição, de acordo com o respectivo regulamento.

Art. 4º - Aos participantes do Salão Municipal de Arte Contemporânea de Santo André, serão conferidos prêmios de conformidade com a indicação feita pela Comissão de Seleção e Premiação.

Parágrafo único – Os prêmios serão os seguintes:

- Prêmio de Artes Plásticas “Cidade de Santo André”, no valor de NCr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros novos), em dinheiro;
- Grande medalha “Cidade de Santo André”;
- Duas medalhas “Salão Municipal de Arte Contemporânea de Santo André”;
- Quatro medalhas “Salão Municipal de Arte Contemporânea de Santo André”;

relativa ao ano em curso.

Art. 5º – O prêmio de artes plásticas “cidade de Santo André” poderá recair sobre trabalhos de qualquer das modalidades de artes plásticas apresentadas.

(Lei nº 3.116/68 – Prêmio “Câmara Municipal Santo André”)

§ 1º - A obra distinguida com o prêmio de artes plásticas “Cidade de Santo André” será incorporada ao patrimônio artístico da Prefeitura Municipal de Santo André.

§ 2º - Os modelos e os materiais a serem utilizados na confecção das medalhas serão aprovados pelo Prefeito Municipal de Santo André.

Art. 6º - A Comissão de Seleção e Premiação será constituída de cinco membros, nomeados pelo Prefeito Municipal, a saber:

- um membro da Associação de Crítica de Artes Plásticas do Estado de São Paulo;
- um diretor de Museu de Arte da Capital do Estado;
- de um nome indicado pela Comissão Municipal de Cultura;
- de dois nomes escolhidos por votação, dentre os artistas expositores, que já tenham figurado em outras mostras oficiais de arte.

Parágrafo único – A Comissão de Seleção e Premiação será secretariada por funcionário designado pelo Secretário de Educação e Cultura.

Art. 7º - Ficará a cargo da Comissão de Seleção e Premiação a distribuição de outros prêmios que venham a ser oferecidos por pessoas físicas ou jurídicas privadas.

Art. 8º - As decisões da Comissão de Seleção e Premiação serão irrecorríveis, sendo-lhe facultado deixar de conferir prêmios, conceder ou não distinções honoríficas.

Art. 9º - A Prefeitura Municipal não se responsabilizará por eventuais danos sofridos pelos trabalhos enviados, cabendo aos artistas segurar as obras contra qualquer risco.

Art. 10 – Fica aberto, na Secretaria da Fazenda, um crédito especial de NCr\$ 4.000,00 (quatro mil cruzeiros novos), destinado a fazer face, no corrente exercício, as despesas com a execução da presente lei, ficando a despesa classificada sob a codificação 31.40.60 – Encargos Diversos.

Art. 11 - Fica anulada, parcialmente, em NCr\$ 4.000,00 (quatro mil cruzeiros novos), a verba 60.000 – 31.40.60 – Encargos Diversos, do orçamento vigente, destinando-se os recursos à cobertura do crédito de que trata o artigo anterior.

Art. 12 – Serão consignadas, nos orçamentos futuros, verbas próprias para fazer face às despesas criadas pela presente lei.

Art. 13 - Esta lei será regulamentada dentro de 60 (sessenta) dias, a contar de sua publicação.

Art. 14 – Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogada a Lei nº 2.234, de 20 de julho de 1964. (CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ, 1968)

ANEXO 2 - LEI Nº 2.990, DE 04 DE JUNHO DE 1968 - CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ, 1968

LEI Nº 2.234 DE 20 DE JULHO DE 1964

Revogada

p/

2.990/68

A Câmara Municipal de Santo André decreta e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1º - Fica instituído o “PRÊMIO MUNICIPAL DE ARTES PLÁSTICAS”, a ser concedido, anualmente, mediante concurso, para autores de obras de pintura, escultura e desenho.

§ 1º - O prêmio referido neste artigo consistirá de diploma alusivos e das importâncias, em dinheiro, de Cr\$ 50.000,00 (Cinqüenta mil cruzeiros) e de Cr\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil cruzeiros), respectivamente, para os primeiros e segundos classificados nos diversos setores.

§ 2º - Poderão ser conferidas menções honrosas aos demais classificados.

Art. 2º - Somente serão admitidos ao concurso os artistas amadores residentes neste e nos municípios de São Bernardo do Campo, São Caetano do Sul, Mauá e Ribeirão Pires.

Art. 3º - Os trabalhos, para fins de inscrição e seleção, deverão ser entregues na Secretaria Municipal de Educação e Cultura, durante o mês de agosto.

§ 1º - Não serão aceitos trabalhos em número inferior a 5 (cinco) ou superior a 10 (dez).

§ 2º - As obras selecionadas permanecerão expostas ao público, em local previamente determinado, no período de 1º a 15 de setembro.

Art. 4º - Os membros da Comissão Julgadora serão nomeados por ato do Secretário Municipal da Educação e Cultura.

Parágrafo único – À Comissão Julgadora caberá elaborar o Regulamento do

Concurso, podendo, inclusive, reservar-se o direito de não conferir todos ou alguns dos prêmios, se concluir que os trabalhos apresentados não possuem suficiente valor artístico.

Art. 5º - As despesas com a execução da presente lei correrão por conta da verba 6000-8.39.4 – do vigente orçamento, suplementada se necessário.

Art. 6º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, ficando revogadas a Lei nº 1.633, de 24 de dezembro de 1.960 e demais disposições em contrário. (CM SANTO ANDRÉ', 1964)

ANEXO 3 - LEI Nº 2.234 DE 20 DE JULHO DE 1964 CÂMARA MUNICIPAL DE SANTO ANDRÉ, 1964

Salão teve pleno êxito

Da Sucursal do
ABC

“A realização do I Salão de Artes Plásticas de Santo André alcançou plenamente seus objetivos e obteve o êxito esperado” — assinalou o sr. Enock Fernandes Sacramento, presidente da Comissão Organizadora da mostra, ao anunciar as perspectivas para 1969 do Conselho Municipal de Cultura, do qual é vice-presidente. “A aquisição de 20 obras e o registro de mais de 6.000 visitantes” — continuou o sr. Fernandes Sacramento — são os principais elementos com os quais contamos para avaliar e demonstrar o real êxito da iniciativa, principalmente considerando-se que Santo André até há bem pouco tempo era ainda um simples subúrbio industrial de São Paulo, com ares de província e refratário a todas as iniciativas de caráter artístico ou cultural”.

NOVAS REALIZAÇÕES

O pleno êxito do I Salão animou os seus organizadores a já pensar no II, que será realizado em setembro de 69, “com nova estrutura e novos prêmios”. Além do II Salão de Arte Contemporânea, Santo André deverá ter ainda em 1969 a I Exposição Nacional de Desenho Industrial, nos moldes da realizada recentemente no Museu de Arte Moderna da Guanabara, e um Salão de Arte e Técnica Publicitárias.

Estas duas últimas mostras em muito contribuirão — assim acredita o responsável pela Comissão de Artes Plásticas do Conselho Municipal de Cultura — para a difusão, na região industrial do ABC, das recentes conquistas e

realizações do Desenho Industrial e da Técnica Publicitária, podendo influir positivamente na mentalidade e no comportamento do empresariado regional.

GRANDE SALTO EM 69

Para essas realizações, Santo André já conta com local apropriado, cujas características arquitetônicas enquadram-se dentro das mais avançadas da atualidade. Esse local, anexo ao conjunto arquitetônico do Centro Cívico, é a Casa da Cultura, cuja inauguração oficial está prevista para os próximos 60 dias. Seus amplos salões permitem a realização de exposições permanentes, bem como de grandes mostras industriais de caráter cultural.

“Santo André em 69 — afirma o sr. Fernandes Sacramento — deverá dar seu grande salto no setor cultural. A abertura das mostras que estamos programando deverão somar-se as atividades do Grupo Teatro da Cidade, que já nesse ano recebeu auxílio oficial de 7 mil cruzeiros novos, além do que a possibilidade de novas bibliotecas nos bairros, como a Biblioteca Municipal “Cecília Meireles”, do Parque das Nações, contribuirão sensivelmente para a difusão da cultura também entre as regiões mais afastadas, habitadas por trabalhadores industriais, junto aos quais pretendemos intensificar ainda mais o nosso trabalho”.

ANEXO 4 – Salão teve pleno êxito. DIÁRIO DO GRANDE ABC, 8 de dezembro de 1968



ANEXO 5 – Catálogo do I Salão de Arte Contemporânea de Santo André

1968

1.º SALÃO
DE ARTE
CONTEMPORÂNEA
DE SANTO ANDRÉ

HOMENAGEIA

FIORAVANTE ZAMPOL
Prefeito Municipal

NAIR VEIGA LACERDA
Secretária de Educação e Cultura

COMISSÃO ORGANIZADORA

presidente - enock fernandes sacramento

carlos garcia árias

giuliana pedrazza

josé armando pereira da silva

rodolpho mansueto dini

COMISSÃO JULGADORA

josé geraldo vieira - presidente

delmiro gonçalves

enock fernandes sacramento

maria eugênia franco

mário schenberg



JOÃO SUZUKI

JOÃO SUZUKI, HOJE

João Suzuki é um dos mais importantes artistas de origem japonesa do Brasil (talvez o primeiro **nissei**), cujo grupo tem contribuído de maneira substancial para o desenvolvimento da arte entre nós.

A consciência de que o artista deve expressar-se através de uma linguagem plástica original, leva-o muito cedo ao exercício da pesquisa estética. O desenho de Suzuki, a princípio incipiente, vai se afirmando à medida que ele, exaustivamente, fixa pessoas humildes, entregues a seus afazeres cotidianos. Centenas de trabalhos realizados nesta fase já revelam um artista sensível aos problemas de seu tempo.

A perspectiva de nascimento do primeiro filho provoca uma revolução em sua obra. O artista, na realização de suas figuras, passa progressivamente à utilização de manchas associadas a fortes traços no desenho do corpo, a contrastar com delicadas e misteriosas linhas do rosto. Esta fase se caracteriza pela predominância de formas embrionárias, metamórficas, fantásticas e de fisionomias carregadas de acentos psicológicos. Ao lado desta tipologia kafkiana, Suzuki realiza trabalhos plenos de lirismo, em que a criança é uma constante. Nêles o drama se destaca da poesia, permitindo o afloramento desta em tôda a plenitude.

Em seguida faz uma série de pesquisas formais e gráficas, que conduzem a um desenho que se impõe pela monumentalidade da composição. Estes trabalhos são realizados dentro de uma atmosfera surreal, impregnada de sensualidade, e refletem as deformações experimentadas pela humanidade em função de uma era excessivamente mecanizada e tecnocrata.

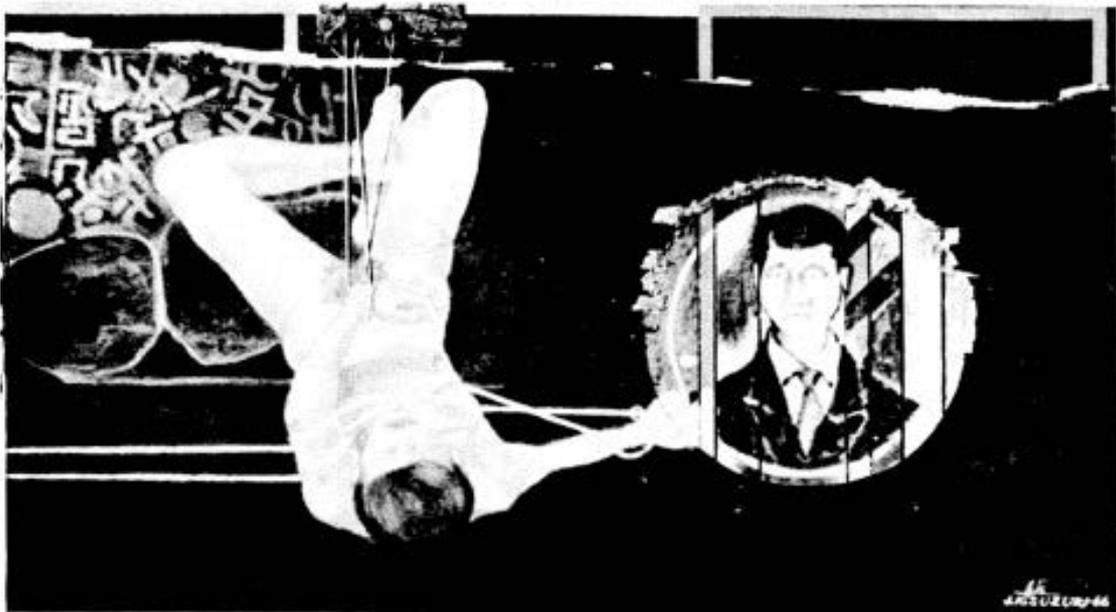
Utilizando feltro na aplicação de tinta sobre o papel, imprime ao seu trabalho uma dimensão escultural. Essa característica evolui a ponto de levar o artista a realizá-lo na madeira, cujas saliências e reentrâncias, naturais ou provocadas, são muito bem aproveitadas por ele, objetivando conseguir uma expressão sólida e definitiva.

Esta Sala Especial reúne obras recentes de Suzuki, quase sempre executadas dentro de um espírito de polivalência que enriquece sobremaneira a obra, pela variedade de efeitos plásticos que permite, dependendo do ângulo que ela é observada. Destaquem-se nestes trabalhos um amadurecimento evidente de concepção e técnica, uma cor muito valorizada e a segurança de quem conhece o instrumento de seu ofício.

A arte de Suzuki, numa visão global, é uma mistura de magia e incitamento à ação, qualidades que, tendo como suporte as anteriormente apontadas, lhe assegura um lugar de destaque na linha de frente da arte brasileira.

Enock Sacramento

Exercício integração n.º 1



JOÃO SUZUKI

Nasceu em Mirandópolis, São Paulo, em 1935.
Iniciou seus estudos de arte com João Rossi, em 1952.
Reside em Santo André.

- 1959 — Exposição Individual no Clube dos Artistas de São Paulo.
- 1961 — Exposição individual na ACM, São Paulo.
- 1962 — Exposição individual na Piccola Galeria, Rio.
Exposição individual na Galeria Vila Rica, São Paulo.
Exposição "Alguns Novos de Desenho e Gravura", IBEU, Rio.
Exposição "O Desenho Nacional", Museu de Arte da Pampulha, Belo Horizonte.
Salão "Comparaisons" de Paris.
- 1963 — Exposição do Jovem Desenho Nacional, MAC, São Paulo.
- 1964 — Exposição no Museu de Arte de São Paulo.
Exposição no Museu de Arte Moderna, Rio.
Exposição Secretaria de Turismo do Paraguai.
- 1965 — Exposição individual na Galeria Itatiaia, Belo Horizonte.
Exposição individual na Galeria de Arte São Luiz, São Paulo.
II Exposição do Jovem Desenho Nacional, MAC, São Paulo.
Exposição "Brazilian Art Today", Royal College of Arts, Londres e Viena.
- 1966 — Exposição individual na Biblioteca Pública de Santo André.
Exposição na Galeria "Four Planets", Maryland, USA.
Exposição "La Ultra-Arte".
Exposição "Artistas Nipo-Brasileiros", MAC, sob os auspícios da UNESCO, São Paulo.
Exposição "3 Premissas", FAAP, São Paulo.
II Exposição do Jovem Desenho Nacional, MAC, São Paulo.
- 1967 — Exposição "O Monstro na Arte Moderna", IBEU, Rio.
- 1968 — Exposição individual no PSICOTEC, Santo André.
Exposição individual na Galeria F. Domingo, São Paulo.

Tem participado de vários salões, entre os quais o Salão Paulista de Arte Moderna e a Bienal de São Paulo.

Possui obras no Museu de Arte Contemporânea da USP, no Museu de Arte do Paraná, no Museu de Arte de Porto Alegre, no Museu de Arte de Belo Horizonte, no "Royal College of Arts", de Londres, no Museu de Arte Brasileira da FAAP e em várias coleções particulares.

Recebeu os seguintes prêmios:

Menção Honrosa e Medalha de Bronze no Salão da Associação Paulista de Belas Artes.

Medalha de Bronze e Pequena Medalha de Prata no Salão da Colônia Japonesa.

Grande Medalha de Prata no Salão do Grupo "Seibi".

1.º Prêmio de Desenho no Salão de Arte de Santo André.

3.º Prêmio de Desenho e Prêmio Aquisição no Salão de Arte de Belo Horizonte.

Prêmio Aquisição no Salão Gaucho.

Grande Medalha de Prata no Salão de Arte de São Bernardo do Campo.

Grande Medalha de Prata e Prêmio Aquisição no Salão Paraense.

Medalha de Prata no Salão Paulista de Arte Moderna

2.º Prêmio no Salão "Dearte", Galeria da Folha.

2.º Prêmio de Desenho no Salão de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul.

JOAO SUZUKI

Obras expostas

1. Morte de Tiquidim ou Guerreiro Século XX — Técnica mista sobre madeira, 1966. 235,5 x 65.
2. Exercício integração n.º 1 — Idem, 1966. 200 x 100. Acervo do Museu de Arte Contemporânea da USP
3. Infância perdida no primeiro inverno — Idem, 1966. 180 x 80.
4. Sonho de mulher — Idem, 1967. 16,5 x 14. Col. E. F. Sacramento.
5. Fraternidade saxicota — Idem, 1968. 65 x 45. Col. Armando Todaro.
6. Além da cerca... a criança — Idem, 1968. 45 x 15. Col. Kalil Filho.
7. Duo escarlata — Idem, 1968. 17 x 70. Col. Filomena Hirata.
8. E os girassóis voltarão a brotar — Idem, 1968. 50 x 70. Col. José Siqueira Quinteiro.
9. Criança e anjo de paz — Idem, 1968. 67 x 17.
10. Onde o primeiro beijo de amor — Idem, 1968. 40 x 105.
11. Somos três — Idem, 1968. 27 x 27. Col. Filomena Hirata.
12. Ainda mulher — Idem, 1968. 30 x 21.
13. Sgroumm — Idem, 1968. 43 diâmetro.
14. Sol de inverno — Idem, 1968. 96 x 21.
15. Mulher acalanto — Idem, 1968. 50 x 50.
16. Percepção primeira da dinâmica — Idem, 1968. 80 x 23.
17. Percepção 1968 — Idem, 1968. 40 x 105.
18. Floresta mágica de Scroumm — Idem, 1968. 40 x 15.
19. Ela — Idem, 1968. 14,5 x 21. Col. Maria de Lourdes de Souza.
20. Nem só para os mortos serão as flores — Idem, 1968. 33 x 17.
21. Só homem — Idem, 1968. 50 x 21.
22. Personagens — Idem, 1968. 45 x 17. Col. David Ramos.
23. O homem que vai — Idem, 1968. 42,5 x 14,5. Col. Issac Krasilchik.
24. Exercício de integração e percepção do mundo criança — Idem, 1968. 47 x 53.
25. Namorados e amor para uma revolução maior — Idem, 1968. 100 diâmetro.



LUIZ SACILOTTO

O REALISMO CONCRETO DE LUIZ SACILOTTO

A ideologia concreta contrapõe aos primitivismos de ontem e de hoje, que choram o paraíso perdido da liberdade instintiva, a idéia da liberdade dentro pela e para a civilização a mais avançada do ponto de vista tecnológico e humanístico, do ponto de vista de uma justiça social atual.

No Brasil o movimento concreto começou no último após guerra, no período que registrou os mais elevados índices de industrialização e urbanização, no decorrer da década 50/60. A disputa acadêmica entre o liberalismo dominante e o socialismo doutrinário era travada nas condições gerais e comuns de uma visão acanhada e provinciana da arte. Ambas as alternativas foram rechazadas pelos artistas concretos, que partiram radicalmente para a renovação da linguagem visual, e para uma visão da função de artista na sociedade moderna. Essa atitude custou-lhe a inimizade pessoal e a perseguição tanto da parte dos artistas burgueses, denunciados pelo papel hedonístico que representavam (e representam) no mundanismo da oligarquia — assim como da parte dos líderes da esquerda política (veja-se a revista "Fundamentos") muitos dos quais no processo que se seguiu se revelaram pequenos burgueses míopes. Os adversários passaram e a arte concreta ficou. A arte concreta, portanto, nunca foi resultado de um mero exercício de laboratório. A base da arte concreta está uma opção ideológica brasileira. A participação dos artistas concretos nas lutas culturais destes últimos vinte anos decorre da consciência crítica dos vetores do desenvolvimento da cultura nacional. Os que pensaram que a arte concreta fosse apenas um conjunto de receitas de bolo, sobram no caminho.

É esse caráter artístico-ideológico que permitiu à arte concreta visual exercer profunda influência sobre poetas e músicos, motivando enderços análogos e soluções interdisciplinares. Assimilada, utilizada e diluída pelos técnicos da programação visual, a arte concreta desempenhou e continua desempenhando papel importante no âmbito da comunicação visual. Também no campo da arte a sua influência é grande, motivando vários **néos e pós**. No entanto, através de indivíduos menos perspicazes e ou menos escrupulosos, serviu também para mascarar e propagar subprodutos acadêmicos.

A ideologia concreta se insere dialéticamente na realidade em movimento, tendo produzido várias formas de arte, desempenhando um papel vital mesmo neste momento em que, sob o pretexto da condenação da cultura de massa burguesa, posições artísticas anacrônicas são reeditadas. Luiz Sacilotto desde o início é viga mestra da arte concreta.

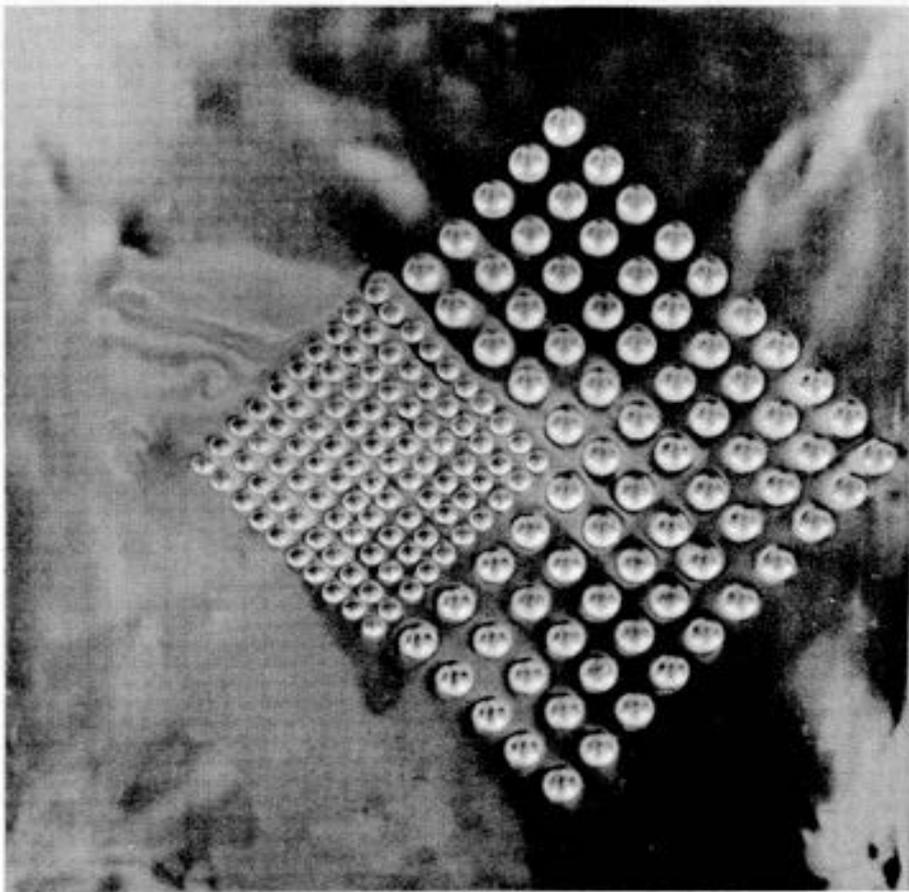
A Sala Especial de Luiz Sacilotto tem caráter retrospectivo, também reunindo pinturas e desenhos anteriores ao salto concreto. É a biografia visível do artista. É também a expressão de um processo quantitativo e qualitativo marcado pela coerência. Coerência ideológica no tempo e não mera coerência de estilo.

A fase geométrica é caracterizada pela descoberta de uma estrutura topológica e pelo desenvolvimento ótico de suas variáveis possíveis. O plano é desdobrado no espaço tri-dimensional ocasionando no fruidor a apreensão de uma quarta dimensão. Com essa fase Sacilotto se torna precursor da escultura brasileira de vanguarda, posteriormente desenvolvida em termos pragmáticos por Lygia Clark e outros. O caráter binário de cheios e vazios, numa intermitência rigorosa e estremamente precisa, quantifica a percepção em dígitos concretos. Na fase das superfícies polidas prensadas, a programação da moldagem mecânica do material, explorando a reflexão da luz, cria a imagem puramente visual. A ambigüidade entre o côncavo material e o convexo ótico ilustra a síntese concreta da realidade geográfica (a coisa como ela é materialmente) e da conduta do fruidor (a coisa como ela é vista).

Mais recentemente, depois de 1964, Luiz dirige a sua pesquisa para a decodificação inteligente das aparências do mundo em destruição. A informação é canalizada para a leitura de resíduos de produtos industriais de consumo de massa.

A mostra, subordinada ao levantamento das obras mais significativas, criadas durante vinte anos de trabalho artístico, não abrange as criações recentíssimas e em gestação. Em equilíbrio com o passado, o futuro espera da radicalidade profundamente criativa e combativa de Luiz Sacilotto novos vetores para o desenvolvimento da arte objetiva brasileira.

WALDEMAR CORDEIRO



Concreção 6258

LUIZ SACILOTTO

Nasceu em Santo André, São Paulo, em 1924.

Estudou pintura na Escola Profissional de São Paulo.

1946 — Exposição de desenhos do I. A. B. do Rio.

1947 — Exposição "19 Pintores", São Paulo.

1949 — Juntamente com Waldemar Cordeiro foi precursor da Arte Concreta em São Paulo.

1952 — Participou da Bienal de Veneza.

Exposição do Grupo Ruptura, São Paulo.

1956 — Exposição Nacional de Arte Concreta, São Paulo.

1957 — Exposição Nacional de Arte Concreta, Rio.

Participou da mostra "Arte Moderna do Brasil", que percorreu Buenos Aires, Santiago, Rosário e Lima.

1959 — Exposição na Galeria de Arte da Fôlha.

1960 — Exposição coletiva "Arte Moderna do Brasil", que percorreu várias cidades importantes da Europa.

Exposição Coletiva "Arte Concreta", Zurich.

Exposição no M. A. M. do Rio.

1962 — Exposição no I. A. B. de São Paulo.

1963 — Um dos fundadores da Galeria "Novas Tendências", São Paulo, tendo participado da exposição inaugural da mesma.

De 1951 para cá tem participado do Salão Paulista de Arte Moderna e da Bienal de São Paulo.

Integrou o Juri de Seleção e Premiação do Salão Paulista de Arte Moderna em 1955, 1960, 1962, 1966 e 1968.

Recebeu os seguintes prêmios:

1.º Prêmio Governador do Estado (Pintura) no II Salão Paulista de Arte Moderna.

Prêmio Aquisição (Pintura) no III Salão Paulista de Arte Moderna.

Prêmio Leirner de Pintura, São Paulo.

1.º Prêmio Governador do Estado (Escultura) no X Salão Paulista de Arte Moderna.

Possui obras no Museu de Arte Contemporânea de São Paulo, na Biblioteca Municipal de São Paulo, no Jardim interno do Cine Barão, São Paulo, no Jardim do Forum de Guararapes e em várias coleções particulares.

LUIZ SACILOTTO**Obras expostas****PINTURAS**

1. Paisagem — Óleo sobre tela, 1946. 42 x 30.
2. Retrato de Otávio — Óleo sobre tela, 1947 — 33 x 41.
3. Retrato de Helena — Óleo sobre tela, 1947. 35 x 50.
4. Paisagem — Óleo sobre tela, 1948. 40 x 32.
5. Natureza morta — Óleo sobre tela, 1948. 48 x 46.
6. Composição — Óleo sobre tela, 1950. 50 x 35.
7. Ritmos sucessivos — Esmalte sobre madeira, 1952 — 55 x 40. Col. Vicente Martins Jr.
8. Movimentos Coordenados — Esmalte sobre madeira, 1952. 55 x 40. Col. Orlando Gaiarsa.
9. Concreção 5629 — Óleo sobre alumínio, 1956. 80 x 60. Acervo do Museu de Arte Contemporânea da USP.
10. Concreção 6047 — Óleo sobre madeira, 1960. 80 x 80. Col. Fausto Motta.
11. Concreção 6048 — Óleo sobre tela, 1960. 60 x 120.
12. Concreção 6050 — Óleo sobre tela, 1960. 60 x 120.
13. Concreção 6052 — Óleo sobre madeira, 1960. 60 x 120.
14. Concreção 6258 — Alumínio polido, 1960. 45 x 45. Col. J. Katinsky.

DESENHOS

15. Nu — Nanquim, 1944. 36 x 24.
16. Soldados em descanso — Nanquim, 1945. 31 x 22.
17. Soldado Irineu, FEB, Rio — Nanquim, 1945. 22 x 31.
18. Figura dormindo II — Nanquim, 1947. 24 x 36.
19. Figura — Carvão com cola, 1947 — 31 x 46.
20. Figura — Sépia com cola, 1947. 31 x 46.
21. Figura — Gravura em madeira, 1947. 31 x 44.
22. Auto retrato — Gravura em madeira, 1950. 24 x 24.
23. Figura — Nanquim, 1950. 31 x 46.
24. Figura — Nanquim, 1950. 31 x 46.

ESCULTURAS

25. Concreção 6043 — Alumínio, 1960. 114 x 36.
26. Concreção 6044 — Latão, 1960. 45 x 45.
27. Concreção 6045 — Ferro, 1960. 90 x 30.
28. Concreção 6145 — Alumínio, 1961. 30 x 30.
29. Concreção 6146 — Alumínio, 1961. 50 x 50.
30. Concreção 3165 — Ferro, 1965. 147.



PAULO CHAVES

"Maravilhas há muitas, mas nenhuma como o homem" (Sófocles)

A história da arte nos mostra que todos os movimentos que se têm sucedido através do tempo, levam a uma conceituação mais pura de nossa existência, constituindo num encadeamento de vivências uma verdadeira síntese da vida. Huyghe disse que o mundo quimérico que os artistas nos propõem é como a projeção visível do invisível que levam em si. Vivendo plenamente, o artista choca-se com o mundo, e, ao mesmo tempo, aprende a conhecê-lo. Aqui, a razão da necessidade de uma constante renovação, com base na própria vida do homem. É necessário que o impulso de criar seja sempre alimentado pelo humano que nos rodeia.

A obra de Paulo Chaves está em todos nós, onde quer que nos encontremos. Não tem necessidade de nenhum "ismo", despojada como está de todo o convencional e de todo o gratuito; é mais obra do espírito e por isso não está comprometida com movimentos estéticos; é clara e pura, como clara e pura é a água de uma fonte.

Vejo aqui, precisamente, a origem da ordem em uma obra de arte que tanto me encanta. O artista não faz concessões no sentido de que sua arte esteja na moda; ao contrário, adiantou-se, de maneira a fazê-la permanentemente viva.

Este equilíbrio é feito de mistério.

O mistério das antigas civilizações, dos signos que representam o sagrado.

Na obra de Paulo Chaves, repleta de signos, encontramos esse hierografismo que domina quase todo o seu trabalho e que, para nós, se afigura como sentido puro de vida; estes círculos concêntricos não são símbolos que representavam nas antigas civilizações uma alegoria da vida, figurada pelo Sol?

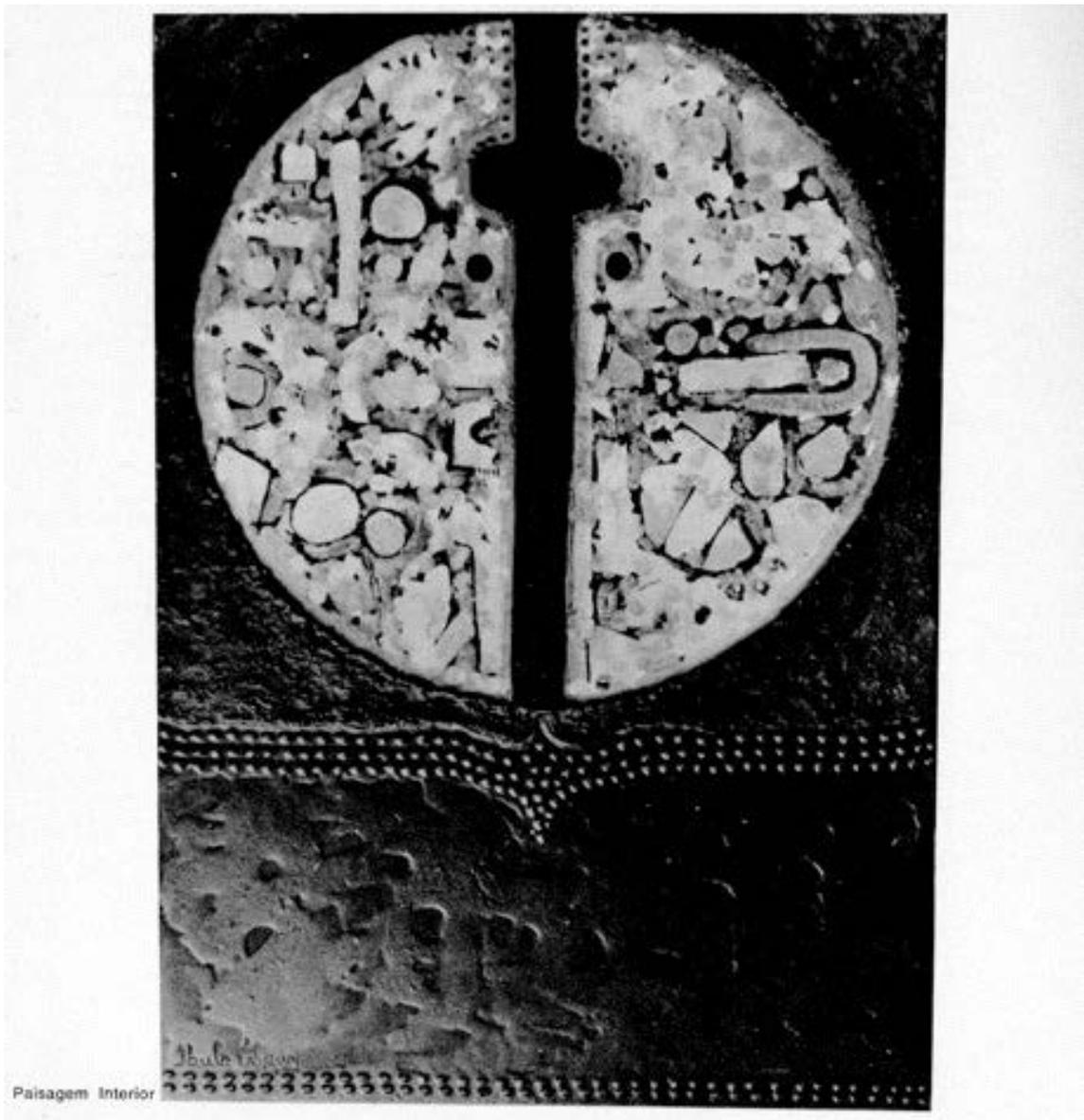
Quisera ter o privilégio desta pureza, para melhor interpretar a obra de Chaves. Muita coisa da filosofia do homem e da expressividade de sua arte, seguramente buscaríamos no mistério de sua infância. Esta infância contemplativa de um ser maravilhado com as coisas que o cercavam, com a paisagem dentro da qual vivia, verdadeiro poema de formas concretas e puras, puras como o ar de terra virgem.

A cor em seus quadros não é só pintura, senão bem mais milagre de pintura, algo suave que se desprende das formas.

Quisera, também, poder intensamente viver este mistério de sua obra.

Que la lune brille
sur toi, cher ami,
en ta promenade
solitaire.

Francesc Domingo



PAULO CHAVES

Expôs pela primeira vez em 1947, em Santo André, e figurou nos cinco Salões realizados nesta cidade, de 1953 a 1957. Foi um dos fundadores da Sociedade de Belas Artes de Santo André e da Escola de Belas Artes, que dirigiu no biênio 1958-1959.

1950 — Participou de exposição em Curitiba-Paraná.
1954 — Realizou viagem de estudos à Europa, tendo feito cursos de arte em Paris.

1959 — Pela primeira vez expôs individualmente em São Paulo, na Galeria das Fôlhas, bem como participou da importante exposição inaugural da Galeria São Luiz.

1960 — Exposição no Teatro Bela Vista e participação na mostra do Prêmio Leirner.

1961 — Exposição "A Natureza morta na Pintura Moderna" na Galeria IBEU, do Rio. Mostras coletivas no Club dos Artistas (SP) e no Museu de Arte Moderna de Curitiba.

1964 — Exposição individual na Galeria La Roche e participação em mostra no Museu de Arte Moderna do Rio. Sob o patrocínio do Itamarati, viajou para os Estados Unidos, onde permaneceu cinco meses e realizou, com absoluto sucesso, duas exposições individuais. Pronunciou palestra sobre arte na Universidade de Nova York.

1965 — Participou da exposição do acervo da Galeria Sudamericana, em Nova York; na Faculdade de Filosofia de Bauriú, e em Santo André, na mostra "Coleções - Andreenses de Arte Contemporânea".

1966 — Realizou duas exposições individuais: na Biblioteca Municipal de Santo André, comemorativa de seus vinte anos de pintura; e outra na Galeria Meira, de Copacabana. Exposição conjunta na Zegri Gallery, de Nova York.

1967 — Mostra individual na Galeria F. Domingo (SP) e conjunta na Galeria Syra, de Barcelona. Exposição inaugural da Galeria do Hotel Glória, no Rio.

1968 — Exposição do Grupo Bisonte. Coletiva na Galeria KLM. Viagem à Inglaterra, Espanha, França, Itália e Suíça.

De 1956 para cá tem participado do Salão Paulista de Arte Moderna, do Salão Nacional de Arte Moderna, da Bienal de São Paulo, dos Salões de Santos, Campinas, Santo André, São Bernardo e São Caetano do Sul.

Fêz parte de Juris de Premiação e Seleção em São Paulo, Santos, Santo André, São Bernardo e São Caetano.

É membro efetivo da Associação Internacional de Artes Plásticas da UNESCO.

Tem obras no Museu de Arte Moderna de São Paulo, no Museu de Arte Brasileira e no Museu de Arte Moderna de Campinas.

Recebeu os seguintes prêmios:

Grande Medalha de Ouro no Salão Paulista de Arte Moderna.

Grande Medalha de Ouro no Salão de Santos.

1.º Prêmio "Prefeitura Municipal de Santo André", além de outros prêmios menores.

PAULO CHAVES

Obras expostas

1. Geografia do Mito. Tinta acrílica sobre duratex, 1967. 85 x 120.
2. Paisagem interior I. Idem, 1967, 85 x 120.
3. Rond Point I. Idem, 1967, 85 x 120.
4. Paisagem perdida I. Idem, 1967, 120 x 85.
5. Paisagem perdida II. Idem, 1967, 52 x 70.
6. Paisagem interior II. Idem, 1966, 73 x 60.
7. Outono. Idem, 1966, 60 x 73.
8. Ara. Idem, 1967, 60 x 73.
9. Rond Point II. Idem, 1967, 60 x 73.
10. Concentração. Idem, 1967, 73 x 60.
11. Passagem das Horas I. Idem, 1967, 73 x 50.
12. Passagem das Horas II. Idem, 1967, 73 x 50.
13. Passagem das Horas III. Idem, 1968, 60 x 73.
14. Noturno. Idem, 1967, 60 x 73.
15. Formação. Idem, 1968, 54 x 64.
16. Tempo de terra. Idem 1968, 50 x 80.
17. Da Série Os Vigilantes. Idem, 1966, 63 x 53.
18. Da Série Os Vigilantes. Idem, 1966, 63 x 53.
19. Ícarus. Idem, 1967, 85 x 120.
20. Pax. Idem, 1967, 85 x 120.
21. Gênese I. Idem, 1968, 73 x 63.
22. Paisagem remota. Idem, 1968, 60 x 73.
23. Estandarte. Idem, 1967, 60 x 73.
24. Gênese II. Idem, 1968, 60 x 49.
25. Ancestral. Idem 1967, 52 x 70.
26. Paisagem perdida III. Idem, 1967, 52 x 70.
27. Paisagem Interior III. Idem, 1967, 85 x 120.
28. Opus I. Idem, 1968, 39 x 43.
29. Opus II. Idem, 1968, 39 x 43.
30. Opus III. Idem, 1968, 39 x 43.

RELAÇÃO DOS TRABALHOS EXPOSTOS

PREMIADOS

Prêmio de Artes Plásticas
"Cidade de Santo André"

EX AEQUO
ARNALDO FERRARI
HUMBERTO AUGUSTO M. ESPINDOLA

Grande Medalha
"Cidade de Santo André"

YUTAKA TOYOTA

Prêmio "Prefeitura Municipal
de Santo André"

EX AEQUO
HANS SULIMAN GRUDZINSKI
SINVAL CORRÊA SOARES

Medalha "Salão de Arte
Contemporânea de Santo André"

ARACY R. MONTEIRO ZANOTTI
ARMANDO M. SENDIN
CHEEN KONG FANG
MARISELDA BUMAJNY
MARY YOSHIMOTO
RUBEM REY

Prêmio "Pollone S.A. - Ind. e
Comércio"

BENEDITO CENTOFANTI PRADO

Prêmio "Banco Comercial do
Estado de S. Paulo"

PAULO MENTEN

Prêmio "Atlantis Brasil"

ALUIZIO DOMINGOS DOS SANTOS

PINTURA

ALDIR MENDES DE SOUZA

Rua Paes de Andrade, 709 — São Paulo
S.P. — BRASIL
S.P. 4.ª DIMENSÃO
CAFEZAL — S.P.

ALUIZIO DOMINGOS DOS SANTOS

Rua Sílvia, 1718 — São Caetano do Sul

REGRESSO

REGRESSO

ANTÔNIO DA CRUZ RECACHO

Rua Lôbo, 22 — V. Sta. Izabel — São Paulo

ABSTRAÇÃO I

ABSTRAÇÃO II

ABSTRAÇÃO III

ARMANDO SENDIN

Rua Enguaguapu, 85 — Santos

PLANOS IMAGINÁRIOS

EVOCAÇÃO MITOLÓGICA

MOMENTO DE ETERNIDADE

ARNALDO FERRARI

Rua Quintino Bocaiuva, 176 — São Paulo

CONSTRUÇÃO n.º I

CONSTRUÇÃO n.º II

CONSTRUÇÃO n.º III

BELLA GOLZER

Alameda Barão de Limeira, 1480 — São Paulo

ESTUDO DE DOBRAS DE TECIDO

BENEDITO CENTOFANTI PRADO

Rua Campo Grande, 355 — Santo André

COMPOSIÇÃO I

COMPOSIÇÃO II

COMPOSIÇÃO III

BORIS ARRIVABENE

Rua Brigadeiro Araujo, 115 — São Paulo

MATERNIDADE

A MORTE DO GIRASSOL

CAUWEL HENRIETTE

Faculdade de Medicina — Ribeirão Preto

COMPOSIÇÃO n.º 1

COMPOSIÇÃO n.º 3

CHEEN KONG FANG

Rua Rodésia, 206 — São Paulo

COMPOSIÇÃO I

COMPOSIÇÃO II

COMPOSIÇÃO III

CIRO QUEIROS FASCETTI

Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 167 — apto. 82 —

São Paulo

MOMENTO I

MOMENTO II

MOMENTO III

DINO IPPOLITO

Rua Tagipuru, 107 — apto. 6 — São Paulo

GALAXIA

CONFLITO

DUILIO JULIEL GALLI

Rua Paula Souza, 471 — s/ 36 - 3.º andar —

São Paulo

TAMBA-TAJÁ

O BANHO

EUNIBALDO TINOCO DE SOUZA

Rua Paim, 235-A — apto. 1323 — São Paulo

MOVIMENTO GRÁFICO I

MOVIMENTO GRÁFICO II

MOVIMENTO GRÁFICO III

FLÁVIA LÚCIA FAGUNDES ARRIGUCCI

Rua Tamandaré, 525 — 5.º andar — apto. 62 —

São Paulo

LÂMINA AV — 100 X

LÂMINA AV — 579 X

LÂMINA AV — 81 X

HUMBERTO AUGUSTO MIRANDA

ESPINDOLA

Rua Vasconcelos Fernandes, 8 — Campo Grande

Mato Grosso

DIALÉTICA DA MACUMBA I

DIALÉTICA DA MACUMBA II

DIALÉTICA DA MACUMBA III

JOAL DE CASTRO REIS

Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 269 — São Paulo

SOLIDÃO

JOÃO PARISI FILHO

Rua Gabriel Monteiro da Silva, 453 — São Paulo

MANDRAK

ESTRADA

CAPITÃO AMÉRICA

JOSÉ BELCHIOR DA FONSECA

Av. Paulicéia, 50 — Apto. 4 — São Paulo

VIDA E MORTE

PASSAROS EM AMORES

LOURDES THEREZINHA SILVA

DE AMORIM CEDRAN

Rua Visconde de Ouro Preto, 74 — São Paulo

EROS

VIDA

MÁSCARA FATAL

LUIZ ANTONIO BULLER SOUTO

Rua 1.º de Maio, 67 — Santo André

EMIGRANTES DO ESPAÇO

NASCIMENTO NO ESPAÇO

TRANSFIGURAÇÃO DA TERRA NO ANO 2000

LUIZ WALTER FRACCARI

Rua Padre Belchior de Pontes, 6 — Embú — S.P.

SERENATA / CENA DE RUA / PROCISSÃO

MARIA AUXILIADORA SILVA

Rua Mendonça Junior, 136 — (B. Ipirin) São Paulo

A COLHEITA DE CANA

CANDOMBLÉ

MARIA DO CARMO GOMES LORENZINI

Rua João Pessoa, 398 — São Caetano do Sul

ASSIM CAMINHA A MEDICINA

MARIA TERESA RODRIGUES ALVES

Rua Henrique Schaumann, 109 — São Paulo

MUNDOS SIMULTÂNEOS

KRONOS

BIOCOSMOS n.º 2

MARISELDA BUMAJNY

Alameda Franca, 1033 — São Paulo

MOVIMENTO ALFA

MOVIMENTO BETA

MOVIMENTO GAMA

MARIO LUIZ PAULUCCI

Rua Visconde do Rio Branco, 158 — Taubaté —

São Paulo

VIBRAÇÃO ONDULATÓRIA n.º 15

VIBRAÇÃO ONDULATÓRIA n.º 14

MAURÍCIO JOÃO DIAS GARCIA

Rua Araguaia, 36 — Curuçá — Santo André

O PALITEIRO

O SAPATO VELHO

MILTON FERRAZ TORRES

Rua Ramiz Galvão, 64 — São Paulo

PINTURA I

PINTURA II

PINTURA III

PAULO MENTEN

Rua Feital, 536 — São Paulo

FACHADA

FACHADA

FACHADA

RENÉ MARTIAL RAGI

Rua Vitória Régia, 650 — Santo André

A CONQUISTA DO ESPAÇO

A ROSA

O IMPACTO

ROBERTO BLANCO

Rua Senador Flaquer, 1000 — Santo André

CAPOEIRA

ROMEO DE GRAÇA

Av. Vicente de Carvalho, 22 — apto. 402 — Santos

RETALHOS DA VIDA

VALE DAS ROSAS

AS COSTAS DO SOL

ROSA MARIA DA SILVA FERREIRA

Rua Goitacazes, 407 — 6.º - apto. 64 —

São Caetano do Sul

IZILDA

SERGIO BENEDETTI

Rua Dr. Julio Prestes, 20 — P. Imperial — São Paulo

PAISAGEM COLONIAL

PAISAGEM COLONIAL

PAISAGEM COLONIAL

SINVAL CORREA SOARES

Rua Antonio Martorelli, n.º 1 — São Caetano do Sul

COESÃO

COESÃO

COESÃO

DESENHO

ADERBAL SILVA MOURA

Av. D. Pedro I, 52 — Santo André
AVE SEXU DUPLO I
AVE SEXU DUPLO II
AVE SEXU DUPLO III

ARMANDO M. SENDIN

Rua Enguaguaguã, 85 — Santos
HERMETISMO
DIMENSÃO IMPOSSIVEL
CALEIDOSCÓPIO

BENEDITO CENTOFANTI PRADO

Rua Campo Grande, 355 — Santo André
A FUGA
A ESPERA
A NOIVA

CASSIANO PEREIRA NUNES

Rua Vilela, 172 — São Paulo

A

C

G

NELSON CARLOS DE GODOY COSTA

Rua Almirante Barroso, 313 — Brás — São Paulo
FARINHA DE TRIGO CRUA

A NOSSA VIDA

POR CONSTRUIR

PEDRO ALVARES CABRAL CAMPOS

Av. Queiroz dos Santos, 1867 — Santo André

I

II

III

RUBENS HAZON COURA

Rua Lídia Coelho, 3 — B. Santana — São Paulo

IMPÉRIO SUBMARINO

A CARTOMANTE

FIM DE BATALHA

YUTAYA TOKOTA

Rua Ferreira de Araujo, 818 — São Paulo

ESPAÇO X

ESPAÇO X2

ESPAÇO X3

GRAVURA

HANS SULIMAN GRUDZINSKI

Rua Campinas, 178 — Mauá — S.P.

A MÃE

OS LENHADORES

MAQUINAS E LUZ

MASSAYOSI OGASAWARA

Rua das Garjeiras, 271 — São Paulo

O ENTARDECER

LABOR

SONHO ALEGRE

PAULO MENTEN

Rua Feital, 536 — São Paulo

SÉRIE CARTÕES BAIANOS

SÉRIE CARTÕES BAIANOS

POVO CANTANDO

ESCULTURA

ERNESTINA SANNA KARMAN

Rua Piracama, 1 — São Paulo

ROSACEA DE FERRO

LOGOTIPO

TRIANGULO VASADO

ISMAEL ASSUMPÇÃO

Rua Tonga, 23 — Santo André

RADAR 1

RADAR 2

RADAR 3

JOSÉ RIBEIRO

Rua Onze — Quadra 24 — Lote 5 — Guarujá

FRANCISCANO

ESCRAVOS CARREGANDO PEDRA

CONJUNTO DE RELIGIOSOS

LOURDES THEREZINHA SILVA DE

AMORIN CEDRAN

Rua Visconde de Ouro Preto, 74 — São Paulo

CORTIÇO I

CORTIÇO II e III

MARY YOSHIMOTO

Av. Bosque da Saúde, 561 — São Paulo

ESCULTURA I

ESCULTURA II

ESCULTURA III

MARIO LUIZ PAULUCCI

Rua Visconde do Rio Branco, 158 — Taubaté - S.P.

TOTEM

RUBEM REY

Rua Frei Caneca, 58 — São Paulo

HYDRA I

HYDRA II

TÉCNICA MISTA

ANTONIO CARLOS FAVORETTO

Rua Campos Sales, 229 — apto. 31 —
Santo André

MUNDO FUTUROS SOB AUTO-HIPNOSE I
MUNDOS FUTUROS SOB AUTO-HIPNOSE II

ANTONIO DA COSTA BARROS

Rua Condessa de São Joaquim, 323 — São Paulo
FUGA

BEATRIZ ROTA ROSSI

Rua Brigadeiro Gavião Peixoto, 439 — São Paulo

SAGRADA FAMÍLIA

MARIA GANHOU UM NENEN

AS MARIAS

CLAUDIO FELDMAN

Rua Maria do Carmo, 153 — Santo André
I.N.R.I.

DOUGLAS SIQUEIRA

Rua Mataripe, 672 — São Paulo

METAMORFOSE FASE 2

METAFORMOSE FASE 3

IDERIHA YOZO

Rua Ada Mortari, 74 — Ribeirão Pires

CATEDRAL DA APARECIDA DO NORTE

JOAL DE CASTRO REIS

Av. Brigadeiro Luiz Antonio, 269 — São Paulo

O OLHAR

LUIZ CARLOS ROJO ROSSETTO

Rua Loeftgren, 2024 — São Paulo

COMPOSIÇÃO A

COMPOSIÇÃO B

MARGARETE TROJE

Rua Visconde de Ouro Preto, 183 — São Paulo

DIVERTIMENTO I

DIVERTIMENTO II

DIVERTIMENTO III

MARIA HELENA RAMOS BONONI

Rua Coronel Melo Oliveira, 697 — São Paulo

OBJETO I

OBJETO II

PAVEL KUDIS

Rua Santo Amaro, 580 — apto. 61 — São Paulo

COMPOSIÇÃO B

COMPOSIÇÃO C

SERGIO BENEDETTI

Rua Dr. Júlio Prestes, 20 — P. Imperial —

São Paulo

GALO COLONIAL

GALO COLONIAL

ARTE DECORATIVA

ARACY R. MONTEIRO ZANOTTI

Rua Pe. Vieira, 269 — Santo André

BALÕES I

BALÕES II

BALÕES III

CLEOPATRA VERBITSHEVA

TSCHEBUTSCHENKO

Rua Felício Pedroso, 356 — Santo André

EUFORIA

CONTRASTE

BENEDITO JOSÉ DE MORAES

Granja Primavera, — C.P. 81 — Guaraci — S.P.

MONUMENTO

PLATYCERIUS

VASO DE ORINDIÚVA

IRENE DE CAMARGO NEVES

Rua Batataes, 333 — apto. 12 — São Paulo

EXPLOSAO ATÔMICA

PSICODÉLICO

PÓEIRA ATÔMICA

JEAN LOUIS PIERRE BLANC

Rua Giacomio Sortino, 130 — Ribeirão Pires

PÁSSAROS

VELEIRO

ECLIPSE

KATHARINA ANGELIKA ALTMANN

Rua Ibsen da Costa Manso, 247 — São Paulo

MORINGA

MORINGA

GARRAFA

ARQUITETURA

HORS CONCOURS

LUIZ ROBERTO CARVALHO FRANCO
ROBERTO CERQUEIRA CESAR
Rua Bento Freitas, 306 - 7.º - sj 72

Pranchas e Maquete da Faculdade de
Medicina da Fundação Universitária do ABC

Fotograficas do edificio sede do
Banco Federal Itaú Sul Americano

JORGE OLAVO DOS SANTOS BONFIM
NELSON ANTONIO BATISTUCCI
ROBERTO MONTEIRO
RODOLPHO MANSUETO DINI
WALTER CAPRERA
Rua Quirino de Andrade, 193 - 9.º andar - conj. 91 - São Paulo

Pranchas e Maquete do Forum da
Comarca de Santo André



ANEXO 6 – Reprodução do Catálogo do I Salão de Arte Contemporânea de Santo André

Henry Vitor

1968

Digitalização de Douglas Negrissolli

Jornal do Brasil - 18 set 1968

A Comissão analisou quinze projetos.

Escolhido cartaz do I Salão de Arte

Visando a melhor divulgação do I Salão de Arte Contemporânea de Santo André, a Comissão Organizadora solicitou a duas agências de propaganda da capital e a uma de Santo André, modelos para o cartaz oficial do Salão. Na sexta-feira, reunida na Escola de Belas Artes, um total de quinze projetos foi examinado pela Comissão, sendo escolhido um dos produzidos pela HJR Propaganda. Trata-se de um cartaz de grande impacto visual e de concepção

muito significativa das diversas tendências da arte contemporânea.

INSCRIÇÕES

Permanecem ainda abertas as inscrições para o Salão, com encerramento marcado para o fim de setembro, quando a comissão de seleção e premiação iniciará os seus trabalhos. O grande prêmio terá a dotação de três mil cruzeiros novos, além de um prêmio de mil cruzeiros novos para o melhor artista da região. As obras poderão ser entregues na sede da SCASA, antigo Cine Santo André.

ANEXO 7 – Escolhido cartaz do I Salão de Arte. JORNAL DO BRASIL, 18 de setembro de 1968

PANORAMA W. Ayala

DAS ARTES

SALÃO DE SANTO ANDRÉ — Mais um salão divulgando regulamento. Desta vez o Salão de Arte Contemporânea de Santo André, que será realizado em novembro como parte do programa de inauguração do Centro Cívico da Cidade. Para participar do Salão é necessário ser brasileiro ou residir no mínimo há dois anos no país. Apresentar à seção de Difusão Cultural da Secretaria de Educação e Cultura de Santo André (São Paulo), de 2 de setembro a 1.º de outubro, as fichas de inscrição juntamente com as obras, devidamente emolduradas. O artista deverá apresentar três obras em cada modalidade em que concorrer. O artista deverá encarregar-se das despesas de embalagem e do transporte na entrega e na devolução dos trabalhos e retirar os trabalhos expostos até 30 dias após o encerramento do Salão. O corpo de julgadores para seleção e premiação será composto de cinco membros, assim distribuídos: dois convidados pela Secretaria de Educação e Cultura, o terceiro será escolhido pelo Conselho Municipal de Cultura e os dois restantes através de votação feita pelos artistas expositores, que já tinham figurado em outras mostras oficiais de arte. Os trabalhos da comissão deverão ser divididos em três etapas: eleição do presidente, seleção dos trabalhos, premiação.

PRÊMIOS

O prêmio de Artes Plásticas Cidade de Santo André, terá a importância de 3 000 cruzeiros novos, e poderá recair sobre trabalhos de qualquer das modalidades. Os restantes prêmios, constando de medalhas, estão sujeitos ao mesmo critério.

Observações: é incompreensível que os artistas, em torno dos quais os salões são organizados, e sem os quais os salões não poderiam ser organizados, via de regra, tenham direito a eleger uma minoria entre os membros do júri. Caberia aos artistas, pelo menos, a chance de votar em três membros do júri ao qual se submetirão. Outro item a ser renovado é o das medalhas. Medalhas, diplomas, menções honrosas são honras superadas e uma cidade como Santo André deveria angariar prêmios de aquisição, auxiliando os artistas e enriquecendo o acervo de sua Secretaria de Educação. Tome-se como modelo, neste sentido, o Salão de Arte Religiosa de Londrina, dando dois prêmios maiores em dinheiro para cada seção (Gravura, Pintura, Desenho e Escultura) e várias aquisições ao preço dos trabalhos premiados. Chega de medalhas!

Arnaldo Ferrari (São Paulo SP 1906 - idem 1974). Pintor, desenhista, professor. Seguindo a profissão do pai, trabalha como pintor decorador, realizando frisos decorativos para residências. Estuda artes decorativas no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, entre 1925 e 1935. Em 1934, divide um ateliê com amigos no edifício Santa Helena e, pela amizade com o pintor Mario Zanini (1907 - 1971), aproxima-se dos demais integrantes do Grupo Santa Helena. Como Alfredo Volpi (1896 - 1988), faz decorações para palacetes, dedicando-se à pintura esporadicamente. Frequenta também o curso livre de pintura e desenho na Escola Nacional de Belas Artes - Enba, onde tem aulas de desenho e pintura com Enrico Vio (1874 - 1960), entre 1936 e 1938. Sua produção inicial aproxima-se daquela dos pintores do Grupo Santa Helena em relação aos temas e realiza paisagens dos arredores de São Paulo, naturezas-mortas e nus. Entre 1950 e 1959, integra o Grupo Guanabara, com Thomaz (1932 - 2001), Tomie Ohtake (1913), Tikashi Fukushima (1920 - 2001) e Oswald de Andrade Filho (1914 - 1972), entre outros. Na metade da década de 1950, interessa-se pela obra do pintor uruguaio Joaquín Torres-García (1874 - 1949), e volta-se para a pintura abstrata e construtivista. É apresentada retrospectiva de sua obra em 1975, no Paço das Artes, em São Paulo, e catálogo com textos de Theon Spanudis (1915 - 1986), José Geraldo Vieira (1897 - 1977) e Mário Schenberg (1914 - 1990), entre outros. (ITAÚ CULTURAL, 2006)

ANEXO 9 – Biografia resumida de Arnaldo Ferrar

Humberto Augusto Miranda Espíndola (Campo Grande - MS 1943). Pintor e desenhista. Forma-se em jornalismo na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade Católica do Paraná, em 1965. No ano seguinte, organiza a Primeira Exposição dos Artistas Mato-Grossenses, em Campo Grande, onde funda, em 1967, a Associação Mato-Grossense de Arte. Volta-se a temáticas regionais e produz pinturas inspiradas na bovinocultura. Cria, em 1973, o Museu de Arte e Cultura Popular, ligado à Universidade Federal de Mato Grosso, em Cuiabá, dirigindo-o até 1982. Realiza mural para o Palácio Paiaguás, sede do governo estadual de Mato Grosso, em 1974. Em 1977, recebe o prêmio melhor do ano em pintura da Associação Paulista de Críticos de Arte - APCA. Em Campo Grande, é co-fundador do Centro de Cultura Referencial de Mato Grosso do Sul, em 1983, e realiza o Monumento à Cabeça de Boi, de ferro e aço, instalado na praça Cuiabá, em 1996. Apresenta mostra retrospectiva, em 2000, na Casa Andrade Muricy, em Curitiba, e, em 2002, no Museu de Arte Contemporânea, em Campo Grande, e no Museu de Arte e de Cultura Popular, em Cuiabá. (*ITAÚ CULTURAL, 2005*)

ANEXO 10 – Biografia resumida de Humberto A. M. Espíndola

Hans Suliman Grudzinski (Novi Vrbas, Iugoslávia, atual Sérvia 1921 - Mauá SP 1986). Gravador, desenhista, pintor e arquiteto. Forma-se arquiteto em 1940. Em 1947, transfere-se para o Brasil, fixando-se em Mauá, São Paulo. Entre 1954 e 1956, estuda pintura na Associação Paulista de Belas Artes, e em 1959 cursa artes gráficas, na Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP). No mesmo ano, é orientado pelo gravador Lívio Abramo (1903-1992) no Estúdio Gravura, em São Paulo, onde participa de uma coletiva em 1961. Em 1963, expõe na 1ª Bienal Americana de Gravura, em Santiago, Chile. Em 1966, é agraciado com medalha de ouro no 2º Salão de Arte Contemporânea de Campinas, no Museu de Arte Contemporânea José Pancetti (MACC). Obtém prêmio no Salão Paulista de Arte Moderna e participa da 9ª Bienal de São Paulo, em 1967. No ano seguinte, conquista medalha de prata em artes gráficas, no Salão de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul, São Paulo. Ganha prêmio Conselho Estadual de Cultura do 1º Salão Paulista de Arte Contemporânea, em 1969. Em 1970, é premiado pelo conjunto da obra no Salão de Arte Brasileira Religiosa de Londrina, Paraná. Em São Paulo, expõe em individuais nas galerias São Luís, em 1963 e 1965, e Documenta, em 1970, 1980 e 1983. Apresenta ainda trabalhos no Panorama de Arte Atual Brasileira, no Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM/SP), em várias ocasiões, entre 1969 e 1980, quando é premiado na 4ª Mostra Anual de Gravura, no Museu da Gravura, Curitiba, Paraná. Entre 1947 e 1967, trabalha em uma fábrica de porcelanas, em Mauá, São Paulo. (ITAÚ CULTURAL, 2010)

ANEXO 11 – Biografia resumida de Hans Suliman Grudzinski

Antonio Henrique Abreu Amaral (São Paulo SP 1935). Pintor, gravador e desenhista. Inicia sua formação artística na Escola do Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand - Masp, com Sambonet (1924 - 1995), em 1952. Em 1956, estuda gravura com Lívio Abramo (1903 - 1992) no Museu de Arte Moderna de São Paulo - MAM/SP. Em 1958, viaja para a Argentina e o Chile, onde realiza exposições e entra em contato com Pablo Neruda (1904 - 1973). Viaja para os Estados Unidos em 1959, estudando gravura no Pratt Graphics Center, em Nova York. Voltando ao Brasil em 1960, trabalha como assistente na Galeria Bonino, no Rio de Janeiro, e conhece Ivan Serpa (1923 - 1973), Candido Portinari (1903 - 1962), Antonio Bandeira (1922 - 1967), Djanira (1914 - 1979) e Oswaldo Goeldi (1895 - 1961). Paralelamente à carreira artística, atua como redator publicitário. No início da carreira realiza desenhos e gravuras que se aproximam do surrealismo. A partir da metade da década de 1960, sua produção passa a incorporar a temática social, elementos da gravura popular e da cultura de massa, aproximando-se também da arte pop. Em 1967, lança o álbum de xilogravuras coloridas *O Meu e o Seu*, com apresentação e texto de Ferreira Gullar (1930) e capa de Rubens Martins, em que apresenta uma crítica ao autoritarismo vigente no país. Passa a dedicar-se predominantemente à pintura. Recebe em 1971 o prêmio viagem ao exterior do Salão de Arte Moderna do Rio de Janeiro e viaja para Nova York. Retorna ao Brasil em 1981. (*ITAÚ CULTURAL, 2010*)

ANEXO 12 – Biografia resumida de Antonio Henrique Amaral

Hermelindo Fiaminghi (São Paulo SP 1920 - idem 2004). Pintor, desenhista, artista gráfico, litógrafo, publicitário, professor e crítico. Entre 1936 e 1941, frequenta o Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo, onde estuda com Lothar Charoux (1912 - 1987) e Waldemar da Costa (1904 - 1982). Dedicase à litografia, trabalhando nas principais indústrias gráficas de São Paulo. Em 1946, monta sua primeira empresa, o Graphstudio, atuando em produção gráfica. No começo da década de 1950, inicia trabalhos abstratos, em que revela a influência da arte construtiva. Colabora ainda com os poetas concretos na programação gráfica de seus poemas. Entre 1959 e 1966, frequenta o ateliê de Alfredo Volpi (1896 - 1988). Integra o Grupo Ruptura, liderado por Waldemar Cordeiro (1925 - 1973). Participa da criação do ateliê coletivo do Brás, onde desenvolve a série Virtuais, trabalhando ainda com esmalte sobre eucatex. No começo da década de 1960, o artista inicia trabalhos com têmpera e faz experiências com a cor. Passa a utilizar o termo Corluz para designar seus trabalhos, desenvolvendo pesquisas com retículas em offset. É co-fundador da Associação de Artes Visuais e da Galeria Novas Tendências, em São Paulo, criadas em 1963. Em 1969, funda o Ateliê Livre de Artes Plásticas, em São José dos Campos, São Paulo, no qual atua como diretor e professor. (ITAÚ CULTURAL, 2010)

ANEXO 13 – Biografia resumida de Hermelindo Fiaminghi

Lothar Charoux (Viena, Áustria 1912 - São Paulo SP 1987). Pintor, desenhista, professor. Inicia estudos artísticos com seu tio, o escultor austríaco Siegfried Charoux. Vem para o Brasil em 1928, e fixa-se em São Paulo. Na década de 1930, matricula-se no Liceu de Artes e Ofícios de São Paulo - Laosp, onde conhece Waldemar da Costa (1904 - 1982), com quem, a partir de 1940, estuda pintura. Pinta paisagens e retratos. Posteriormente passa a lecionar desenho no Liceu de Artes e Ofícios e no Senai. Em 1947, realiza sua primeira exposição individual, na Galeria Itapetininga. A partir de 1948, Charoux volta-se a questões construtivas. Em 1952, participa da fundação do Grupo Ruptura, ao lado de Waldemar Cordeiro (1925 - 1973), Geraldo de Barros (1923 - 1998), Anatol Wladyslaw (1913 - 2004) e outros. Com Hermelindo Fiaminghi (1920 - 2004) e Luiz Sacilotto (1924 - 2003), cria a Associação de Artes Visuais NT - Novas Tendências, em 1963. É homenageado com retrospectiva no Museu de Arte Moderna de São Paulo - MAM/SP e no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - MAM/RJ em 1974. Em 2005, é publicado o livro *Lothar Charoux: A Poética da Linha*, pela historiadora de arte Maria Alice Milliet. (*ITAÚ CULTURAL, 2007*)

Maria Auxiliadora da Silva (Campo Belo MG 1938 - São Paulo SP 1974). Pintora. É autodidata em artes plásticas e inicia sua produção artística por volta de 1954. Em 1968, liga-se ao grupo de Solano Trindade em Embu, São Paulo, e realiza sua primeira mostra individual. Postumamente, a obra da artista é enfocada no livro *Mitopoética de 9 Artistas Brasileiros*, de Lélia Coelho Frota. (ITAÚ CULTURAL, 2009)

ANEXO 15 – Biografia resumida de Maria Auxiliadora

Armando Moral Sendin (Rio de Janeiro RJ 1928). Pintor, ceramista, escultor, desenhista, gravador e professor. Dedicou boa parte de sua vida a estudos: cursou a Escola de Belas Artes de Priego na Espanha (por volta de 1940); filosofia na Universidade de São Paulo (1945 a 1949); especialização em estética, com Bogumil Jasnowsky, na Universidade do Chile (1950); e, como bolsista do governo francês, estética na Sorbonne, com mestre Souriau (1950 a 1953). Durante suas viagens, trabalhou com Gensoli na Manufatura Nacional de Sevres, França, e desenvolveu pesquisas com o ceramista Zuloaga e técnicas de cerâmica de origem oriental com Guardiola e com Gonzalez-Marti, na Espanha. Entre 1954 e 1964, deu cursos de pintura, cerâmica, escultura e desenho em seu estúdio, em São Paulo. Nessa mesma cidade, realizou sua primeira mostra individual, no Clube dos Artistas em 1960. Em 1965, publicou um livro didático intitulado *Cerâmica Artística*. Na década de 80, recebeu o Prêmio Ribeiro Couto como destaque do ano em Artes Plásticas (1982). (ITAÚ CULTURAL, 2005)

ANEXO 16 – Biografia Resumida de Armando Moral Sendim



ANEXO 17 – Reprodução do Catálogo do II Salão de Arte Contemporânea de Santo André

Walter Caprera

1969

Digitalização de Douglas Negrissolli

Comissão Julgadora

Enock Fernandes Sacramento
Presidente

José Armando Pereira da Silva

Lizetta Levi

Mário Schenberg

Paulo Chaves



Sala Especial
HANS SULIMAN-
-GRUDZINSKI

José Geraldo Vieira :

... há que fazer referência à ampla qualidade estética obtida. Trata-se de uma qualidade que, nada tendo de influxos dum Tobey ou Villon, se caracteriza por uma classe *sui generis* de motivos sugeridos. Então se verifica que sua arte não está a serviço exclusivo da técnica, e sim que essa técnica é ancila de uma conceituação estética de beleza. Aliás, uma beleza distante do mero hedonismo, e bem próxima de uma participação sensível. De modo que as duas prerrogativas, a técnica e a estética, situam Grudzinski entre nossos melhores gravadores. (Fôlha de S. Paulo, 1963).

Se como "artesão" Hans Grudzinski se mostra à altura dos nossos melhores gravadores, como especialista em metal éle porém se torna quase uma exceção. A riqueza do seu trabalho está nos tons negros e sensíveis, de teor arcaizante, na linha tradicional dos manipuladores flamengos quanto à técnica e à sensibilidade. (Fôlha de S. Paulo, 1965).

Paulo Mendes de Almeida :

... se trata de um dos gravadores mais valiosos, de maior importância no País. (A Gazeta, 1968).

Enock Sacramento :

Grudzinski realiza uma obra sólida, profunda e cheia de poesia, que recusa a moda para situar-se num plano mais resistente e intemporal. A adequação entre forma e conteúdo é um dos pontos altos de sua gravura. (Diário do Grande ABC, 1969).



A Noiva Vai à Cidade

HANS SULIMAN - GRUDZINSKI

Nasceu em Batschka, Iugoslávia, em 1921. Brasileiro naturalizado. Formado em Arquitetura na Europa.

onde cursou ainda o artesanato. Ocupou-se com pintura desde os 16 anos, como autodidata.

No Brasil, especializou-se em pintura com João Rossi; em litografia com Hedwing Ziegler e em gravura em metal com Lívio Abramo.

É membro fundador do NUGRASP - Núcleo dos Gravadores de São Paulo.

Reside na Rua Campinas, 178, Mauá, SP.

- 1961 - Exposição Coletiva do Estúdio Gravura, São Paulo.
- 1963 - XII Salão Paulista de Arte Moderna. Prêmio Aquisição.
 - Exposição Individual na Galeria São Luis, São Paulo.
 - "Arte das Américas e Espanha", Madrid e Barcelona.
 - I Bienal Americana de Gravura do Chile.
 - Exposição Coletiva em Filadélfia, EUA.
 - Exposição Coletiva em Hillsboro, Maryland, EUA.
- 1964 - XIII Salão Paulista de Arte Moderna.
 - Grupo "Seis Gravadores" na Galeria Atrium, São Paulo.
- 1965 - Exposição Individual na Galeria São Luis, São Paulo.
- 1966 - Exposição Coletiva em Hillsboro, Maryland, EUA.
 - XV Salão Paulista de Arte Moderna. Prêmio Aquisição.
 - Grupo "Gravadores de São Paulo" na Galeria 4 Planetas, São Paulo.
- IX Salão de Arte de São Bernardo do Campo. Medalha de Prata.
- II Salão de Arte Religiosa Brasileira, Curitiba. Menção Honrosa.
- Salão Municipal de Artes Plásticas de Santo André. 2.º Prêmio.
- II Salão de Arte Contemporânea de Campinas. Grande Medalha de Ouro.
- XXIII Salão Paranaense de Belas Artes, Curitiba.
- XXI Salão Municipal de Belas Artes, Belo Horizonte. 3.º Prêmio.
- 1967 - XVI Salão Paulista de Arte Moderna, São Paulo.
 - X Salão Oficial de Arte Moderna de Santos.
 - IX Bienal de São Paulo.
 - I Salão de Arte Contemporânea de São Caetano do Sul.
 - III Salão de Arte Religiosa Brasileira, Curitiba.
 - "Exposição Internacional de Gravura", Biela, Itália.
 - I Bienal de Quito, Equador.
- 1968 - XVII Salão Paulista de Arte Moderna. 2.º Prêmio Governador do Estado.
 - IV Salão de Arte Religiosa Brasileira, Curitiba.
 - "Panorama da Arte Atual Brasileira", Museu de Arte Moderna, São Paulo.
 - Salão Nacional de Pintura Jovem, Hotel Quitandinha, Petrópolis.
 - "12 Gravadores", na Associação Brasileira "A Hebraica", São Paulo.
 - "Exposição Internacional de Gravuras", Fundação Armando Alvares Penteado, São Paulo.

- "24 Gravadores Brasileiros",
La Pampa, Argentina.

- "Aspectos da Gravura Brasileira",
Museu de Arte Contemporânea da
Universidade de São Paulo.

- I Salão de Arte Contemporânea de Santo
André. Prêmio Aquisição Câmara Municipal.

1969 - "Arte Brasileira Contemporânea",
Tel-Aviv, Israel.

- III Salão de Ouro Preto, Minas Gerais.

Possui obras na Pinacoteca do Estado de São Paulo,
Museu de Arte Contemporânea da U.S.P.,
Museu de Arte de Campinas, Museu de Arte de
Belo Horizonte, Museu de Arte de São José do
Rio Preto, Museu de Arte de Madrid e em coleções
particulares do Brasil e exterior.

Gravuras Expostas

- 1 - Cidade à Noite
- 2 - Três Figuras Femininas
- 3 - Duas Moças
- 4 - A Noiva Vai à Cidade
- 5 - Despedida
- 6 - Vultos Noturnos I
- 7 - Vultos Noturnos II
- 8 - Mulheres Conversando
- 9 - Mulher e Filho
- 10 - Abandono da Terra
- 11 - Mulher Com Medalhão
- 12 - Domingo à Tarde
- 13 - Grupo Humano III
- 14 - Penteando-se
- 15 - À Frente do Espelho
- 16 - Solidão
- 17 - Galos II
Galos III

- 18 - Dom Quixote
- 19 - Os Papagaios
- 20 - A Mãe
- 21 - Máquina-Flor e Gente
- 22 - Máquinas e Luz
- 23 - Luz Verde de Todos
- 24 - Os Músicos
- 25 - Samba Desceu
- 26 - Festa Junina
- 27 - Paz no Bairro dos Passarinhos
- 28 - Os Namorados
- 29 - Última Ceia I
- 30 - Última Ceia II
- 31 - Última Ceia IV
- 32 - Última Ceia VII
- 33 - Descida da Cruz I
- 34 - Descida da Cruz II
- 35 - Descida da Cruz III

PREMIADOS

Prêmio Cidade de Santo André

Antonio Henrique Amaral
Antonio Vitor da Silva
Armando M. Sendin
Clélia Cotrin
Edíria Carneiro
Estela Alicia Rossi
Hermelindo Fiaminghi
Lothar Charoux
Luiz Figuerero
Maria Auxiliadora da Silva
Mariana Reif
Odila Mestriner
Regis Machado Silva
Yukio Suzuki

Prêmio Câmara Municipal de Santo André

Aracy R. Monteiro Zanotti
Sinval Correia Soares